O TRABALHO GUARANI MISSIONEIRO NO RIO DA PRATA COLONIAL 1640-1750

Eduardo Neumann

MARTINS LIVREIRO - EDITOR

Martins Livreiro - Editor, através da publicação dessa dissertação de mestrado, vem ampliar o canal de comunicação que trilha a décadas. A divulgação da produção acadêmica recente, mesmo com algumas alterações, assume uma importância ímpar na medida em que aproxima a Universidade e o saber à sociedade sul-rio-grandense, ratificando o compromisso e a tradição desta editora.

O livro que segue é o resultado de um trabalho acadêmico, e como tal, com as características pertinentes ao tipo de escrita. Entretanto, destinado tanto ao público leigo como especializado nos temas históricos. O diferencial fica por conta do interesse do leitor nas notas de rodapé.

A preocupação central dessa obra é apontar a importância que representaram os guaranis missioneiros para a manutenção da sociedade colonial. Procura-se, assim, lançar luzes sobre uma fração do passado rio-platense e ao mesmo tempo sinalizar uma lacuna existente na historiografia que versa sobre este período. Nesse sentido, este livro pretende ser uma *história social do trabalho*, uma vez que busca explicitar os executores das atividades laboriais realizadas nas Províncias do Rio da Prata.

Por estes motivos, durante os séculos XVII e XVIII, foram constantes as requisições para que os guaranis missioneiros aldeados sob a tutela jesuítica prestassem serviços ao poder público.

A precária oferta de trabalhadores e o desinteresse manifesto pela população rio-platense de as-

1715 T
5.P

EDUARDO NEUMANN

O TRABALHO GUARANI MISSIONEIRO NO RIO DA PRATA COLONIAL
- 1640/1750 -

MARTINS LIVREIRO-EDITOR
Porto Alegre
1996

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

3

EDUARDO NEUMANN

O TRABALHO GUARANI MISSIONEIRO NO RIO DA PRATA COLONIAL

– 1640/1750 –

Renato Nicolai

MARTINS LIVREIRO-EDITOR
Porto Alegre
1996

© EDUARDO NEUMANN

FICHA CATALOGRÁFICA

N489t Neumann, Eduardo
O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial, 1640-1750 / Eduardo Neumann. — Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
156p. ; 22 cm.

Bibliografia

1. MISSÕES JESUÍTICAS - RIO DA PRATA. 2. ÍNDIOS GUARANIS - MISSÕES JESUÍTICAS.
I. Título CDU 572.95(282.281.6) "15/18"

Capa: Montagem a partir do desenho existente em Simancas Espanholas

Atendemos pelo Reembolso Postal
MARTINS LIVREIRO - EDITOR
Riachuelo, 1279 - Fundos
Fone/Fax: (051) 224.4798
90010-271 - Porto Alegre - RS - Brasil

Remetemos nosso catálogo gratuitamente

O TRABALHO GUARANI MISSIONEIRO NO RIO DA PRATA COLONIAL
- 1640/1750 -

Apresentação 07
REFERENCIAS 09

INTRODUÇÃO
a história colonial rio-platense em perspectiva 11

O PALCO

1. BUENOS AIRES E O CENÁRIO 21
1.1 Aspectos e condições da cidade-porto 22
1.2 Populações Indígenas:
convivência e inconvenientes no rio da Prata 28
1.3 Condicionantes Hispânico 44
1.4 Demanda e oferta de "ofícios mecânicos" 39

OS BASTIDORES

2. MISSÕES GUARANI JESUÍTICAS:
um centro de capacitação e qualificação 47
2.1 O florescimento das reduções guarani jesuíticas 48
2.2 O centro de instrução: o pátio dos artífices 58
2.3 Sazonalidade das atividades:
a cadência das estações 63
2.4 Fugas e castigos: as duas faces da disciplina 67

O GRANDE CENÁRIO

3. A PARTICIPAÇÃO GUARANI MISSIONEIRA NA VIDA COLONIAL RIO-PLATENSE 75
3.1 Relevância das Reduções no Paraguai Colonial 76
3.2 Modalidades de serviços prestados: 81
a)Facções de guerra; 81
b)Obras públicas; 92
c)Transporte e abastecimento 97
3.3 A Questão Tributária: 101
a) As adaptações a realidade colonial rio-platense 101
b) O acerto de contas 104

A CENA EM FOCO E OS ATORES SOCIAIS

4. A IMPORTÂNCIA DO GUARANI MISSIONEIRO NA BUENOS AIRES COLONIAL 113
4.1 A estréia da presença na cidade-porto 115
4.2 O Perigo materializado: Sacramento 118
4.3 Novo Século: novas medidas 124
4.4 Guaranis Missioneiros: a opção preferencial 132
4.5 "Alquilandose libremente" 137
CONSIDERAÇÕES FINAIS 143
BIBLIOGRAFIA GERAL 147

APRESENTAÇÃO

A escolha de um tema para a elaboração de uma dissertação de mestrado por vezes está entrelaçada com uma trajetória acadêmica iniciada na graduação.

Ao optar pela temática platina colonial, como objeto de minhas investigações, tencionei conjugar em um trabalho os saberes adquiridos ao longo deste percurso, no qual imaginei canalizar os conhecimentos históricos, arqueológicos, geográficos e sociais adquiridos nesta empreitada.

Outros foram os esforços direcionados para uma maior aproximação a esta realidade social, em que busquei dominar com maior proficiência a língua espanhola, bem como possuir noções do idioma indico (Guarani) e conhecer melhor a cidade alvo implicada nesta dissertação: Buenos Aires.

Como elemento extra ao mosaíco de requisitos que considerei fundamental para um maior domínio dos temas ibero-platinos, tive a oportunidade de conhecer os dois países envolvidos nos discutidos Tratados de Tordesilhas e de Permuta: Espanha e Portugal.

Por ter optado pela temática colonial platina, foi necessário travar contato com pesquisadores dos países vizinhos do Brasil e casualmente, esses mesmos países são os signatários do "Tratado de Assunção" que lançou as bases do Mercado Comum do Sul (Mercosul).

No transcurso dos trabalhos de coleta de dados, foram realizadas incursões por arquivos, bibliotecas, institutos e museus localizados em diferentes cidades.

Interessado em ampliar a consulta nos documentos coloniais, solicitei, por várias vezes, a concessão de uma bolsa de estudo que permitisse uma aproximação ao universo documental depositado nos arquivos e bibliotecas da Espanha. Minha solicitação foi atendida pela Agência de Cooperação Espanhola, através do Instituto de Cooperación Iberoamericana, que me concedeu uma bolsa de investigador, permitindo minha estada por seis meses em Madri e facultando o meu acesso ao amplo universo documental e bibliográfico existente nas instituições espanholas. Desde já, o meu muito obrigado.

Ao longo desta caminhada, muitos foram os achados, descobertas e decepções, mas que apesar de todos os contra tempos vai chegando ao seu final (será?).

Como não poderia deixar de ser, esse percurso envolveu uma série de pessoas, as quais gostaria de aproveitar a oportunidade para expressar o meu agradecimento.

Começo pelo meu amigo e orientador, Dr. Arno Alvarez Kern, que sempre acreditou em meu trabalho, incentivando-me e colaborando no que fosse necessário para a realização desta dissertação, estando diretamente envolvido nesta longe durée.

Outra pessoa que colaborou de maneira fundamental para a realização desta pesquisa foi o Dr. Pedro Perez Herrero, titular do Departamento de América I, da Universidade Complutense de Madri, que aceitou me co-orientar, e facilitou sobremaneira minhas investigações em terras espanholas. Pedro, muchisimas gracias por las citas en los jueves.

Em Madri, devo especial agradecimento a Carmen & Dudu, que tão cordialmente receberam-me, tornando mais agradável minha estada em seu país. Hombres desde já minha gratidão. Vale.

Agradeço a amizade sincera de algumas pessoas, que além das palavras de incentivo, colaboraram de maneira direta ou indireta na realização desta dissertação. Refiro-me as pessoas de Eduardo Salgado, que além do apoio constante, ainda responsabilizou-se pelo abstract; a Fábio Kühn, pela interlocução histórica acompanhada dos mates de fim de tarde; a Temístocles Cezar, pelos conselhos e disposição em ler a primeira versão desta dissertação.

Lembro ainda de Miriam Cazzeta, pelos projetos em conjunto e momentos agradavéis compartilhados, distanciada por sua estada paulistana. Não poderia deixar de mencionar o colega de mestrado Adhemar Lourenço, pela amizade e os auxílios nos assuntos de informática. Muito obrigado pelos "help-Adhema".

Agradeço ainda ao Conselho Nacional de Desenvolvimento a Pesquisa (CNPq), pela concessão de uma bolsa de mestrado que, apesar de todos os percalços, foi responsável pelo financiamento desta dissertação.

Por último faço uma especial referência aos muitos funcionários das diversas instituições consultadas que com humores variados, colaboraram de maneira anônima na realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

INSTITUIÇÕES CONSULTADAS

A.G.I Arquivo Geral de Indias, Sevilha.

A.H.N.M Arquivo Histórico Nacional, Madrid

A.H.R.G.S Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
Porto Alegre/RS

B.H.M Biblioteca Hispânica, Madrid

B.I.E.B Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros.
São Paulo/SP

B.N.M Biblioteca Nacional, Madrid

B.P.R.S. Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS

B.R.A.H Biblioteca da Real Acadêmia de História, Madrid

I.H.R.G.S Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS

M.P Museu Paulista, São Paulo/SP

M.A.L Memorial da América Latina, São Paulo/SP

INTRODUÇÃO
a história colonial rio-platense em perspectiva.

Os trabalhos históricos produzidos sobre o período colonial hispano-americano estiveram, durante muito tempo restritos a esquemas interpretativos generalizantes, analisando em *lato sensu* a história sul-americana, homogeneizando fases que apresentaram matizes distintos.

Outro aspecto bastante recorrente na produção historiográfica que versa sobre o período colonial, é o de privilegiar as questões vinculadas com a mineração e agro-exportação, não levando em conta os aspectos internos que bem ou mal, mantiveram a sociedade colonial hispano- americana abastecida através da articulação dos diversos mercados internos.

No tocante à porção meridional Atlântica dos domínios Espanhóis na América do Sul -denominada de Região Platina- esta não foi uma sociedade estática, sem sinais de alterações como geralmente se supõe. Muito das limitações contidas nas análises que contemplam a temática colonial rio-platense dizem respeito aos poucos estudos preocupados em abordar os aspectos internos manifestos na manutenção desta sociedade.

Neste sentido, o estudo da formação dos mercados internos coloniais é uma tendência moderna na historiografia sobre o período e tem contribuído para a produção de análises mais acuradas, onde a história colonial platina não é abordada apenas como um apêndice das áreas centrais[1], no caso o Altiplano Boliviano, onde predomina o modelo agro-exportador minerador. Trabalhos com esta preocupação têm contribuído para apontar as limitações de aplicação de modelos de áreas centrais com generalizações excessivas. Como proposta de trabalho tem-se desenvolvido estudos específicos, visando melhor compreensão do processo global de ocupação e transformações operadas na América hispânica[2].

Os principais trabalhos, até então desenvolvidos sobre as terras banhadas pela Bacia Platina, apenas privilegiavam duas grandes temáticas, a saber: uma vinculada a pecuária e outra aos trabalhos missionais. A primeira justifica-se pelo fato de ter sido a exportação de couros a "riqueza única" que inseriu um produto dessa região na pauta de exportações mundiais[3]. Posteriormente a carne veio ocupar esta condição.

Por sua vez, os trabalhos referentes à catequese, aldeamentos e trato com o indígena são muito abundantes, por despertar, desde o século XVIII, o interesse de cronistas, viajantes, autoridades e religiosos envolvidos. Boa parte dessa produção foi desenvolvida por membros da Companhia de Jesus[4], ordem que teve destacado papel em terras platinas. Em boa parte desses trabalhos prevalece a ótica eclesiástica o que equivale a descrições apologéticas e de exaltação dos feitos da ordem. A documentação referente à Província Jesuítica do Paraguai[5] é muito abundante e diversificada, conforme indicam vários autores[6].

Nos últimos decênios, o estudo das missões guaranis e o interesse pela temática colonial rio-platense tornou a crescer, principalmente entre autores não jesuítas. Na década de cinqüenta surgem trabalhos específicos sobre os aspectos econômicos das reduções[7]. Nas décadas seguintes, novos estudos são elaborados dentro de uma perspectiva científica[8], em que figuram interpretações elaboradas a partir de diferentes campos de investigação[9]. Em meados da década de oitenta, pesquisadores da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, voltam a direcionar suas atenções para temas referentes ao passado colonial[10].

Na sua grande maioria, esses novos trabalhos sobre a temática colonial privilegiaram fundamentalmente a história econômica[11], elaborando análises de cunho materialista da sociedade colonial rio-platense. Algumas abordagens, entretanto, dedicaram-se às interpretações voltadas à etno-história[12] ou ao estudo das chamadas mentalidades (*cultural*)[13]. A Arqueologia Histórica, campo de pesquisa recente no Brasil, tem contribuído

com a divulgação de novos dados e a elaboração de sínteses sobre a temática colonial platina[14].

Os trabalhos mais atuais, publicados sobre o passado colonial rio-platense, são de autores que investigam o tema há longos anos. Estes pesquisadores estão interessados em analisar algumas peculiaridades das estratégias adotadas nas reduções durante o período missioneiro[15], bem como evidenciar as rotinas dos homens e mulheres da colônia[16].

Apesar da configuração do mercado interno colonial ser uma abordagem gerada a partir de trabalhos de caráter econômico, é importante assinalar que consideramos as relações sociais como a trama que torna compreensível as atividades econômicas, conforme destacou Garavaglia[17].

Neste sentido, esta dissertação pretende ser uma história social do trabalho, uma vez que buscamos explicitar os executores das principais atividades laborais realizadas na então Província do Paraguai, mais especificamente em Buenos Aires e nas terras que integravam sua jurisdição ao longo dos século XVII e XVIII.

O interesse não é exclusivamente pelo número de realizações, ou por quantificar os objetos que foram transformados em mercadorias, mas, sim, indicar quem eram os homens responsáveis por tornar viáveis estas atividades; como e quando estes executavam os trabalhos; e por quais canais recebiam os ensinamentos que possibilitavam o desenvolvimento dessas tarefas.

A relevância em identificar os executores das diferentes atividades realizadas no período colonial rio-platense se faz diante dos graves problemas e da imensa dificuldade enfrentada para arregimentar trabalhadores capacitados a desenvolver várias tarefas essenciais à manutenção e reprodução dessa sociedade.

Nas margens do rio da Prata, a guarnição mais austral do Império Colonial Espanhol, a cidade-porto de Buenos Aires foi

o local onde mais acentuadamente se fez sentir esta precária oferta de força de trabalho.

A hipótese geral que orienta esta investigação é a de que os guaranis missioneiros apresentaram ativa participação no desenvolvimento de Buenos Aires, ao atuarem como força de trabalho especializado em tarefas manuais, serviços de guerra, transporte e abastecimento. As reduções guaranis, por apresentarem-se como um centro de formação e capacitação de mão-de-obra, qualificavam centenas de guaranis para o trabalho regular.

Deste modo, por estarem habilitados nas mais variadas tarefas manuais e agropecuárias, os índios das missões contribuíram de alguma maneira para a viabilidade de Buenos Aires enquanto núcleo colonial rio-platense.

Estes guaranis nem sempre estavam dispostos a servir *Sua Magestad,* mas nem por isto deixavam de fazê-lo. Outros, por sua livre eleição, alugavam sua força de trabalho para a população portenha, trabalhando por temporadas conforme suas necessidades.

Objetivando esclarecer esta atuação averiguamos os mecanismos acionados pelo Poder Público Colonial para possibilitar a presença destes guaranis na cidade-porto. Para tanto, foi preciso compreender os constantes trâmites e as negociações subjacentes entre as autoridades coloniais e os membros da Companhia de Jesus. Em suma, os fluxos e refluxos da burocracia colonial. Assim tornou-se possível indicar por que recaía sobre os ombros destes guaranis o fardo destes árduos trabalhos, e quais foram as modalidades de ofícios mais comumente exercidas.

Poucos são os estudos que se ocupam de Buenos Aires nos seus primeiros tempos[18], concentrando-se as análises preferencialmente a partir da segunda metade do século XVIII, quando esta cidade foi alçada a condição de sede do recém criado Vice-Reinado do Rio da Prata, em 1776.

Neste sentido, esta dissertação priorizou comprovar a importante atuação guarani missioneira nos primeiros séculos de existência da cidade-porto e para tanto foram desenvolvidos os capítulos que a seguir estão resenhados.

Uma primeira abordagem foi dedicada à análise do palco portenho, a partir da elaboração de um esboço das condições materiais da cidade de Trinidade e porto de Buenos Aires. Descreveu-se o estado material das instalações da cidade, privilegiando o cenário social, através da situação inerente ao convívio com as parcialidades indígenas nômades e belicosas, os condicionantes culturais manifestos pelos colonizadores que tomaram o rumo do rio da Prata, e a demanda existente na cidade por trabalhos manuais especializados, além das dificuldades provenientes da baixa oferta de trabalhadores existente junto à população colonial portenha.

Em outro momento são enfocados os bastidores das reduções guaranis, quando são descritas as etapas de catequização, estruturação e florescimento dos trabalhos missionais desenvolvidos pelos jesuítas no Paraguai colonial, analisando o peso que representou em plena floresta subtropical o elevado nível de capacitação de mão-de-obra qualificada nas reduções. Igualmente foi enfocada a sazonalidade das atividades realizadas na colônia e a adequação destas aos ritmos dos guarani nas reduções, além da relação existente entre as evasões registradas nas reduções jesuíticas e os castigos impostos aos guaranis missioneiros.

Uma abordagem foi reservada ao grande cenário, por ser a Província do Paraguai, na sua extensão platina, o pano de fundo onde foi registrada a ampla participação dos guaranis missioneiros. A relevância dos trabalhos executados por esses na sociedade colonial rio-platense, foi analisada nas diferentes modalidades de serviços prestados, com ênfase em três: facções de guerra, obras públicas, transporte e abastecimento. Nesta mesma abordagem, mas em outro momento, foram analisados os meandros da tributação que incidia sobre as reduções gua-

rani-jesuíticas e os acordos tácitos que findaram por preponderar nesta relação entre Coroa e Companhia de Jesus.

Por fim analisamos a cena em foco, em que são apresentados os atores sociais que possibilitaram a execução de alguns trabalhos mecânicos em Buenos Aires. Neste momento são enfocados os fatos pertinentes à estréia da presença guarani missioneira no perímetro urbano portenho, a situação gerada em função da proximidade de Sacramento e o porquê de ter recaído sobre estes guaranis o peso das prestações de serviço nas obras públicas de Buenos Aires, além de apontar, no século XVIII, a possibilidade existente destes alugarem livremente sua força de trabalho para a população portenha, indicando a periodicidade desses trabalhos e as modalidades de serviços mais recorrentes.

Esta análise está embasada na documentação oficial, de lavra eclesiástica ou real, publicada ou manuscrita[19], tanto quanto foi possível o acesso, e na bibliografia existente sobre a temática platino-missioneira.

Para empreender esta abordagem, foram estabelecidas duas conjunturas bem definidas para demarcar esta longa duração. As datas que balizam esta investigação, 1640 a 1750, foram escolhidas porque mil seiscentos e quarenta é o ano em que ocorre o final da União das Coroas Ibéricas (1580-1640) quando Buenos Aires deixou de ser um "porto aportuguesado". Registrando, assim, um forte declínio no ritmo das atividades comerciais nesta praça, e por ser nesta época que pela primeira vez primeira é feita a concessão de armas de fogo aos guaranis sob a tutela jesuítica, o que possibilitou o rechaço às investidas bandeirantes que quase inviabilizaram a experiência reducional jesuítica em terras rio-platenses. Assim, em 1641, quando ocorre a Batalha de M'bororé, os bandeirantes paulistas foram derrotados pela "milícia guarani" orientada pelos jesuítas. A partir deste confronto, os bandeirantes poucas vezes voltaram a investir contra a Província Jesuítica. Esta situação contribuiu so-

bremaneira para a estabilização e florescimento dos povoados sob a orientação jesuítica.

Mil setecentos e cinqüenta é a baliza temporal que delimita o final desta análise porque é nesse ano que as Coroas Ibéricas assinam o Tratado de Madri, que ensejou um rearranjo de forças na América Meridional. Uma nova conjuntura é encetada a partir das reformas burbônicas, que findam por dinamizar as relações entre a colônia e a metrópole. Essa é a conjuntura do despotismo esclarecido, na qual a tônica anticlerical torna-se uma constante, restringindo, assim, os espaços de influência do clero jesuítico junto às autoridades reais.

A delimitação estabelecida para esta investigação foi escolhida porque além de não ser uma periodização rígida tem a "(...) vantagem de levar em conta diversos elementos do todo social, não se limitando a uma escansão absolutamente arbitrária e isolada de cada um de tais elementos quantos aos demais"[20].

Dentro desses limites temporais, sempre realizando referências aos fatos históricos julgados pertinentes, procuramos analisar a importância que representou para a população de Buenos Aires a participação da força de trabalho missioneira, egressa ou evadida das reduções guarani-jesuíticas ao longo do século XVII e XVIII.

Ao testar a hipótese proposta, buscamos lançar luzes sobre uma fração do passado colonial portenho e ao mesmo tempo sinalizar uma lacuna existente na historiografia que versa sobre este período. Para tanto colocamos em destaque os atores sociais implicados nestas realizações, apontando uma das formas concretas que adquiriram os sistemas de exploração do trabalho na região platina.

Neste quadro de embates, refregas, escaramuças, trocas comerciais e relações interétnicas, busca-se resgatar centenas de guaranis anônimos, que inscreveram sua história através de seu suor e sangue nas páginas desta região.

NOTAS

1. Apesar de não considerar a região platina apenas como um apêndice das áreas centrais, é importante alertar evitando possíveis confusões que "(...)esta realidad que estudiamos, es parte integrante de un conjunto, el espacio peruano, cuya definición primera es la de ser una formación colonial". GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado interno y Economia Colonia*l. Grijalbo: Mexico,1983, p.382.

2. Entre estes estudos apontamos os de Gelman (1992), Perez (1992), Tander (1985),Garavaglia (1983,1987,1989,1992) etc (Vide bibliografia).

3. Um exemplo da hipótese clássica de formação da estância colonial em meados do século XVIII, onde a região platina é apresentada como imagem de uma estância pode ser encontrada nos trabalhos de: GIBERTI, Horacio C.E. *Historia Economica de la Ganaderia Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Solar. 1970 (nuena edición actualizada y corregida) ; CONI, Emilio. A. *Historia de las Vaquerias de Rio de la Plata, 1555-1750*. Buenos Aires: Editorial Devenir, 1956; MONTOYA, Alfredo, J. *Como evoluciono la Ganaderia en la época del Virreinato*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984. Estas obras tem como abordagem a preponderância da pecuária no Prata, indicando que é a partir dos couros que esta região encontrou seu lugar nas exportações mundiais.

4. Para uma aproximação desta produção dos membros da Companhia de Jesus, consultar a "Revisión bibliografica y sus fuentes", in CARBONELL, Rafael. *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaraníes (1609-1767)*. Barcelona: Instituto de Estudios Fiscales,1992, cap 1, item 4, pp.08-13.

5. Uma ótima análise e revisão da documentação produzida a respeito das missões guarani, pode ser encontrada em MÖRNER, Magnus. *Actividades políticas y economicas de los jesuítas en el Rio de la Plata*. Buenos Aires: Editorial Paidos, 1968; em especial o capítulo: "Examen de las Fuentes y de la Bibliografia", pp:152 a 162. Onde o autor elabora uma ótima síntese das fontes que se ocupam da Provincia Jesuítica do Paraguai.

6. Considerações desta ordem pode ser consultadas em KERN, Arno. Problemas teórico-metodológicos relativos à análise do processo histórico missioneiro. *Anais da VI Reunião da SBPH.1986*.

7. Com destaque para os trabalhos de POPESCO, Orestes. *El sistema económico en las misiones jesuíticas*. Bahia Blanca: Editora "Pampa-mar" 1952; MÖRNER, Magnus. *Actividades politicas e economicas de los jesuítas en el Rio de la Plata*. Buenos Aires: Paidos, 1968.

8. Entre os trabalhos de alguns modernos historiadores e etnologos, destacamos: SUZNIK, Branislava. *El guarani colonial*. Assunção, Museo Etnográfico "Andrés Barbedo", 1965, 2 Vs; HAUBERT, Maxime. *La vie quotidienne au Paraguay sous les Jesuites*. Paris, 1967. GARAVAGLIA, Juan Carlos. "Un modo de producción subsidiário: la organizacion económica de las comunidades guaranizadas durante los siglos XVII-XVIII en la formación regional alto-rioplatense". In ASSADOURIAN, Carlos Sempat et alii - *Modos de producción en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974. 2ª edição,pp.161-191; GADELHA,Regina Maria.A.F. *As Missões Jesuíticas do Itatim:Um estudo das estruturas socio-econômicas coloniais do Paraguai (seculos XVI e XVII)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1980. KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Mercado Aberto: Porto Alegre.1982.

9. Nos referimos, principalmente, aos trabalhos com base na documentação demográfica de MAEDER, Ernesto J.A & BOLSI, Alfredo S.C. "La población guarani de las misiones jesuíticas.Evolución y caracteristicasw (1671-1767). **in** Cuadernos de Geo Historia Regional.Nº 4. Instituto de Investigaciones Geo-historicas. Conecet. Fundanord. Corrientes,1983. Outro aporte tem fornecido os trabalhos elaborados por arquitetos, preocupados com a utização da arquitetura nas missões como um dos recursos a catequisação, como exemplo vide GUTIERREZ, Ramon. La evangelización atraves de la arquitetura y el arte en las misiones jesuíticas de los guaranies. **in** *La evangelización en el Paraguay:cuatro siglos de historia*. Ed.Loyola; GUTIERREZ, Ramon. Estrutura urbana de las misiones jesuíticas del Paraguay **in** *Asentamientos urbanos y organización socio produtiva en la historia de America Latina*.(org) HARDOY, Jorge & SHAEDEL, Richard. Buenos Aires: Ediciones SIAP. 1977.

10. Como exemplo da produção local indicamos algumas dissertações e teses recentemente elaboradas, bem como os projetos e linhas de pesquisa desenvolvidos junto aos cursos de graduação e pós-graduação em história existente na capital do estado: OSORIO, Helen. A apropriação de terras e a criação do espaço platino. CPG-UFRGS.1990.(Dissertação de Mestrado); Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq/ Fapergs "A Região Platina nos séculos XVII e XVIII: conceito e realidade", sob a coordenação das Professoras Doutoras Heloísa Reichel e Ieda Gutfried; SANTOS, Maria Cristina. Os movimentos guarani de resistência à colonização da bacia platina-1537/1660-.(Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Pós-Graduação de História,PUCRS,1988; CALEFFI, Paula. La Provincia Jesuítica del Paraguay: Guaranies e Chiquitos. Un analisis. Un analises comparativo. Tesis Doctoral. Univiversidad Complutense de Madrid, 1990.

11. Um exemplo desta produção são as publicações da Revista Argentina "*Desarrollo Economico*", onde foram divulgados vários trabalhos de autores da chamada "Nova Historiografia" Platina, que questionam a validez da hipótese clássica a respeito da formação da estância colonial.

12. Destacamos os trabalhos de Bartomeu Melia (1979,1986,1987,1989) e Branislava Susnik (1979,1984) (vide bibliografia).

13. Figura entre estes poucos trabalhos, o de BARRAN,Jose Pedro. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.(Tomo I: La cultura barbara,-1800/1860-,1989; Tomo II: El disciplinamento,-1860/1920-, 1990).
14. Vide o projeto "Arqueologia Histórica Missioneira", sob a coordenação do Prof. Dr. Arno Alvarez Kern. No âmbito deste projeto foram desenvolvidas boas dissertações de mestrado versando sobre aspectos referentes a vida colonial rio-platense, como os trabalhos de Fernanda Tocchetto (1991) Claudio Baptista Carle (1993), e Lizete Dias de Oliveira (1993).
15. CARBONELL DE MASY, Rafael.*Estratégias de desarrollo rural en los Pueblos Guaraníes (1609-1767)*. Barcelona: Instituto de Estudios Fiscales,1992.
16. GARAVAGLIA, Juan Carlos.*"Vida Cotidiana --Hombres y mujeres de la Colonia"*. Buenos Aires, Ed. SudAmericana,1992.
17. "(...)lo social es la trama que hace inteligible lo economico y que todo intento de separar estos ámbitos es nada más que el resultado de la incompresión de una vieja imagen marxiana poco feliz(...)" in GARAVAGLIA, opus.cit.,Prologo, p.22.
18. Entre estas exceções destacamos o trabalho de ADOLFO, Hector Cordero. *El Primitivo Buenos Aires*. 2 edição. Buenos Aires:Plus Ultra, 1986. 2ª edição; LAFUENTE, Machain Ricardo de. *Buenos Aires en el Siglo XVII*. Buenos Aires: Emece Editores S.A, 1944. CANABRAVA, Alice Piffer. *O Comércio Português no Rio da Prata 1580-1640*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP,1984. Em 1936, por ocasião das comemorações dos 400 anos da primeira fundação de Buenos Aires, foram editadas algumas obras comemorativas, que findam por apresentar a história de Buenos Aires como sendo a história da Argentina, comentando alguns aspectos dos primeiros decênios da cidade, mas sem elaborar análises sobre o passado colonial portenho.
19. A documentação acessada e utilizada nesta dissertação sofreu uma pequena atualização ortográfica a fim de facilitar a inteligibilidade do leitor, além da dificuldade adicional em se reproduzir graficamente alguns destes caracteres. Estas modificações em nada alteraram a riqueza dos documentos consultados, pois houve a preocupação em manter o "sabor" dos originais.
20. NEVES, Luis Felipe Baeta. *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.1978, p.21.

1. BUENOS AIRES E O CENÁRIO COLONIAL

"El pueblo está situado en un terreno elevado a orillas del Rio de la Plata, a tiro de fusil del canal, en un angulo de tierra formado por un pequeño riacho llamado Riachuelo que desagua en el Rio a un cuarto de legua del pueblo;contiene cuatrocientas casas y ni tiene cerco, ni muro, ni foso, y nada que lo defienda, sino un pequeño fuerte de tierra que domina el rio, circundado por un foso, y monta diez cañones de fierro siendo el de menor calibre de a doce. Allí reside el Gobernador(...)"[1]..

A cabeça da governação do Rio da Prata, localizada "(...) en la Ciudad de la Santissima Trinidad, que es la que vulgarmente llaman Puerto de Buenos Ayres(...)"[2], apresentava-se como uma cidade portuária precariamente instalada na porção mais austral de todo o Império Colonial Hispano-Americano.

Desde a primeira tentativa de instalar uma cidadela na margem ocidental do rio da Prata, em 1536, a Coroa Espanhola ficou ciente das dificuldades mais imediatas em estabelecer uma guarnição nesse meridiano: as adversidades climáticas e a ação bélica das parcialidades indígenas que circundavam as imediações, determinando, inclusive, o esvaziamento dessa praça colonial em 1541.

Por ocasião da segunda fundação de Buenos Aires, em 1580, os problemas de outrora seguiram na pauta do Cabildo de Buenos Aires, sendo acrescidos da falta crônica de recursos materiais e humanos. A precariedade populacional como de gente habilitada nos diversos ofícios mecânicos aparecem constantemente referida na documentação colonial, sendo esta

---

[1] ACARATE DU BISCAY, Descripción de la ciudad, 1648. in LAFUENTE, Ricardo Machain de. *Buenos Aires en el Siglo XVII.* Buenos Aires: Emece Editores S.A.1944, p.191.

[2] Doc XXIV- Anuas dos anos de 1653 ao fim de 1654, in MANUSCRITOS, Vol II, p.123.

uma das causa mais imediatas do agravamento das dificuldades que acomediam a principal porta da América meridional.

O estado da fortificação que guarnecia a cidade-porto refletia a deteriorada situação material do *presídio* instalado na margem direita do Estuário Platino.

Neste cenário, precariamente instalado na barranca ocidental do rio da Prata, distintos atores sociais atuaram para prover e prever Buenos Aires de condições mínimas que assegurassem a sua manutenção enquanto praça colonial espanhola.

1.1 ASPECTOS E CONDIÇÕES DA CIDADE-PORTO

Uma das considerações mais freqüentes a respeito das instalações materiais de Buenos Aires, além de sua pobreza acentuada, referia-se à necessidade de melhorar a fortificação que a guarnecia.

Desde muito o referido "(...) fuerte deste puerto no tiene mas que el nombre, por ser todo de tapia(...)"[3], colocando as autoridades coloniais diante da necessidade de viabilizar a defesa desta porta estratégica, pois "(...)seria conbeniente fortificar esto mas porque pocos Enemigos podrian hazer mucho dano"[4].

Essa preocupação externaliza a principal inquietação existente a respeito de Buenos Aires, ou seja, a de cair em mãos de nações rivais da Espanha; por sua vez o maior temor da população portenha decorria dos esporádicos assédios que os índios nômades e belicosos lhes impingiam.

Quando Juan de Garay, em 1580, processou a reinstalação de Buenos Aires, dividiu o local em várias quadras, instalando os solares e indicando as áreas reservadas aos prédios públicos, eclesiásticos e onde a praça maior deveria tomar lugar: originalmente "(...)debia hallarse en la mitad de la ciudad pero la

[3] A.G.I, Charcas 138. Buenos Ayres 4 de mayo de 1621. carta de Fr.Thomas Obispo del Paraguay.
[4] Ibidem.

realidad fué otra, pues los vecinos más destacados y el comércio principal buscarón la proximidad del puerto(...)"[5], localizado ao sul, no curso d'água conhecido como Riachuelo.

Um dos principais aspectos da cidade, mencionado pelos viajantes que chegavam a Buenos Aires pelo Rio da Prata e atracavam no porto localizado a um quarto de légua[6] do aglomerado urbano, referia-se às condições das construções desta municipalidade. Que apesar das condições são chamadas assim "(...) por ellos ciudades, pero en realidad se parecen a humildes aldeas porque en la India ningun pueblo pasa por la humillación de llevar el nombre de aldea o villa"[7].

Mesmo o porto que cedeu seu nome à cidade, não apresentava as melhores condições para os navios fundearem suas âncoras, levando o Padre Cattaneo, em 1729, a comentar que "(...) no sé como los primeros conquistadores de estas tierras escogieron tal sitio para fundar a Buenos Ayres, y establecer un puerto, si no fuese por estar más seguro de cualquier enemigo de Europa"[8]; provavelmente o jesuíta desconhecia o conteúdo do texto da ata de fundação de Buenos Aires, na qual Juan de Garay manifestou-se sobre o local escolhido.

As demais instalações da cidade apresentavam um aspecto bastante precário, sendo que "(...) as casas no son considerables; estan edificadas con tierra batida entre maderos y mojandola un poco se hallan a nivel de calzada y sin piso; los conventos lo mismo, y cubiertas de paja"[9]. As únicas exceções corriam por

---

[5] LAFUENTE, *op. cit*, 1944, p. 30

[6] "Un cuarto de legua abajo de la ciudad, un profundo arroyo se echa en el rio, que no es vadeable sino a rededor de 6 leguas de allí; los navíos de hasta 300 toneladas entran para varar o para andar y al abrigo de las tormentas;(...)"; Dos Memorias ineditas...apud, LAFUENTE, *op.cit*, p.197.

[7] El Rio de la Plata por viajeros alemanes del siglo XVIII, según cartas traducidas por Juan Mühn, S.J, in *Revista del Instituto Histórico y Geográfico*, Montevideo, 1930, Tomo VII, p.264.

[8] Buenos Aires y Cordoba en 1729, segun cartas de los padres C.Cattaneo y C.Gervasoni. S.J. / estudio preliminar traducción y notas del arquitecto Mario J.Buschiazzo. Buenos Airtes: C.E.P.A. 1941(Colección Buenos Aires), p.127.

[9] Dos memorias ineditas sobre Buenos Aires en 1660, por los Hermanos Masiac. Journal de la Societe des Americanistes de Paris. I-XXV 2ª parte- 1933 apud LAFUENTE, *op.cit*,198.

conta das Igrejas que apresentavam telhas, mas sem exuberância arquitetônica.

Por sua vez, os poucos prédios públicos apresentavam constantes estragos, obrigando as autoridades locais a determinar "(...)que se acudiere a los reparos de las casas de cavildo y carcel pública porque se iban arruinando y pudriendo la madera por las goteras que avia(...)"[10], problema agravado diante da baixa oferta de trabalhadores habilitados na execução desses serviços.

Vista do rio, a cidadela não apresentava um aspecto acolhedor; edificada sobre uma barranca escarpada era possível localizar a torre de alguma Igreja que despontava entre as poucas edificações portenhas.

Apesar das dificuldades enfrentadas para a realização de construções vultosas, Buenos Aires contava com a presença de algumas ordens católicas instaladas na cidade: os Franciscanos, Dominicanos, Trinatários e a Companhia de Jesus. Os conventos destes religiosos integravam o espaço central desta cidade, contrastando com o prédio do Cabildo instalado em um dos lados da praça.

Uma construção de maior porte e de arquitetura peculiar, composta de muros e torreões, despontava na paisagem. Tratava-se do Forte Real. Outros dois fortes foram erguidos próximos ao Riachuelo, junto ao porto, para melhorar a *pouca prebension de defença que esta ciudad tiene*.

Essas instalações constituíam-se no que de mais vistoso Buenos Aires apresentava em sua paisagem colonial, restando algumas construções *en los caídos* da cidade, como eram conhecidas as áreas afastadas do espaço central.

Em meados do século XVII, a cidade-porto seguia convivendo com a situação de penúria que caracterizaria sua existência até os inícios do século XVIII, situação agravada diante

[10] Cabildo del 8 de abril de 1642. Casas del Cabildo. Sobre obligar a los vecinos a contribuir a la obra facilitando peones y resolución del Cabildo, in A.E.C.B.A, Serie I, Tomo IX,1911, p.274.

das medidas tomadas pelo Governador Jacinto de Lariz, ampliando ainda mais a pobreza reinante nessa praça[11].

As necessidades materiais vividas por Buenos Aires contribuíam para sua escassez populacional, quase determinando o seu esvaziamento, diante das dificuldades e do ônus em manter a cidadela integrada ao Império Colonial Espanhol.

O Forte existente na cidade fora batizado com o pomposo nome de *San Baltazar de Austria*, entretanto não passava de "(...)tapias de tierra muerta y derrunbada por algunas descubierta y sin defensa ni seguridad de los soldados que en ella estubieren las piezas de artilleria sin todos aderesos necesarios(...)"[12] levando o Cabildo Portenho, em 1641, a informar-se sobre a necessidade de colocá-lo em reais condições de defesa. No mesmo ano, o Cabildo voltou a expedir uma correspondência ao monarca espanhol alertando sobre "(...)lo que llaman fuerte en el solo lo es de nombre sin ningun baluarte ni otra defença militar la artilleria la mas della descavalgada(...)"[13], tornando extremamente vulnerável esta cidadela.

Temerosos pelos possíveis desdobramentos do precário guarnecimento estratégico, foi determinado ao Vice-Rei do Peru, Marques de Manzera, em 1644 "(...)fortificar de faxina la Ciudad de Buenos Ayres poniendola en estado de defensa"[14]. Em correspondência expedida posteriormente, a julgar pelas informações contidas, estas foram inócuas:

> "(...)sobre las disposiciones del fuerte que ayn para la defensa del Puerto de Buenos Ayres y de los otros dos que se havian hecho a la Boca del Riachuelo, y el poco util de que

---

[11] 1653-12-12. Carta de D.Fray Cristobal de Mancha y Velasco, Obispo de B.Aires, en que da cuenta á S.M de algunas cosas tocantes á su oficio pastoral, cuyos puntos van sacados en relación al margen de ella, in PASTELLS, Tomo II, p.351-2.

[12] Cabildo del 23 de Julio de 1641. Fuerte de San Baltazar de Austria:sobre la necesidad de ponerlo en estado de defensa, in A.E.C.B.A, Serie I, Tomo IX,1911, p.167.

[13] Cabildo del 8 de agosto de 1641. Carta al Rey. Se resuelve dirigirle una sobre las necesidades de la ciudad. Cabildo del 8 de agosto de 1641, in A.E.C.B.A, Serie I, Tomo IX, 1911, p.170.

[14] XXXVII-Exame necessario do Padre Lozano sobre o manifesto do Padre Vargas Machuca. (c).1760, in. MANUSCRITOS, Vol II, p.325.

eran todos, asi por el sitio en que estaban, como por la calidad de su fabrica(...)"[15].

Uma solução mais eficaz ao problema das fortificações de Buenos Aires começou a ser esboçado a partir da segunda metade do século XVII, quando foram gestionadas várias medidas conjuntas para viabilizar sua defesa, diante das crescentes notícias de invasão da cidade por parte de outras potências comerciais européias.

Os demais prédios públicos seguiam sendo alvo de constantes reparos, convivendo a cidade com uma situação de penúria material, determinada em parte pelas restrições de comércio legal via Atlântico.

A pobreza referida dizia respeito à dificuldade existente na chegada de material de construção, ferramentas e artigos de consumo refinados, devido a excessiva tributação que incidia sobre os produtos que chegavam a Buenos Aires.

As possibilidades comerciais deste porto, estavam extremamente limitadas em função das características do sistema monopolista espanhol. Uma das medidas que compunha esse sistema, era a de adotar uma só via para abastecimento de suas colônias, no caso a rota pelo Pacífico, monopolizando o comércio oficial nas mãos dos comerciantes limenhos. Com isto, outra modalidade comercial, no caso o contrabando, acabou se impondo como a única alternativa para o abastecimento da cidade a preços razoáveis.

Os comentários realizados pelos viajantes no final do século XVII e início XVIII, ao passarem pela cidade referiam a mesma estrutura urbana registrada por seus predecessores em meados do século passado. As pequenas melhorias decorriam do emprego de "(...) ladrillo, la teja y el blanqueo en los edificios, más frecuente cada dia, mejoraba el aspecto urbano a medida que

[15] Real cedula de 2 de Diciembre de 1648, sobre las fortificaciones y defensa del Puerto de Buenos Aires, in Tomo I, p.313.

transcurria el siglo y aumentaba el número de pobladores(...)"[16].

De fato, a cidade começaria a se expandir a partir do segundo quartel do novo século, experimentando um crescente urbano populacional jamais registrado na existência da cidade-porto, chegando, segundo dados de Besio Moreno, a quase 9.000 habitantes e contabilizando segundo um documento, algo como "90 tiendas y pulperias"[17].

José Cardiel foi um jesuíta missioneiro que desembarcou no porto de Buenos Aires em 1729. Após percorrer o território platino, referiu-se a Buenos Aires como sendo *la mayor, y mas rica ciudad de estas Provincias,* acrescentando detalhes sobre as construções, atestando as mudanças em curso: "(...)las casas son de solo un sueldo, que es causa de estenderse tanto; las Paredes de tierra; (ãunque algunos van haciendo haora de dos suelos , y ladrillos)"[18].

O crescimento de Buenos Aires, pelo inusitado que consistia diante das mazelas do século anterior, fora mencionado diretamente ao rei de Espanha, através de carta da própria cidade sobre a expansão urbana acusada por "(...)esta población con notable aumento en casas, y vecindad por la parte del Sur en el barrio llamado de San Pedro."[19].

As questões discutidas pelos cabildantes no prédio localizado em uma das laterais da Praça Maior de Buenos Aires apontava, agora, temas relativos ao ordenamento da ocupação do espaço e à regulamentação das atividades e serviços executados pelos habitantes nos espaços centrais desta capital em constante crescimento.

---

[16] LAFUENTE.,*op.cit*,p.37.

[17] Minuta del consejo de Indias del 20/7/1721, no Archivo general de Indias-Charcas 180, apud GARAVLAGIA, Juan Carlos. *Mercado Interno y Economia Colonial.* Mejico: Grijalbo.1983, p.409.

[18] Ibidem.

[19] 1738-6-30. Carta de la Ciudad de Buenos Aires a Su Magestad, in PASTELLS, Tomo VII, p.314.

Segundo uma gravura de 1740, o aspecto da cidade[20] já diferia bastante do cenário urbano que havia caracterizado Buenos Aires por muitos anos. A comparação efetuado por Concolorcovo[21] ratifica estas transformações urbanas.

A Fortaleza da cidade, motivo de tantas preocupações e alvo de constante trâmite de documentos entre a colônia e a Corte em Madri, estava concluída e todo "(...)el fuerte está rodeado de un foso bien profundo y se entra en él por puentes levadizos"[22].

1.2. POPULAÇÕES INDÍGENAS: *convivência e inconvenientes no Rio da Prata*

Desde os primórdios da instalação de Buenos Aires, a cidade conviveu com as situações inerentes à presença de parcialidades indígenas nômades e belicosas que circulavam pelas imediações do rio da Prata, oscilando entre um amistoso e breve contato inicial às posteriores animosidades que ocuparam boa parte da rotina dos primeiros conquistadores.

O Governador Irala, em 1641, "(...)ao abandonar Buenos Aires, explicava que nas terras onde se havia fundado Assunção os índios eram lavradores, enquanto os do estuário não semeavam(...)"[23], determinando que por ocasião da segunda instalação da cidade, em 1580, a população fundadora não pudesse desfrutar da força de trabalho indígena como ocorria nas de-

---

[20] Desenho a pluma de Buenos Aires realizado em 1740, autor anônimo, localizado na Biblioteca Nacional de Paris, apud CARRIL, *op.cit*, p.120. Vide gravura, no final do capítulo, p. 46.

[21] "La de mi asunto (Buenos Aires) se adelantó muchísimo en extension y edifícios desde el año de 1749, que estuve en ella." CONCOLORCOVO. *El lazarillo de Ciegos Caminantes*. Lima: Biblioteca Peruana. 1974. Cap II: Buenos Aires-Descripción de la Ciudad-Número de habitantes-Correos -Caminos-Los Indios Pampas, p.35.

[22] Ibidem, p.41.

[23] CHABANIER, E.-"Buenos Aires ville atlantique et les conditions de la colonization argentine", Annales de Geographie, XXXVIII, Année 1929; Garcia R- Notas a Historia da Republica Jesuítica do Paraguai, pp.43, nota 47, APUD in CANABRAVA, Alice Piffer. *O Comércio Português no Rio da Prata-1580-1640*. Belo Horizonte: Itatiaia.São Paulo: Ed da USP. 1984, p.67.

mais cidades. Os numerosos (...)repartimientos de índios, hechos poco después de fundada fueron puramente nominales, pues las tribus vecinas belicosas y nomades(...)"[24], não permitiram o seu aproveitamento a exemplo do que caracterizou o contato das parcialidades Guaranis com o espanhol, em Assunção, no Paraguai.

Esta diferença de comportamento decorria da presença de dois tipos de indígenas nas Províncias do Rio das Prata, um com conduta semi-sedentária, sendo *labradores con residencia fija*, e outros com um estilo de vida totalmente errante "(...)que andan vagando sin sitios ni sementeras determinadas(...)"[25], conhecidos como *indios infieis*, por não aceitar a vida em redução.

Os poucos índios que realizavam algum tipo de serviço eram conhecidos como *índios domésticos* e deviam ser obtidos em outras terras da província, como no caso dos Calchaqui ou Guarani, transladados respectivamente de Tucuman e Paraguai, para trabalharem em Buenos Aires, "(...)cuyos servicios se pagan tarde, mal y nunca"[26].

As demais parcialidades indígenas, que perambulavam pela governação do Rio da Prata, ocasionalmente atacavam a cidade instalada nesta margem, pois sua costa estava muito exposta as incursões de Charruas e Minuanos.

Após a pacificação dos Charruas, a população de Buenos Aires somente voltaria a ser molestada pela ação dos índios serranos e pampas que percorriam os campos circundantes à cidade-porto e porque "(...)a seis ou sete léguas da cidade entrava-se no domínio contestado do índio que varria a planície

---

[24] CONI, Emilio A. El Trabajo en la Ciudad de la Trinidad y Puerto de Buenos Aires(1580-1610). in *Agricultura Comercio e Industria Coloniales (siglo XVI-XVII)*. Buenos Aires, 1941, p.14.
[25] 1679-10-8. Informe que dio el P.Tomas Dombidas de la Compania de Jesus, sobre la reducción de los indios de la Provincia del Tucuman, Paraguay y Buenos Aires, in PASTELLS, Tomo IV, p.236.
[26] CONI, *op.cit*, p.17.

em bandos depredatórios e penetravam até na zona reservada às chácaras e pomares"[27].

Os incidentes ocasionados pela ação desses indígenas levou o Cabildo a determinar, em 1662, a averiguação destes acontecimentos, propondo como solução aos inconvenientes o "(...)castigo asi a los dichos agresores como otras naciones que ynfestan los caminos(...)"[28]. Esta situação deixava em constante estado de alerta as autoridades portenhas diante das possíveis investidas contra Buenos Aires.

Como medida adotada para minimizar os efeitos dos ataques dos índios *de la nazion pampas*, o Cabildo decide executar o *repartimiento* ordenado pelo Governador através do procurador geral da cidade.

A decisão de promover a "encomienda" e a posterior divisão dos índios que perturbavam a paz dos moradores de Buenos Aires é resultado das ordens reais expedidas por Madri. Entretanto, como era de conhecimento desde a fundação de Buenos Aires "(...)las Encomiendas que habia en aquella ciudad(...) donde se reconoceria el poco fruto y subsistencia de los índios de este distrito, huídos de sus encomenderos(...)"[29], obrigando as autoridades locais a determinar uma mudança de estratégia. Decidiu-se reunir todos os infiéis que viviam nas cercanias da jurisdição, em torno de 800, em três *pueblos*: "(...)el primero en la Laguna de Aguirre, á 8 leguas de dicha ciudad; el segundo sobre el Rio Lujan, á 10 leguas, y el tercero sobre el de Areco, ó Bagual(...)"[30].

Os efeitos positivos logrados com estas medidas foram extremamente efêmeros. Devido ao seu caráter nômade, os índios pampas voltaram a percorrer pela planície pampeana e irrom-

---

[27] CANABRAVA, Alice Piffer. *O Comêrcio Português no Rio da Prata(1580-1640).* Ed Itatiaia. USP,1984, p.65.

[28] Cabildo del 2 de Marzo de 1662. Españoles asesinados por los indios pampas, in A.E.C.B.A; Tomo XI; Serie I,1914, p.316.

[29] 1680. Real Cedula al Mestre de Campo D.Jose de Garro, Gobernador interino de Buenos Aires, in PASTELLS, Tomo III, p.351.

[30] Ibidem.

per os limites urbanos "(...)y que cada dia entraban á tropas con sus familias en Buenos Aires(...)"[31], ocasionando novos distúrbios[32].

A gravidade desta situação obrigava a tomada de medidas drásticas, uma vez conhecida a ineficácia da conversão/redução destas parcialidades, e os efeitos desastrosos "(...)que han causado los Yndios Rebeldes de Nacion Pampa y, Serranos en los terminos de este Puerto(...)"[33], determinando uma ação conjunta entre os *vecinos*, moradores, oficiais e soldados para realizar uma expedição punitiva a estes agressores.

No final do século XVII, as principais cidades rio-platenses enfrentavam problemas com os *índios infiéis*, em parte por estes circularem nos campos e estâncias furtando alguma cabeça de gado, por atacarem alguns viajantes, ou ainda por obstruírem a passagem das tropas junto aos caminhos e trilhas, atravancando o comércio[34].

Problemas envolvendo as parcialidades indígenas voltariam a ser registrados na segunda década do século XVIII. Novas contendas foram provocadas pelo roubo de gado das estâncias, fator que desencadeia a organização de tropas punitivas enviadas à campanha para conter os possíveis desdobramentos gerados pelos avanços destes saqueadores sobre a área limítrofe portenha.

As principais animosidades restringiram-se à conflitante convivência existente entre os índios da planície pampeana e a população portenha, uma vez que os Minuanos após estarem

---

[31] XXVII-Memorial dos Superiores das Missões do Parana e Uruguai, in MANUSCRITOS, Vol V, p.136.

[32] Cabildo del 26 de Agosto de 1680. Indios Pampas: sobre los robos y asesinatos cometidos por estos, in A.E.C.B.A, Tomo XV; Serie I,1911, p.421.

[33] Orden del Gobernador del Rio de la Plata, D.Jose de Garro, al Capitan D. Juan Baz de Alpoin para que acuda en auxilio del Capitan Juan de San Martin en la lucha contra los indios Serranos y Pampas. Trinidad de Buenos Aires, 13 de diciembre 1680. B.R.A.H, Mata Linares, Tomo XI.

[34] "Y con las mismas a los dichos Yndios Yaros y otros Ynfieles, tenian quitado el comercio de estos veinte y ocho pueblos con el Puerto de Buenos Ayres y demas Ciudades de Españoles(...). XXVII-Memorial dos Superiores das Missões do Parana e Uruguai,in MANUSCRITOS, Vol V, p.123.

em "(...)estado de guerra algunos años con los españoles de Buenos Aires, vinieron a paz en 1732(...)"[35], ficando o problema circunscrito à ação dos grupos indígenas conhecidos genericamente como Pampas e Serranos.

A esse estado de beligerância, relacionam-se diretamente os efeitos de um processo de ampliação da área de circulação dos índios Pampas e Serranos, decorrência imediata da introdução do gado bovino e cavalar no território. O contato comercial estabelecido entre esses índios, que viviam junto ao sopé da cordilheira, resultou no processo conhecido como "araucanização"[36] da planície pampeana, conseqüência da maior mobilidade desses pelo território.

A ação dessas parcialidades causava grande polvorosa junto à população colonial, diante da "(...)continua ymbacion y ostilidade de los yndios ynfieles allandose todos los caminos por donde se comunica y comercian los traficantes(...)"[37], sendo atribuído à ação desses índios infiéis o miserável estado das populações vizinhas. Por vezes costumavam tomar a direção de Buenos Aires, com finalidade pacífica, interessados em comercializar com a população local[38], como ocorreu certa vez, em 1744, quando "(...)al pago de Lujan han llegado Doscientos Indios Serranos de Paz y por que con el motivo de su llegada salen muchas personas a comprarles los ponchos que traen(...)"[39]. Nessas ocasiões obtinham em troca de seus artigos algumas

---

[35] 1743-10-17. Memorial de Juan Jose Rico de la Compania de Jesus, Procurador General por su Provincia del Paraguay, a Su Majestad, in PASTELLS, Tomo VII, p.521.

[36] "Sucedió que a principios de la XVIII centuria, la antigua población pampa que hasta entonces dominara en la inmensa llanura comenzó a desaparecer, siendo reemplazada por otra, de caracteres distintos y de estirpe araucana." CANALZ, Salvador Frau. Las Poblaciones Indigenas de la Argentina. Buenos Aires. Hyspamérica, 1986, p.211.

[37] Cabildo del 22 de Julio de 1741. Trigo, in A.E.C.B.A, Tomo VIII, Serie II,1929, p.288.

[38] "Van y bienen frequentemente a la Ciudad a vender perdizes, y algunas ôbrillas de manos." Breve relación de la Provincia del Paraguay de la Compañia de JHss. Manuscrito. B.R.A.H; Colección de las Cortes, Sig:9/2271. Assinada por Joseph Cardiel, Buenos Ayres y Abril 15 de 1731.

[39] Bando del Gobernador D.Domingo Ortiz de Rozas ordenando que quando los indios vengan a la ciudad a vender sus ponchos, no se les entreguen a cambio vinos, aguardiente y armas. Buenos Aires, 10 de julio de 1744, B.R.A.H, Mata Linares, Tomo II, f.27.

garrafas de vinho ou aguardente além de armas brancas. O interesse da população colonial nos gêneros trazidos pelos índios Serranos facilitava as transações comerciais. Com as bebidas que obtinham, segundo a opinião do jesuíta José Cardiel, alguns facilmente se embriagavam *resultando de aqui pendencias, y heridas*. Essa situação leva o Governador a proibir que estas mercadorias fossem acessadas pelos índios, por causarem grande prejuízo à governação.

Os índios Serranos, responsabilizados em várias ocasiões pela obstrução dos caminhos que ligavam Buenos Aires com as demais cidades coloniais, planejavam, em 1746, segundo a carta do Padre Lozano "(...)invadir el distrito y Ciudad de Buenos Ayres en numero crecido(...)"[40]. A tentativa foi abortada na sua origem, pois ao tomar conhecimento deste projeto, o Governador portenho deu ordem para realizar uma expedição preventiva contra *los barbaros gentiles* ocasião em que "(...) mataron de veinte y quatro hasta treinta Serranos, poniendo a los demás en fuga(...)"[41]. A periculosidade acentuada dos índios Serranos colocava o Cabildo de Buenos Aires diante da necessidade de gestionar ações que colocassem um fim a essas desavenças.

Com o início da segunda metade do século, a cidade não mais voltaria a enfrentar problemas advindos do assédio indígena. A eliminação dos conflitos foi obtida nas áreas circunvizinhas a Buenos Aires, em decorrência da decisão determinada dos Governadores, que mobilizaram algumas campanhas militares contra esses ataques. Dessa maneira, a área de influência fronteiriça ficava cada vez mais distante da cidade, afastando definitivamente este inconveniente da rotina dos habitantes de Buenos Aires.

A investida de *índios infiéis* sobre o perímetro urbano portenho deixou de configurar como um problema junto às

---

[40] LOZANO, Pedro (S.I) Carta del P.Pedro Lozano de la Compañia de Jesus, de la Provincia del Paraguay, escrita al P.Bruno Morales, de la misma Compañia, y Provincia.
[41] Ibidem.

pautas de discussões do Cabildo na última metade do século, posto que não mais atemorizavam a população buenairense.

1.3. CONDICIONANTES HISPÂNICOS

Numerosos traços da história interna da América Colonial tem seus antecedentes influenciados pelos usos, costumes e tradições da Espanha. Muitos dos condicionantes culturais, presentes na população colonial americana dizem respeito à preservação e reprodução destes valores.

Os conquistadores que acompanharam Pedro de Mendoza na primeira fundação de Buenos Aires, em 1536, eram homens com ideais guerreiros, alimentados pela mentalidade da época. Avessos à toda espécie de trabalho manual, encontraram na aventura americana a oportunidade de verem materializados seus mitos.

A existência desse forte condicionante cultural, registrado em todas as áreas do Império Colonial Americano, manifestou-se, entretanto, de forma mais acentuada, em determinadas regiões, principalmente nas áreas periféricas do território sul-americano, onde não foi possível um aproveitamento tão expressivo da força de trabalho indígena, como nos moldes da exploração praticada no Altiplano Boliviano.

A falta de indíos, em contrapartida, gerava a necessidade dos colonizadores meridionais trabalharem com as próprias mãos. Um documento, datado de 1593 em Assunção, afirma escandalizado "(...)que las mujeres hijas de Españoles travajan en el campo para su sustento, lo que en ninguna parte de las Yndias se allava(...)"[42], situação que causava grande indignação na população de toda a Província do Paraguai.

---

[42] Carta de la ciudad de Asunción, 23/3/1593, en AGI-Charcas, 33 apud GARAVAGLIA, Juan Carlos.Mercado Interno y Economia Colonial.1ª edição. Mexico: Grijalbo,1983, p.355, nota 181.

Entre os atrativos oferecidos aos colonizadores que rumavam em direção ao novo mundo, nos primeiros tempos da conquista, figurava a abundância de índios para o trabalho, despertando, assim, nos futuros colonizadores rio-platense, grande cobiça por dispor de índios.

Os colonizadores que tomaram o rumo do rio da Prata depararam-se com a necessidade imediata de prover o seu sustento e realizar várias atividades com as próprias mãos. Dessa maneira afrontava uma "aristocracia-mendiga" que buscava na América as possibilidades de riqueza que a Espanha há muito deixara de oferecer.

O costume aristocrático de desdenhar os trabalhos manuais apresentava-se de maneira arraigada entre os espanhóis e operava na sociedade colonial rio-platense quando da segunda fundação de Buenos Aires. Era essa cidade portuária um dos núcleos hispânicos que mais teve contrastado esse costume, pois os descendentes dos primeiros colonizadores manifestavam abertamente o seu repúdio à execução dos trabalhos manuais. Assim, foi comum "(...)que en los primeros tiempos de la historia bonairense muchos caballeros lavaban sus ropas de noche, para que nadie los viese(...)"[43], situação ocasionada exatamente pela ampla dificuldade em dispor da força de trabalho indígena, a opção preferencial, diante do alto custo que representava um escravo negro.

A desvalorização do trabalho manual por parte dos espanhóis foi muito marcante nas imediações do rio da Prata, especialmente em Buenos Aires, localidade onde

> *"(...) se agregaba la vanidad de considerarse rebajados si hubiera tenido que ejercer por sus propias personas cualquier ministerio doméstico y aun simplemente si les faltaban*

[43] ZABALA,Romulo & GANDIA Enrique. *Historia de la ciudad de Buenos Aires.* Publicación de la Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires. Tomo I, 1536-1718. Buenos Aires, 1936, p.181.

número copioso de indios para lucir y aparecer como grandes"[44].

Certo é que parte da população de Buenos Aires foi submetida a execução de alguns trabalhos domésticos, pois

> "(...)los pobladores, soldados, frailes y funcionarios en su mayor parte, no tienen, pues, más remedio que trabajar para vivir –presión economica– y lo hacen con una repugnancia bien manifiesta y en la menor escala posible. Su trabajo no llegá más alla de lo que sus necesidades más inmediatas les exigen, y no pierden ocasión de hacer notar al Rey `que se ven obligados a trabajar por propias manos(...)"[45].

Assim, a população portenha, nos decênios iniciais de sua segunda existência, por não dispor de índios encomendados ou escravos negros, se via diante da incômoda situação de arregaçar as mangas e trabalhar nas estâncias, chácaras e pomares.

Entretanto, nem por isto deixou de figurar, na documentação oficial reclamações e informes quanto ao estado de pobreza da população. A penúria material era associada à falta de índios. Mantendo-se fortemente difundida em Buenos Aires, pois a população portenha pouco miscigenou-se, reiterando as diferenças culturais, sua fidalguia apenas se fazia notar nas roupas e armas que conduziam, haja vista que viviam em casas muito precárias, pois "(...)aquellos hijodalgos o descendientes de ellos prefieren dejarles caer y que les llueva encima, antes de embarrarse las manos y arreglarles personalmente"[46].

Apesar de viverem em condições bastante precárias quanto às instalações materiais da cidade e de suas habitações, nem por isso deixam sua

---

[44] HERNANDEZ,Pablo. *Organización social de las doctrinas Guaranies de la Compañia de Jesus*. Barcelona. G.Gili.1913. 2 Vs, p.24.
[45] CONI.,*op.cit*, p.14.
[46] CONI., *op. cit*, p.17`.

"(...) ufania y su soberbia; desprecian todas las artes; el que algo entiende y trabaja con gusto , es despreciado como esclavo; por el contrario, el que nada sabe y vive ociosamente, es un caballero, un noble"[47].

Os pressupostos de nobreza, vinculados à repugnância aos trabalhos manuais, seguiam presentes junto à elite portenha, que tão logo pôde conseguir alguns *índios domésticos* ou escravos negros, deixou por conta desses os encargos manuais. As tarefas mais pesadas, como construções navais e obras públicas, não encontravam facilmente executores entre a população colonial rio-platense, "(...)porque ni los soldados ni los demás españoles quieren reducirse a este genero de fatiga, ni aun los indios que andan vagabundos de la provincia, ni los forasteros, lo quieren hacer(...)"[48], colocando a cidade em constante dificuldade para a melhoria de suas instalações.

A grande aspiração dos espanhóis, em parte nobres e outros feitos como tais, referia-se à situação de que somente "(...)quieren más que mandar, sin poner mano a la obra(...)"[49], conforme o comentário de um viajante de passagem pela cidade.

O desinteresse e detração relacionados à execução de trabalhos manuais em meados do século XVIII, permanecia presente no imaginário dos espanhóis que tomava o rumo das Índias. Os recém chegados ao Novo Mundo negavam-se a realizar algumas modalidades de ofícios, porque

"(...)ningun español por más pobre que venga de Europa quiere reducirse a servir, sino que en cuanto llegan a las In-

---

[47] El Rio de la Plata por viajeros alemanes del siglo XVIII, según cartas traducidas por Juan Mühn, S.J, in *Revista del Instituto Histórico y Geográfico,* Montevideo, Tomo VII, 1930, p.251.
[48] 1724-5-28. Carta del Gobernador de Buenos Aires, Don Bruno de Zabala, a Su Majestad, in PASTELLS, Tomo VI, p.309.
[49] El Rio de la Plata..., *op. cit,* p.253.

dias, aunque no tengan con que sustentarse, quieren echarlas de señor"[50].

Os documentos lavrados ao longo do século XVII e XVIII mencionam explicitamente este desapego dos espanhóis aos trabalhos manuais, sendo comumente registrada entre os habitantes da província, uma postura refratária à execução das tarefas que requeriam maiores esforços ou exigisse alguma habilidade. Conforme registrou o Padre Florian Paucke, em meados do século XVIII, "(...)los mismos españoles (nacidos en América, no tan sólo los indígenas) son poco propensos a ejercer oficio alguno. Solo les place el comercio. Hasta consideran despreciable el ejercer un oficio manual"[51].

Os problemas enfrentados para prover Buenos Aires dos serviços básicos a sua manutenção explicita bastante bem a mentalidade daqueles povoadores que chegavam ao Novo Mundo, obcecados pelo ideal de enriquecimento fácil e nobreza. Os descendentes dos espanhóis, diante da impossibilidade de fazer fortuna com facilidade tomam as atividades comerciais como ocupações suas, seguindo a mesma aspiração dos peninsulares que chegavam à América.

No entanto, esses espanhóis nascidos na América não deixaram de reservar para si a distinção da ideologia metropolitana do trabalho de não exercer, tão logo que possível, as lides domésticas e mecânicas por considerá-las atividades indignas. Desta forma os "criollos" reproduziam na colônia um ideal peninsular, pois "(...)quer sejam conquistadores espanhóis da Península, ou conquistadores já nascidos na América, seus valores

---

[50] BUENOS AIRES Y CORDOBA en 1729: segun cartas de los padres C,Cattaneo y C.Gervasoni, S.J/ estudio preliminar, traducción y notas del arquitecto Mario J.Buschiazzo. Buenos Aires: C.E.P.A. 1941. (Colección Buenos Aires), p.144.

[51] FURLONG, Guillermo. *Las industrias en el Rio de la Plata desde la colonización hasta 1778.* Buenos Aires: Imp. Ronaldo J. Pellegrini,1979, p.28.

culturais não são menos espanhóis"[52], expressando sua condição nobiliária através do vestir e falar[53].

Em resumo, a persistência desses valores culturais e os mecanismos de distinção social, reproduzidos nas cidades coloniais rio-platenses, permaneceram fortemente presentes no século XVIII, como consta nos vários relatos de viajantes alemães que percorreram o rio da Prata nesta época.

1.4. DEMANDA E OFERTA DE "OFÍCIOS MECÂNICOS"[54]

O principal problema envolvendo a questão trabalho na cidade-porto refere-se a falta de pessoas habilitadas para a execução dos *ofícios mecânicos,* bem como daquelas relacionadas às atividades agrícolas.

Uma leitura da documentação sobre o passado histórico da sociedade colonial rio-platense comprova que este tema ocupou papel de destaque junto às autoridades das "(...)Ciudades de aquellas Provincias, donde faltan, no pocos de los ofícios referidos(...)"[55], sendo um assunto seguidamente abordado nas sessões realizadas pelo Cabildo de Buenos Aires.

---

[52] ROMANO, Ruggiero. *Mecanismos de conquista colonial.* São Paulo: Perspectiva, 1973, p.28.

[53] "En esta parte del nuevo mundo (Buenos Aires) son tenidos como nobles, todos los que vienen de España, o sea, todos los blancos; se los distingue de la démas gente en el lenguaje, en el vestido(...)",in El Rio de la Plata por viajeros..., *op.cit,* p.251.

[54] "Oficios mêcanicos": são as atividades manuais--principalmente as qualificadas-- onde a agricultura é excluída. Tinham peso de destaque os artesãos, que conforme sua capacidade recebiam o reconhecimento como oficial ou mestre. Esta expressão era utilizada pelas autoridades cabildantes portenhas para designar os "(...)que se allan exercitados en los oficios mecânicos como son herreros sapateros sastres carpinteros galafates albañiles barberos(...)", in A.E.C.B.A, Serie II,Tomo VII,1928, p.472. Igualmente sob a designação de "ofício" compreendia-se tanto as artes mecânicas como qualquer ocupação habitual.

[55] JARQUE,Dr.D.Francisco. *Insignes misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay:estado presente de sus Misiones en Tucuman, Paraguay y Rio de la Plata, que compreende su distrito.* Pamplona. 1687. Livro Tercero:En que se apunta el estado que al presente gozan las Misiones; Capitulo VI: Medios con que se conservan, p.306.

56.Cavildo del 30 de enero de 1642. Arancel de Oficios Mecanicos, in A.E.C.B.A, Serie I, Tomo IX,1911, p.258.

A regulamentação das atividades manuais nas cidades coloniais hispano-americanas esteve sob a competência dos cabildos locais, tratando-se de uma decisão circunscrita à esfera municipal. Em Buenos Aires ficou estipulado pelo cabildo que "(...)todos los officios mecânicos se haga arancel señalandoles precios y para ello se busque personas espertas y de consiencia(...)"[56], pois era de domínio público que nos primeiros tempos alguns colonizadores, principalmente os menos aquinhoados, vislumbravam a oportunidade de lucro fácil no exercício de alguns trabalhos manuais, mesmo quando estes não se encontravam capacitados para realizar tais tarefas.

Durante o seu primeiro meio século de sobrevivência, as principais atividades mecânicas em Buenos Aires estiveram a cargo de executores portugueses, quando a cidade, em decorrência da União das Coroas Ibéricas (1580-1640), apresentava-se como um "porto aportuguesado".

Conforme assinalou Furlong, a arte da "(...)carpinteria debió adquirir un gran desarrollo, debido principalmente a los muchos portugueses que hubo en la ciudad desde principios de siglo hasta su expulsión"[57], contabilizando, entretanto, no final do século XVII, somente com dois carpinteros portugueses, e assim mesmo porque o Cabildo intercedeu quanto à expulsão destes por serem *ofícios mecânicos útiles a la república*.

A baixa oferta de trabalhadores qualificados em Buenos Aires acentuou-se sobremaneira em meados do século XVII, quando cessa a chegada de mestres e oficiais procedentes de Espanha. Situação agravada pelo predominio dos *"nacidos en el pais," quando*

---

[56] FURLONG,Guillermo. *Artesanos Argentinos durante la dominación hispánica*.Buenos Aires: Editorial Huarpes.1946, (5.Carpinteros en Buenos Aires desde 1600 hasta 1700), p.40 e segs.

[57] FURLONG, Guillermo S.J. Las Industrias en el Rio de la Plata..., *op.cit*, p.27-8.

59.Cabildo del 25 de Mayo de 1662. Obras Públicas. Que se obliguen a ocho negros mulatos e indios libres a trabajar por turno en ellas, in A.E.C.B.A, Serie I,Tomo XI,1914, p.359-60.

"(...) se produjo un descenso en las industrias. A lo menos son repetidas y explicitas las quejas, talvez exageradas, de que los criollos se negaban al trabajo, contagiados por el proceder de los indígenas, aunque invocando su ascendencia aristocrática"[58].

A repugnância expressa dos colonizadores de descendência hispânica, em exercer os ofícios manuais obrigava as autoridades portenhas a gestionar medidas que ao menos amenizassem a carência laboral constantemente registrada nessa praça.

Nas ocasiões em que se fazia necessário realizar obras públicas, eram tomadas medidas visando arregimentar peões para trabalhos, tais como enquadrar os indivíduos de ascendência não-hispânica na execução dos serviços[59]. Mesmo a adoção de medidas emergenciais não solucionava a grande demanda existente em Buenos Aires por um contigente expressivo de trabalhadores.

Entre as alternativas adotadas pelo poder público para suprir à população portenha com um número significativo de trabalhadores, a fim de realizar as tarefas essenciais a sua manutenção, o cabildo, em 1674, determinou o repartimento dos índios Pampas. No ano seguinte, por ser necessário um contingente superior de trabalhadores, requereu estes indígenas para realizar a colheita do trigo e algumas lides vinculadas à pecuária. Os resultados não foram os mais promissores, conhecido o caráter nômade desses índios.

A demanda por trabalhadores seguia bastante ampla em Buenos Aires, levando os Governadores portenhos a manterem medidas, visando arregimentar trabalhadores para as obras públicas, ou até mesmo valer-se de práticas escusas.

---

[58] 1684.Informe del P.Diego Altamirano, Procurador general de la Compañia de las provincias del Rio de la Plata, del estado de la población de los portugueses en la colônia del Sacramento y de los inconvenientes que hay de que está prosiga en su poder, in PASTELLS, Tomo IV, p.81.

[59] 1701-2-23 Junta de Guerra extraordinaria de Indias Representa á S.M como se lo tiene encargado, las providencias que por ahora juzga se puedan dar el resguardo de la plaza de Buenos Aires, in PASTELLS, Tomo IV, p.455.

Por exemplo, quando estavam sendo executadas as obras de construção da Catedral, durante um certo período, foram utilizados os prisioneiros de guerra obtidos por ocasião da primeira tomada de Sacramento em 1680; nessa época mais de trinta índios de *nassion ttupis* trabalharam neste edifício, até o momento de sua restituição *a dicha gente portuguesa* por efeito do Tratado Provisional de 1681. Figurava entre a gente apreendida em Buenos Aires, de acordo com o Padre Diego Altamirano, "(...)muchos y buenos arquitectos, inginieros, albañiles, carpinteros y otros oficiales, que hicieron no pocas obras en Buenos Aires el tiempo de prisioneros(...)"[60], externalizando, desta forma, a grande demanda existente por profissionais qualificados nestes ofícios na cidade.

No início do século XVIII, Buenos Aires ainda sofria os efeitos do descenso das atividades mecânicas. A Junta de Guerra, diante da necessidade de promover medidas que facultassem o resguardo desta praça, recomenda a Sua Magestade que "(...)en cada navio de permiso que fuere á Buenos Aires se envien 50 soldados, y vayan entre ellos albañiles, carpinteros, y marineros y se mande un Ingeniero de satisfacción(...)"[61]. Esses homens deveriam auxiliar nos trabalhos de reedificação da Fortaleza de Buenos Aires.

Anos mais tarde, o Rei de Espanha, em resposta a uma consulta realizada em 1716, ordena, como providência para o prosseguimento da fortificação de Buenos Aires, "(...)que vayan dos silleros y maestros albañiles, carpinteros, herreros y armeros(...)". Essas decisões tomadas na Corte demonstram a preocupação da metrópole diante dos apelos das autoridades portenhas e a importância que representava prover essa praça estra-

---

[60] 1684. Informe del P. Diego Altamirano, Procurador general de la compañia de las provincias del Rio de la Plata, del estado de la población de los portugueses en la colônia del Sacramento y de los inconvenientees que hay de que está prosiga en su poder, in PASTELLS, Tomo IV, p.81.

[61] 1701-2-23 Junta de Guerra extraordinaria de Indias Representa á S.M como se lo tiene encargado, las providencias que por ahora juzga se puedan dar el resguardo de la plaza de Buenos Aires, in PASTELLS, Tomo IV, p.455.

tégica de homens aptos à execução dos ofícios que contribuiriam para sua maior segurança.

Descontando os problemas materiais, que implicavam diretamente na própria sobrevivência de Buenos Aires, a população enfrentava dificuldades quanto ao vestuário, visto que o Cabildo ocupou-se em regulamentar a atividade dos alfaiates e sapateiros, pois

> *"(...)la demanda de sus especialidades les da ocasion de abusar de las mismas, cobrando por sus trabajos cantidades que serian absurdas en su lugar de origen y que en realidad están totalmente en desacuerdo con el trabajo tenido y a veces tambien con la calidad del mismo(...)"*[62].

Outro tema que figurou na pauta de discussões do Cabildo Portenho e indica a precária oferta existente em Buenos Aires de mestres e oficiais nas artes mecânicas fica por conta dos desdobramentos da decisão tomada em Madri de expulsar os estrangeiros dessa cidade e de sua área de jurisdição. Ao lançar mão desse expediente como uma maneira de solucionar os graves problemas que acometiam essas terras meridionais, a Coroa gerava um outro, de dimensão interna, prejudicando diretamente Buenos Aires, pois vários dos *oficios mecânicos* eram desempenhados pelos estrangeiros residentes na cidade.

As disposições contidas nas *Reais Cédulas*, uma vez acatadas, implicariam na paralização de certas atividades. Algumas ocupações apresentavam apenas um executor à testa de determinado ofício, e no caso um estrangeiro; isso inviabilizaria a já precária oferta desse serviço.

Foi nesse sentido que o Cabildo de Buenos Aires intercedeu junto às Autoridades Reais, impedindo que a cidade fosse desprovida de seus principais profissionais. Alguns serviços, por lar-

---

[62] ADOLFO, Hector Cordero.*El Primitivo Buenos Aires.* 2ª edição. Buenos Aires: Plus Ultra.1986, p.81

gos espaços de tempo, não eram preenchidos por nenhum profissional no assunto, ficando a população sem o oferecimento desse serviço. Isto contribuía, ainda mais, para agravar a situação de penúria que se propagava progressivamente junto à cidade e arredores.

Visando equacionar a permanência dos estrangeiros residentes em Buenos Aires, principalmente a dos habilitados nos ofícios mecânicos, o problema somente foi contornado em meados dos século XVIII. O Cabildo obteve a suspensão parcial do *Bando* que dispunha sobre o assunto. Esta suspensão possibilitou a permanência de *dichos Maestres y oficiales de Artes y ofícios mecânicos* que fossem de reconhecida importância para a cidade-porto.

Preocupado com o alcance e os efeitos que a suspensão parcial deste *Bando* poderia acarretar, o Governador de Buenos Aires solicitou ao Cabildo Portenho a confecção de uma lista nominal dos artífices que deveriam ser excluídos do referido documento, resultando em uma extensa relação[63].

O problema dos estrangeiros residentes em Buenos Aires encontrava-se equacionado parcialmente em 1748, uma vez que as medidas adotadas apenas contemplava os de reconhecida habilitação profissional, desconsiderando a situação dos demais.

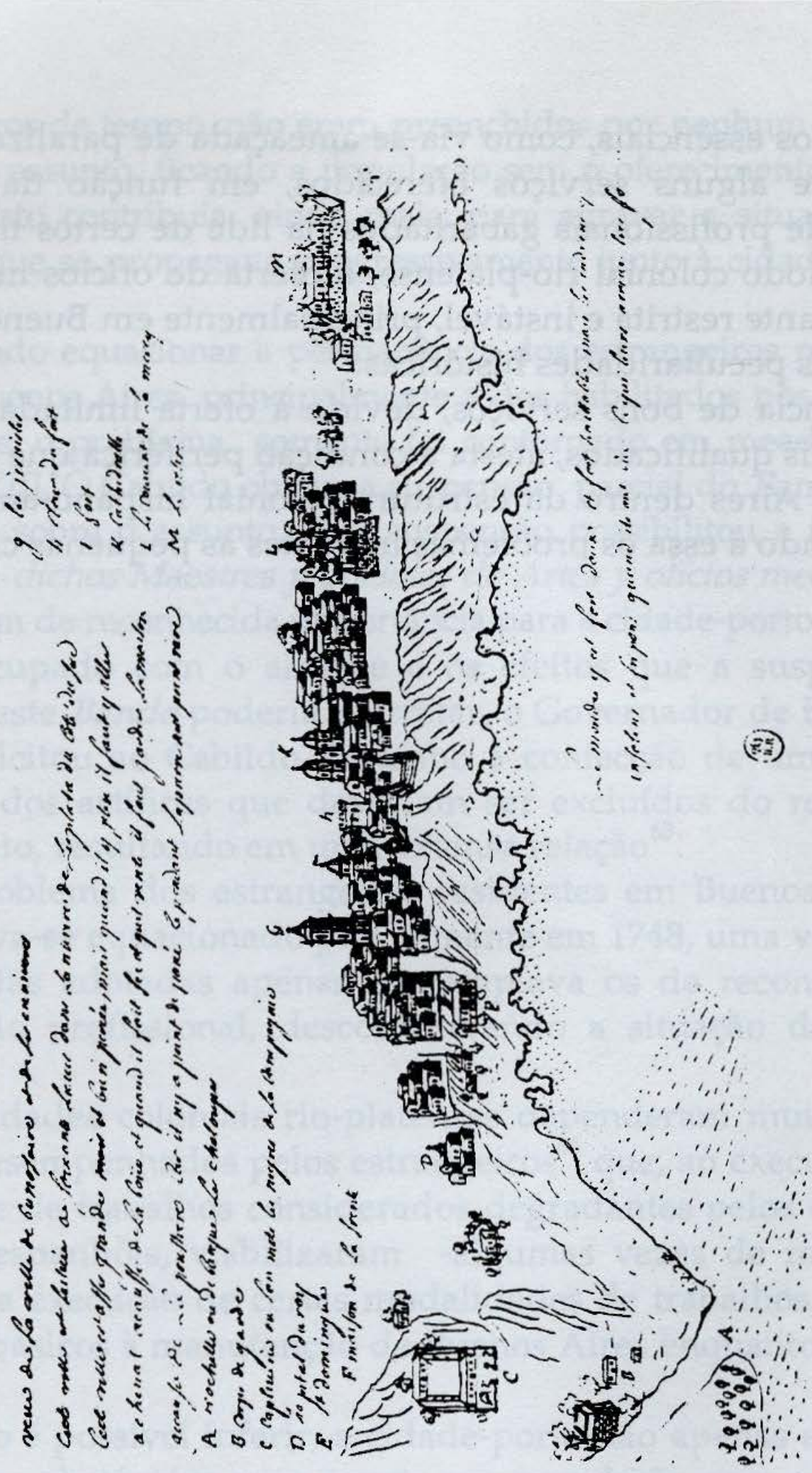
As cidades coloniais rio-platenses dependeram muito dos ofícios desempenhados pelos estrangeiros[64] que, ao executarem uma série de trabalhos considerados degradantes pelos colonizadores espanhóis, viabilizaram -algumas vezes de maneira parcial- a execução de certas modalidades de trabalhos considerados básicos à manutenção de Buenos Aires enquanto praça colonial.

Como é possível inferir, a cidade-porto não apenas enfrentava sérios obstáculos para suprir sua população com a oferta

[63] Cabildo del 5 de Marzo de 1748. Extranjeros, in A.E.C.B.A,Tomo IX, Serie II, 1930, p.360.
[64] "(...)porque los españoles tienen muy poca afición a los trabajos de mano, de donde resulta que lo dejan para los extranjeros", in MUHN, *op.cit*, p.240.

de ofícios essenciais, como via-se ameaçada de paralizar seguidamente alguns serviços oferecidos, em função da escassa oferta de profissionais gabaritados na lide de certos trabalhos. No período colonial rio-platense, a oferta de ofícios mecânicos foi bastante restrita e instável, principalmente em Buenos Aires, por suas peculiaridades históricas.

A carência de bons serviços, devido à oferta limitada de profissionais qualificados, atesta a condição periférica que ocupava Buenos Aires dentro da estrutura colonial hispano-americana, conferindo a essa os problemas inerentes às pequenas cidades.



Fonte: CARRIL & SARAIVA, 1982, 120.

2. MISSÕES GUARANIS JESUITICAS : um centro de capacitação e qualificação

> "Cada pueblo tiene como mill vecinos; y algunos mas de mil y seiscientos.Estan fabricados curiosamente por la industria y trabajo de los primeros misioneros que para enseñarles se hacian Albañiles, Carpinteros, y demas oficiales, y lo mismo sucede con tal ô qual pueblo que se suele hacer de nuebo para dividir los que mucho se aumentan"[1].

A Província do Paraguai apresentou uma inserção distinta da experimentada pelo altiplano boliviano e o vale mexicano na estrutura colonial espanhola; tanto pela inexistência de uma "riqueza" imediata, como pela presença de tradições indígenas em sua maioria nômades. Em 1607, a capital desta província, Assunção, foi escolhida para sediar nas terras meridionais a instalação da Companhia de Jesus.

O estabelecimento de *pueblos de índios* e de reduções foram algumas das estratégias elaboradas através da "Leyes de Indias" para incorporar as múltiplas tradições indígenas existentes ao longo do vasto Império Colonial Espanhol.

As terras banhadas pelos rios da Bacia Platina sediaram uma série de experiências reducionais. A situação era muito favorecida pela política de povoamento empreendida por Hernandarias de Saavedra -Governador da Província do Paraguai- que visava, por um lado, pacificar as tribos nômades que habitavam o território e, por outro, estabelecer núcleos de povoamento que no seu desenvolvimento contribuiriam para o guarnecimento da região.

---

[1] Breve relación de la Provincia del Paraguay de la Compañia de JHss. Manuscrito. B.R.A.H; Colección de las Cortes, Sig: 9/2271. Assinada por Joseph Cardiel, Buenos Ayres y Abril 15 de 1731.

Com o estabelecimento da Província Jesuítica do Paraguai no início do século XVII, alicerçada neste "(...)prisma de três ângulos -Paraguai, guaranis e jesuítas- que a redução tomou coloração específica e diferenciada e se fez história singular"[2].

Os resultados, provenientes de realidades sociais diversas, matizou colorações especifícas para o desenvolvimento e inserção das terras rio-platenses no Império Colonial Espanhol ao interagirem com os ritmos e rotinas das cidades coloniais.

2.1. O FLORESCIMENTO DAS MISSÕES GUARANIS

No início do século XVII, quando a Companhia de Jesus recebeu a concessão para empreender a evangelização dos milhares de Guaranis existentes na região do Guairá- estabelecendo a Província Jesuítica do Paraguai, em pleno coração do Império Colonial Espanhol- não imaginava o elevado grau de desenvolvimento que atingiria o trabalho missional na América do Sul.

As primeiras Missões consistiam nos missionários saírem em meio às matas ao encontro dos nativos americanos objetivando estabelecer os primeiros contatos. Desses contatos resultaram os batismos, que criavam as primeiras distinções (embora tênues) entre os indígenas, aos lhe atribuírem um nome, uma individualidade.

No início dos trabalhos de evangelização, os jesuítas encontraram resistências por parte de algumas tribos, ocorrendo inclusive a morte de alguns missionários, como a do padre Roque Gonzales, em 1628, atingido com um golpe de macaná na cabeça. Temiam, ainda, o canibalismo (antropofagia ritual) pratica-

[2] MELIA, Bartomeu.S.J. Missão por Redução, in *Estudos Leopoldenses*. São Leopoldo. Volume 25 (110:21-36) Maio-Junho, 1989,p.23.

do pelas parcialidades guaranis, como demonstra Montoya em sua obra "Conquista Espiritual"[3].

A Missão pressupunha que a cristandade tinha uma dimensão social que precede ser cumprida: refere-se ao ato de missionar, propalar a palavra divina aos locais mais recônditos. A Missão é o trabalho de conversão dos gentios e este é um momento de choque, de violência, pois quer alterar uma situação até então vigente[4]. Existia neste momento a Missão (o trabalho de catequização) mas não a aldeia.

Visando dar início aos trabalhos de catequese junto aos Guaranis, em dezembro de 1609, quatro jesuítas foram enviados em Missão entre as parcialidades guaranis. Dois rumaram em direção ao sul de Assunção, e dois em direção ao leste. Iniciava-se assim a missão dos jesuítas, que passam a residir nas aldeias guaranis no Paraguai colonial do século XVII.

As primeiras aldeias surgiram exatamente em função dos parcos resultados provenientes dos batismos coletivos, devido ao nomadismo de diversas parcialidades indígenas, bem como alternativa ao reduzido número de padres, além das dificuldades de acesso a determinados locais.

A implantação dos aldeamentos marcou uma série de alterações na política de conversão. Passa-se a fixar os indígenas em um mesmo local: todos são "índios", independente de suas étnias e tradições culturais. A aldeia não é mais apenas um espaço indígena, é agora um espaço criado pela cultura cristã. A aldeia foi a implantação física da Missão. A aldeia é um projeto pedagógico total[5].

A palavra redução cujos significados mais freqüentes - reduzir, diminuir- ou ainda no sentido missionário de recon-

---

[3] MONTOYA, Antonio Ruiz. *Conquista Espiritual.* Porto alegre: Martins Livreiro Editor, 1985. 1ª edição brasileira. Texto original Edição da `Imprenta del Corazón de Jesus', Bilbao, 1892.

[4] Considerações extremamente pertinentes a respeito da dimensão ideológica e social da Missão estão expostas no Capitulo I; Ad Majorem Dei Gloriam;I-A Missão in NEVES, Luis Felipe Baêta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural.* Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978,pp.25-43.

[5] Ibidem, p.162.

duzir a um local era facilmente compreendida de modo pejorativo. Sem dúvida o princípio geral da redução foi o de congregar em povoados várias parcialidades indígenas.

A redução foi a maneira (método) de empreender a Missão; em suma "Missão por redução"[6] que é o projeto global de catequisação espanhola. Nas "Leyes de Indias" há um projeto de redução, porém na história da América Espanhola existem muitas reduções.

No transcurso de sua ação evangelizadora, enfrentaram os jesuítas e os guaranis uma série de dificuldades iniciais, tanto de ordem externa como interna. Externamente, os bandeirantes paulistas representavam o principal perigo, pois tencionavam capturar os Guaranis reduzidos, já acostumados ao trabalho regular, para serem comercializados como escravos em São Paulo. A interferência dos bandeirantes poderia ter inviabilizado os trabalhos de catequese e redução, não fosse a ação enérgica dos jesuítas junto ao Rei da Espanha, reivindicando o direito de armar os guaranis sob a sua tutela, a fim de rechaçar a presença bandeirante; feito levado a bom termo em 1641, na Batalha de M'bororé.

Em virtude das investidas bandeirantes, os jesuítas restringiram sua área de ação evangelizadora -que inicialmente expandiu-se rumo ao Guairá (no Paraná), Itatim (no Mato Grosso) e ao Tape (no Rio Grande do Sul)- à mesopotâmia formada pelos rios Paraná e Uruguai[7].

Debelado o perigo bandeirante, as reduções passaram a vivenciar um crescimento constante, tanto de ordem econômica como demográfica. A partir dos resultados positivos logrados na conversão dos gentios, os jesuítas passaram a instruir os

---

[6] Esta expressão é o título de um artigo redigido por Bartomeu Mélia, no qual este analisa com grande competência os efeitos da ação jesuítica junto aos guaranis no Paraguai colonial, indicando a especificidade e originalidade deste encontro; algumas destas inferências foram incorporadas a este trabalho. MELIA, *op.cit*, nota 3.

[7] Para uma vizualização desta área, ver a gravura, no final do capítulo III, p. 112.

guaranis quanto à necessidade de cultivarem hortas para sua alimentação, bem como cuidar do gado.

A catequese/conversão dos indígenas de filiação guarani foi exitosa graças à extrema habilidade dos jesuítas na orientação dos seus conversos. Ao obter a confiança dos índios, os jesuítas articularam uma das condições básicas à realização de alguns progressos materiais, contribuíndo desta forma para atrair mais indígenas ao convívio reducional. Os guaranis não eram obrigados a aceitar a vida em redução, ficando sua adesão por conta de sua livre eleição.

Se, por um lado, os guaranis ou as parcialidades guaranizadas, ao aceitarem a conversão e conseqüentemente a vida em redução, sofriam um "atrelamento" ao Estado Colonial, via tutela jesuítica, por outro se distanciavam da sociedade colonial e principalmente da alçada encomendeira.

Os neófitos guaranis, ao viverem nesta nova organização social, a redução, vêem elementos de sua cultura mesclarem-se com os da sociedade hispano-colonial, sob a forma de uma transculturação progressiva. Esses guaranis agora estão a praticar a agricultura em campos de cultivo e não mais uma horticultura de subsistência em meio às matas, estando igualmente aptos para a lide do gado, atividade desempenhada com grande destreza, abdicando, igualmente, de sua conduta semi-sedentária e residindo agora em habitações fixas.

O estabelecimento de indígenas em comunidades livres, controladas pelos jesuítas, fora da alçada colonial, apesar de toda oposição dos colonizadores[8], propiciava as condições para o surgimento de um ator social com características próprias: o guarani missioneiro.

O enquadramento dos guaranis em um sistema de trabalho só foi possível em decorrência do controle austero dos jesuítas

[8] Conforme assinalou Clovis Lugon, "(...) o mundo colonial de maneira alguma aceitava e não podia aceitar a existência dessas comunidades indígenas livres".in LUGON, Clovis. *A República "Comunista" Cristã dos Guaranis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977,p.49.

nos primeiros anos, e porque se respeitou algumas distinções existentes na sociedade guarani, na qual ocorria uma diferenciação sexual do trabalho. Dentro das reduções esta diferenciação foi preservada e adaptada, competindo aos homens a preia do gado xucro e seu trato, além da extração de erva-mate, um dos pilares da economia missioneira. Os homens ainda deveriam atuar nas tropas de milícia, trabalhar nas oficinas e edificar as novas instalações missioneiras quando necessárias. Quanto às mulheres competia o cultivo das lavouras, os serviços de cozinha, a fiação e a confecção de cerâmica.

Os jesuítas, após muita prédica, conseguem convencer os homens guaranis a as auxiliarem no cultivo das lavouras e, mesmo assim, somente em dois dias da semana. Estruturado o sistema de trabalho nas reduções, surgem as condições básicas para a organização dos espaços sociais, com a instalação dos prédios a partir de uma distribuição didática. A arquitetura praticada nas reduções constituía-se em uma das estratégias e expressões barrocas de maior eficácia na evangelização, centrada na persuasão e participação.

As reduções apresentavam instalações com funções diversas, tendo em seu traçado uma praça central de onde saíam quatro ruas principais, destinadas à circulação da população missioneira. É em função da praça e da Igreja, prédio de maior destaque no cenário missioneiro, que as demais edificações estavam orientadas. O eixo principal da redução, plotado sobre uma das faces da praça maior, estava composto por alguns prédios localizados nas laterais da Igreja. Cada redução possuía um cemitério localizado à direita ou à esquerda da Igreja, estando o claustro dos padres situado no lado oposto ao do cemitério. O pátio dos artífices, onde se encontravam as oficinas missioneiras, ladeava o claustro.

Ao fundo dessas instalações, localizava-se o quintal dos padres, cultivado com leguminosas e árvores frutíferas. Em frente à Igreja, do outro lado da praça, estava o Cabildo: orgão

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

administrativo das reduções onde reuniam-se os caciques. Nas laterais da praça e atrás do cabildo estavam dispostas as casas dos guaranis missioneiros. Essa distribuição do espaço visava facilitar aos jesuítas o controle dos índios, bem como dinamizar a circulação dos padres no momento em que fosse necessário prestar auxílio à população missioneira.

As reduções guaranis contavam em média com aproximadamente três mil índios, variando conforme o período e estágio em que se encontravam as mesmas. Algumas atingiram mais de seis mil *almas*, o que por vezes determinava o seu desdobramento em um novo povoado.

Este número expressivo de indígenas dispunha de apenas dois jesuítas para a orientação dos trabalhos e, excepcionalmente, de três no caso das reduções superpovoadas. O êxito alcançado no trabalho missional empreendido pelos jesuítas foi facilitado pela cooptação desenvolvida junto aos caciques guaranis, que mesmo vivendo junto a outros caciques na redução, não perdiam sua condição, recebendo inclusive o título nobiliário de "Don".

As questões de ordem interna sempre foram acompanhadas de perto pelo Padre Provincial que recebia cartas dos jesuítas missioneiros, informando sobre os assuntos rotineiros de cada redução e enviando, posteriormente, recomendações a solução de pequenos problemas para a boa conduta da vida em redução.

As missões possuíam autonomia frente aos colonizadores espanhóis que reivindicavam o direito de acesso à mão-de-obra missioneira, situação que suscitaria uma série de comentários e acusações quanto ao real interesse dos jesuítas e sua obra evangelizadora.

O quadro era agravado pelo fato de a economia missioneira estar calcada na criação de gado e extração de erva-mate, produtos explorados comercialmente pelos colonizadores espanhóis. A concorrência entre os produtos dos comerciantes locais

e a produção missioneira contribuíu portanto para exacerbar as sempre tensas relações entre jesuítas e encomendeiros. Os gêneros produzidos no âmbito missioneiro conhecidos como *frutos de la tierra*[9] eram comercializados pelos *ofícios de misiones* existentes em Buenos Aires e Assunção, cujos recursos obtidos deveriam cobrir as despesas das reduções e a tributação devida à Coroa[10].

Ao iniciar o último quartel do século XVII, as missões vivenciavam um período de estabilização numérica, atingindo o montante de vinte e duas e uma população de mais de 60.000 habitantes, estando, na sua maioria, localizada entre os rios Paraná e Uruguai.

Acontecimentos alheios à organização das reduções guaranis, impeliram a Companhia de Jesus a estender sua área de atuação à margem esquerda do rio Uruguai. Estas terras, localizadas entre o Atlântico e o rio, eram conhecidas no período colonial como Banda Oriental. Estavam ocupadas a vários séculos pelos índios Charruas e Minuanos que habitavam de maneira itinerante a planície pampeana.

A partir da introdução do gado bovino que se proliferou com extrema facilidade pela abundância de pastagens naturais, essas terras começam a ser aproveitadas como estâncias para o gado missioneiro[11]. Na sua porção nordeste era igualmente praticada a extração de erva-mate junto aos pés nativos de Ilex Paraguaiense.

O interesse lusitano em possuir um posto estratégico junto ao estuário Platino, visando captar o metal precioso que escoava das minas localizadas no Potosi, determinaria nova investi-

---

[9] "Frutos de la tierra", são os gêneros produzidos na América, tais "(...)como es mais, trigo, algodon gallinas, pescado y otros semejantes frutos y especies(...)", in MANUSCRITOS, Tomo V,p.22.

[10] Quanto à tributação, esta incidia sobre os guaranis reduzidos pois este em última instância são vassalos do rei, vide cap 3, sub-item 3.3.a.

[11] A primeira redução a utilizar estas terras como campos de pastagem foi a de San Javier, em 1657 "(...)y asi mesmo para sus estancias les doy y señalo por sus tierras las que ay de la otra parte del Rio Uruguay(...)" Copia de Titulos do Uruguai --09.09.1699--D.Juan Blazquez de Valverde, in MANUSCRITOS, Vol IV, pp.31,32.

da portuguesa em direção ao rio da Prata, materializada na fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento em 1680. Objetivavam os portugueses, através deste baluarte platino, introduzir artigos e produtos nas rotas comerciais hispano-americanas, através do comércio ilícito[12].

Com a instalação da Colônia de Sacramento na margem platina da Banda Oriental, a Companhia de Jesus compreendeu a importância de ampliar sua presença física nestas terras. Interesses de ordem geo-políticos, como de ordem econômica, "(...)induziram os jesuítas a "remudar quatro povos" da margem ocidental para a oriental do Uruguai"[13].

Assim, em 1682, a redução de São Borja foi transladada para a Banda Oriental, devendo se conjugar com a de São Tomé, localizada na margem oposta, que inicialmente lhe prestaria apoio. Cinco anos mais tarde seria a vez de serem transladadas mais três reduções, ocorrendo desta forma a transferência, em 1687, das reduções de São Nicolau, São Luis Gonzaga e São Miguel Arcanjo. A essas foi aconselhada uma interdependência para maior segurança contra as possíveis ofensivas promovidas tanto por parte dos portugueses como dos *índios infiéis,* hostis ao trabalho jesuítico. A ocupação efetiva da Banda Oriental do Uruguai por parte dos esforços da Companhia de Jesus fora a contrapartida contra as ofensivas portuguesas, impulsionadas por sua política mercantilista e conseqüente busca de novos territórios para comerciar.

Desta forma coube aos guaranis missioneiros a tarefa de ocupar e patrulhar toda a extensão da Banda Oriental, ficando estipulado que "(...) caberia aos sete povos, desde a hora de sua

---

[12] Capistrano de Abreu é enfático ao referir-se a Colônia de Sacramento "Este ninho, antes de contrabandistas que de soldados, foi talvez o berço de uma prole sinistra, os gaúchos os gaudérios, originários da margem esquerda do Prata, famosos durante décadas e ainda não assimilados de todo a civilização". ABREU, J.Capistrano de. *Capítulos de História Colonial(1500-1800)* 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Briguet,1954,p.287.

[13] PORTO, Aurélio. *Historia das Missões Orientais do Uruguai.* Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954, Vol IV,p.27.

fundação, o ônus integral da defesa da extensa região circunscrita entre o Uruguai, o Prata e o litoral Atlântico"[14].

A condição fronteiriça das reduções administradas pelos jesuítas, principalmente as instaladas na Banda Oriental[15], colocavam os jesuítas em constante estado de alerta diante das investidas promovidas pelos lusitanos em direção ao rio da Prata.

Neste quadro regional de emergentes ocupações e constantes confrontos envolvendo toda a sociedade provincial platina, as reduções instaladas à direita do rio Uruguai, apresentavam-se como um apêndice da Província Jesuítica do Paraguai, mas sob a jurisdição da Governação de Buenos Aires, atuando como obstáculo à penetração colonial lusitana em direção ao Estuário Platino.

A política de ocupação da Banda Oriental prosseguiu, povoando-a com mais reduções para melhor guarnecê-la. Em 1690 foi instalada a Redução de São Lourenço; anos mais tarde, em 1697, foi fundada a redução de São João a partir da divisão de São Miguel, devido ao seu superpovoamento. E, em 1707, foi instalada a de Santo Ângelo, totalizando, assim, sete as reduções guaranis localizadas na Banda Oriental, conhecidas posteriormente como os Sete Povos das Missões.

A presença física da Companhia de Jesus na Banda Oriental, expressa pela fundação de reduções, objetivava refrear as investidas portugueses e criar as condições para um guarnecimento eficaz dessa fração do território rio-platense.

Outro grave problema gerado a partir da presença portuguesa em Sacramento, além do contrabando, foi o saque das cabeças de gado existente na Vacaria do Mar. Esse fato, constantemente mencionado pela documentação colonial platina, constituia-se em um grande distúrbio tanto para os colonizado-

---

[14] PORTO, Aurelio, *op. cit.*, p.67.

[15] Antonio Sepp, jesuíta missioneiro responsável pela divisão de São Miguel e fundação de São João em 1697, reconhecia a condição fronteiriça do povoado recém instalado e "(...)nunca duvidaba que San Juan era una reducción fronteriza".in SEPP, Antonio. *Continuación de los Labores Apostólicos*. Buenos Aires: Editorial Universitária. Tomo III, 1973, p.77.

res espanhóis como para os guaranis missioneiros, que viam suas estâncias serem desabastecidas pela ação voraz do inimigo-vizinho. Várias medidas foram gestionadas para conter a ação dos saqueadores, mas de resultados extremamente limitados. A preia indiscriminada do gado alçado existente na Vacaria do Mar colocava em risco o abastecimento das reduções, levando os jesuítas a estabelecer, em 1712, a Vacaria dos Pinhais nos campos de cima da serra, formando um estoque de reserva para suprir a demanda de carne existente nas reduções.

A estabilização missioneira registrada no século XVIII, ao contabilizar aproximadamente trinta povoados, esteve marcada por um grande florescimento artístico e cultural, acentuado por chegaram a "(...) las Misiones los "hermanos" jesuítas, quienes mejoraron los talleres e iniciaron `el arte'(...)"[16]. Esse progresso material verificado nas reduções, contrastava com as condições existentes nas *cidades de espanhóis*, tanto pela estrutura urbana das reduções quanto pela organização e abastecimento das mesmas.

Ao longo de toda a primeira metade do século XVIII, em função da qualificação existente entre a população missioneira e a organização das reduções, houve ampla possibilidade de participação "(...)por parte de los Yndios de nuestras Misiones como vassallos fieles de nuestro Rey Catholico y sujetos de la Governación del Rio de la Plata(...)", realizando diferentes modalidades de trabalhos nas duas governações, atendendo com presteza as solicitações efetuadas pelos governadores.

---

[16] SUSNIK, Branislava. *Los aborigenes del Paraguay--etnohistoria de los guaranies-- Epoca Colonial.* Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbedo",1979,p. 254.

2.2. O CENTRO DE INSTRUÇÃO: O PÁTIO DOS ARTÍFICES

O grande progresso registrado nas reduções está diretamente relacionado ao empenho dos primeiros missioneiros, à situação interna da Província do Paraguai e à instrução ministrada pelos jesuítas aos guaranis reduzidos.

Na primeira etapa das reduções, quando foram fundados vários povoados por toda a província, se recomendou que cada um deles promovesse seu sustento e o que fosse necessário para o seu funcionamento. Assim que possível, foram estabelecidas oficinas para fabricar o indispensável ao abastecimento das reduções, dadas as impossibilidades de aquisição nos mercados coloniais.

Os primeiros trabalhos executados no âmbito missioneiro foram realizados pelos próprios jesuítas "(...)siendo los mismos Padres los carpinteros, albañiles, y arquitetos, y enseñando a los indios y haciéndoles oficiales"[17]. Destaca-se no ensino de ofícios aos índios, o trabalho dos "Hermanos Coadjutores" que em sua vida civil anterior haviam praticado diversos ofícios[18]. Seguidamente escreviam os missioneiros a seus familiares e membros da ordem, solicitando livros e manuais sobre os diversos ofícios, para posteriormente instruir os guaranis.

Nos anos iniciais, as oficinas contavam apenas com o essencial, sendo muito incompletąs. Tinham somente o indispensável para suprir as necessidades básicas da redução e possibilitar o aprendizado dos guaranis. As oficinas missioneiras localizavam-se no pátio ao lado do claustro dos padres, também conhecido como "pátio dos artífices" que, por sua proxi-

---

[17] FURLONG,Guillermo S.J. *Arquitetos Argentinos durante la dominación Hispanica.* Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1946.(Cultura Colonial Argentina IV), p.52, Nota 72.

[18] Os "Hermanos Coadjutores" já haviam sido previstos por Inacio de Loyola, fundador da ordem, com a finalidade de ajudar os jesuítas em suas atividades espirituais, mas ao chegar as reduções, agregaram as suas funções a tarefa especifica de transmitir aos indios suas próprias habilidades. in BALLESTROS, Juan Carlos Pablo. *La educación Jesuítica en las Reduciones de Guaranies.* Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 1979,p.44.

midade com a residência dos jesuítas, possibilitava um controle austero e freqüente.

O aprendizado ministrado aos guaranis decorria do ensino pela prática, contribuíndo para a rápida assimilação dos ofícios a grande capacidade de imitação[19] dos guaranis para a execução de trabalhos manuais. A facilidade apresentada pelos guarani contribuia para incrementar o número de artesãos existente nas reduções, possibilitando assim que com semelhante proporção

> *"(...) florecen los oficios, y artes de que necessitan aquellos Pueblos, segun es capaz la tierra; saben ya los Indios hazer casas, fabricar Iglesias con piedra, ladrillos, y tejas, hacer Tahonas, para moler el trigo(...) Ay carpinteros de obra gruessa, ensambladores, que hazen retablos, y los entallan curiosos.Otros excultores, que forman estatuas Sagradas de todas fuertes para las Iglesias, y Altares. Labran tambien de hierro todo lo necessario para los Edificios, y las herramientas que sirven para cada oficio"*[20].

Com o passar dos anos, os jesuítas e os "Hermanos Coadjutores" contaram com o auxílio de alguns indíos na instrução dos ofícios aos demais guaranis. Em muitas ocasiões o ensino das artes mecânicas esteve sob a responsabilidade de algum indígena mais destro e capacitado, pois "(...)hay algunos que parece nacieron maestros de todos los oficios, todos los entienden y todos los saben"[21]. Esses índios recebiam nas oficinas missionei-

---

[19] Para alguns jesuítas missioneiros, apesar da grande habilidade manual indígena, os Guaranis apenas "(...)fueron excelentes "copistas-escultores" e "copistas-pintores" ségun el mismo P. Aguilar, pero faltos de toda creatividad y tambien de una adecuación espontanea", in SUSNIK., *op.cit.*,p.255. Outro atributo mencionado sobre a facilidade do aprendizado de alguns guaranis foi a boa memória, "(...)de tal suerte que no necesitamos la ayuda de nadie y la causa ultima de ello, es la tenaz memoria, que dificilmente olvida lo que una vez ha aprendido". Antonio Betschon S.J. 3 Martires, en Paraguay 1719, in MUHN.,*op.cit,* p.245.

[20] JARQUE, Dr Francisco. *Insignes Misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay*. Pamplona,1687 Livro tercero, Capitulo VI: Medios con que se conservan,p.305.

[21] A.H.N.M, Legajo 120, doc 79(Jose Cardiel).

ras a denominação de alcaides, e cada ofício possuía seu próprio "alcalde-fiscal de vara", sua função era a de controlar o trabalho dos oficiais e ensinar os aprendizes. Em algumas reduções, conforme o caso, a instrução ministrada nas oficinas seguiu por conta do jesuíta responsável[22]. Os guaranis que não apresentavam destreza em nenhum ofício recebiam a denominação em guarani de "Aba guaipí", o "Aba ní", que significava homem mandado ou criado, homem desocupado e sem valor[23], indicando a grande importância que chegou a atingir as habilidades manuais no âmbito missioneiro entre os próprios guaranis. Esses homens sem qualificação mecânica estavam destinados aos trabalhos agro-pecuários que igualmente ocupavam lugar de destaque em todas as reduções, além das tarefas vinculadas a extração de erva-mate nos períodos apropriados e ao trabalho na milícia de fronteira.

Toda a população missioneira trabalhava para o bem comum da redução, sem receber remuneração alguma. A divisão sexual do trabalho, ao ser mantida na redução, excluía as mulheres das oficinas missioneiras, competindo a elas os trabalhos de horticultura, a cozinha e confecção da cerâmica, além da tecelagem dos tecidos de algodão e lã que servia de veste aos guaranis missioneiros. Por não manusearem instrumentos como as ferramentas existentes nas oficinas, respeitando a divisão sexual do trabalho e dos espaços, as mulheres realizavam estas ocupações manuais em um outro local da redução: o cotiguaçu, conjunto de salas com um pátio interno onde residiam as viúvas e os orfãos.

---

[22] Este foi o caso da redução de Santa Rosa quando esteve sob a responsabilidade do Padre Robles, momento de grande florescimento material "(...)y se debia toda a su direcion porque personalmente les ensinaba, quanto era necessario en todos los oficios(...)" XIII- Ânua do Paraguay. Ânua das reduções, in MANUSCRITO, Vol VI, p.180. Outro caso é o de Antonio Sepp, que grandes progressos materiais realizou nas reduções durante sua vida missional.

[23] DREIDEMIE, Oscar I. La agricultura e industria en las Misiones Guaraniticas. in Revista Estudios, Enero-Junio 1923, Buenos Aires 1923. apud BALLESTEROS, Juan Carlos P. *La educación jesuítica en las reducciones de guaranies.*-Prol. Carlos A.Uzin- Parana. Facultad de Ciencias de la Educación- Universidad Nacional de Entre Rios-(Imprenta de la Universidad Nacional del Litoral Santa Fe)-1979,p.44.

A organização do trabalho, principalmente a existente nas oficinas, guarda grande semelhança com a organização das similares existente no medievo europeu, apresentando uma estrutura hierárquica de aprendizes, oficiais e mestres (alcaide), e a propriedade comunal das ferramentas de trabalho. A transposição do modelo europeu resulta do fato de que a estruturação do sistema de trabalho nas reduções é fruto de uma sociedade de contato e fortemente influenciado pelo sistema de trabalho mais organizado. No entanto, mesmo assim criavam-se moldes de trabalho próprio, correspondendo a outras estruturas sociais provenientes da experiência guarani.

Quanto à divisão do trabalho nas reduções, o que não aparece claramente definido é a presença do *artesão de tempo integral*, pois inexiste um testemunho completo da divisão do trabalho no interior das reduções. Alguns registros de jesuítas na última fase das reduções, levam a suposição de que não existiam nessas artesãos totalmente dedicados ao seu ofício, mas que deveriam alterná-lo.

As oficinas existentes nas reduções foram de grande importância para o elevado grau de desenvolvimento experimentado pelas missões, absorvendo grande quantidade de guaranis, por conta das contínuas demandas de contingentes de trabalhadores para as construções e reparos de igrejas e casas. Costumeiramente os filhos dos "oficiais de ofício" seguiam a mesma ocupação dos pais, sendo quase hereditárias algumas ocupações. Também existiam prêmios especiais como incentivo aos artesãos.

O destaque atingido pelo pátio dos artífices, na estrutura missioneira, decorria de uma política de aproveitamento dos mais aptos conforme suas capacidades, valorizando o potencial humano existente. Os jesuítas que controlavam as reduções encarregavam-se de estabelecer os critérios, selecionando os mais aptos para as várias tarefas desempenhadas nas reduções, assim como os de melhor voz para entoarem o "Te Deum" e ou-

tras composições nos corais missioneiros. Através do ensino ministrado nas escolas das reduções, os jesuítas acompanhavam o desempenho dos guaranis iniciados nas letras e música, investindo na aprendizagem destas artes. Houve um dirigismo dentro das reduções, pois os jesuítas buscavam apostar nos mais capazes e aproveitá-los para o "bem comum". A instrução ministrada nas reduções foi seletiva, visando um melhor aproveitamento dos recursos humanos disponíveis. Os jesuítas sempre centraram suas atenções para formar uma "elite", como ficou evidenciado através da cooptação dos caciques e de seus descendentes diretos.

As artes mecânicas desenvolvidas nas oficinas missioneiras apresentaram grande progresso no século XVIII, quando chegaram vários jesuítas alemães, momento em que se formaram verdadeiros centros artesanais nas reduções. A grande habilidade dos guaranis na execução das artes mecânicas está mencionada com grande freqüência pelos novos jesuítas de descendência germânica, pois os guaranis

> *"(...)son muy hábiles en todos los trabajos de mano, porque lo que ven una vez, lo remedan com maestria. En todas las clases de oficios, hay entre ellos algunos notables artistas como por ejemplo, pintores, escultores, tejedores, carpinteros, cerrajeros, albañiles y Herreros; en una palabra, no hay ofício que no se ejercite en las reducciones(...)"*[24].

Apesar de todas as reduções estarem providas de oficinas, em determinadas ocasiões algumas apresentavam grande demanda por uma modalidade específica de ofício, momento em que se enviava de uma redução a outra índios capacitados para executar os serviços e ensinar os demais.

[24] Carta del P.Antonio Betschon al R.P Javier Am Rhin provincial de Alemania Superior; Martires, 3, en Paraguay 1719, in MUHN, *op.cit*, p.245;

Sempre houve, em suma, por parte dos jesuítas a preocupação em capacitar os guaranis sob sua tutela para a execução de lides variadas, tendo por base ideológica uma concepção moderna de trabalho, incrementada com a chegada de jesuítas alemães no século XVIII, que aprimoraram e desenvolveram novas técnicas de produção.

Além dos ofícios necessários para enfrentar as demandas diárias e mais comuns, aprenderam os guaranis outros que exigiam uma técnica muito mais elaborada.

Por todos os ofícios desenvolvidos no âmbito missioneiro, as reduções tornaram-se, durante o século XVII e o XVIII, um centro de formação e capacitação de mão de obra no coração do Império Colonial Espanhol, habilitando milhares de guaranis missioneioros na execução de trabalhos manuais, a partir da instrução inicial ministrada pelos primeiros jesuítas. Com este contato os guaranis foram "elevados" às funções de carpinteros, ferreiros, curtidores, tecelões, pintores, escultores e demais artes mecânicas realizadas nas oficinas missioneiras.

A existência de artesãos qualificados, com excelente conhecimentos sobre as artes mecânicas, colocava as reduções administradas pela Companhia de Jesus como uma organização social diferenciada no mundo do trabalho local, devido ao alto grau de aprimoramento que atingiram as técnicas fabris e pela transmisão destes conhecimentos entre as várias gerações de guaranis.

2.3. SAZONALIDADE DAS ATIVIDADES:
a cadência das estações

As atividades realizadas na sociedade colonial rio-platense apresentavam um ritmo cadenciado em relação as estações do ano, na qual parte das relações sociais estavam organizadas

conforme algumas possibilidades estabelecidas entre o tipo de trabalho e o melhor momento para sua execução.

Os períodos e a intensidade das atividades desenvolvidas pela população colonial rio-platense, necessitaram contemplar a experiência acumulada por parte das populações indígenas que ocupavam inicialmente estas terras, conhecidas as dificuldades climáticas impostas a esta região nos meses de inverno. As agruras da estação do frio, conjugada à ação dos índios, determinaram o insucesso da primeira tentativa espanhola de estabelecer um núcleo de colonização nas margens do rio da Prata[25].

Uma observação mais atenta às distintas tarefas desenvolvidas no período colonial rio-platense e aos ecossistemas em que estavam inseridas, indicam que várias atividades apresentavam uma sincronia com os ciclos da natureza e que estas relações eram o resultado da "(...)tecnologia y los saberes que los hombres han ido acumulando en sus complejas relaciones con la naturaleza(...)"[26] determinando de maneira substancial as possibilidades produtivas nesta região.

Devido às dificuldades enfrentadas nos primeiros anos, os jesuítas, atentos observadores, valeram-se dos conhecimentos acumulados pelos guaranis na região antes de sua chegada, valorizando a tecnologia do trabalho anterior, uma vez que na sociedade guarani, a maior parte

> *"(...)das atividades segue o ritmo sazonal da própria natureza, inumeras atividades (como a caça e a pesca) são igualmente lúdicas e sua concepção básica de que "a vida deve ser vivida", impediram os esforços desenvolvidos pelos jesu-*

[25] "Entretanto, no inverno, quando os ventos frios varriam as planíces pampeanas, a caça rareava e os índios se tornavam hostis, os espanhóis se viram condenados às agruras da fome", in CANABRAVA, *op.cit*,p.66.
[26] Ibidem, p.551

ítas europeus no sentido de uma regulamentação e de uma planificação"[27].

Como ninguém, os padres missioneiros souberam adequar estas prescrições às prioridades coloniais, compreendendo a importância da sazonalidade para o melhor aproveitamento do tempo nas atividades rotineiras.

Os meses em que foram registradas as primeiras e maiores queixas por parte dos jesuítas, correspondiam às épocas de instabilidade climática -outono e inverno-, quando eram registradas *continuas pestes y enfermedades* causando as doenças conhecidas por "(...)terçianas y calenturas fuera de otros achaques causados del temperamento humedo y calido destas Provincias(...)"[28]. Com a entrada do inverno acentuavam-se os problemas, período de grandes prejuízos às plantações de milho e trigo devido as chuvas, pois as raízes "(...) con las aguas se pudren y dañan aun estando debaxo de la tierra(...)"[29] conforme o memorial do Superior das Missões, Francisco Diaz Taño.

Com base no argumento climático, por exemplo, os jesuítas justificaram parte da negativa a um pedido de transladar 1000 famílias de índios guaranis para povoar as imediações de Buenos Aires, alegando ser esta "(...)terra fria y destemplada para ellos, donde aun vivendo solos los varones robustos por pocos meses, enferman y mueren ordinariamente en lo áspero del invierno(...)"[30], segundo informou o Governador D.Jose de Herrera y Sotomayor, ao Rei de Espanha.

As referências explicítas às estações do ano como demarcadores de várias atividades econômicas aparecem mencionadas na documentação colonial com certa freqüência, constituindo-se na balisa mais clara quanto à duração de cada etapa de

---

[27] KERN, Arno Alvarez. As Utopias, o utopismo e as Missões Jesuítico-Guarani. in *ANAIS da X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH).* Curitiba.1991,p.69.

[28] Memorial do Superior das Missões...,in MANUSCRITOS, Vol V,p.21.

[29] Ibidem, p.20.

[30] Carta del Gobernador de Buenos Aires D.Jose de Herrera y Sotomayor, á S.M.Buenos Aires, 2 de enero de 1683, in PASTELLS, Pablo, Tomo IV, p.505.

trabalho. Os ciclos da natureza são mencionados por todas as forças sociais que interagiram na formação da sociedade ibero colonial rio-platense; tanto os colonizadores espanhóis como luso-expansionistas.

O calendário laboral rio-platense apresentava um relativo grau de complementaridade das atividades, sendo o verão o período do ano em que se ocupava grande quantidade de braços para a colheita do trigo[31].

A pecuária, por sua vez, possuía algumas tarefas sazonais, mas por outro apresentava certas modalidades de trabalhos que não estavam vinculadas ao calendário. A extração de erva mate também ocupava parte da população no momento de sua coleta ou transporte realizada nos meses de calor. Algumas madeiras especiais, como o Curupay, Urunday, Peteribí, Tabarén, ou Cedro possuía uma época específica de corte[32] e estavam destinadas à confecção de determinadas peças da estrutura de uma embarcação ou na edificação de algum prédio.

As influências climáticas faziam sentir-se na área rural dos povoados missioneiros, indicando algumas especificidades existentes entre as reduções. Por exemplo, "(...)não eram todas que possuíam ervais, estâncias de gado, plantação de algodão e vinhedos"[33], liberando desta forma uma parcela considerável de índios missioneiros para a realização de outras atividades na redução, permitindo um aprimoramento técnico conforme os recursos naturais do local onde estavam instaladas.

Os trabalhos estacionais permitiam uma sincronia entre as diferentes modalidades de trabalhos efetuados pela população colonial, que apesar das imagens exageradas da historiografia

---

[31] "Diciembre es comienzo del verano y el mes en que se inicia normalmente la actividad del calendário y la que ocupa la mayor cantidad de brazos: la cosecha triguera", in GARAVAGLIA, *op. cit.*,p.555.

[32] Uma extensa lista com as madeiras existentes nas matas paraguaias podem ser consultadas como o nome em guarani, suas características e melhor aplicação, bem como os meses apropriados para o corte das madeiras nobres, in FURLONG, Guillermo. *Artesanos Argentinos durante la dominación hispanica*. Buenos Aires: Editorial Huarpes,1946,pp.90-245.

[33] KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto,1982,p.210.

sobre um modo de vida predominantemente baseado na pecuária, estava orientado para uma série de outras tarefas que sustentavam a complexa vida rural.

As dificuldades iniciais vividas pelos primeiros colonizadores serviram para determinar a necessidade de buscar a melhor maneira de exercer as atividades imprescindíveis à vida no Novo Mundo. As fomes e os problemas materiais registrados nos primeiros tempos obrigavam a busca de uma maior complementaridade entre o homem e o meio, pois as adversidades iniciais poderiam ter inviabilizado o estabelecimento dos espanhóis nessas terras.

O resultado imediato da adequação dos trabalhos executados na colônia, principalmente os vinculados à agricultura e à pecuária, aos ritmos da natureza, determinaram o fluxo das novas tarefas, ampliando, deste modo, potencialidades produtivas.

2.4. CASTIGOS E FUGAS: *as duas faces da disciplina*

A historiografia produzida a respeito das missões estabelecidas entre os guaranis pouco especulou sobre o binômio referente aos castigos e fugas. Quando aparecem referidas às fugas dos índios na documentação missioneira, estas são compreendidas como parte da sua *natural inconstância*[34] e do *gênio vago*[35] dos guaranis.

Os autores de filiação jesuítica pouco mencionam sobre as fugas, que na verdade são saídas, pois os guaranis não possuíam qualquer obrigação de viver na redução, configurando o

[34] "Sucedió varias vezes que faltaban algunos Yndios del Pueblo por averse huído por su natural inconstancia", in MANUSRITOS, Vol VI,p.183.
[35] "(...)se huyeron por su genio vago a Buenos Aires(...)", A.H.N.M, leg 120, doc Nº 79.

abandono do espaço reducional uma evasão e não uma fuga propriamente dita.

Sempre houve casos de saídas dos guaranis das reducões; várias vezes foram acusadas evasões, quando "(...)andan esparcidos y deramados algunos Yndios guaranies de las reducciones que los religiosos de la dicha compañia tienen en el Parana y Uruguay(...)"[36], mas que pouco faziam-se notar em meados do século XVII, devido ao aumento populacional gerado pelo crescimento vegetativo. Assim os censos realizados sobre a população missioneira não chegavam a acusar estas pequenas baixas.

O crescimento populacional vertiginoso, registrado entre os anos de 1640 a 80 levou os padres a comentarem as dificuldades em instruir tantas famílias, determinando a necessidade imediata de reforçar a disciplina. Ao excederem 400 famílias a maioria das reduções, o Provincial, preocupado com as dificuldades existentes para a condução dos trabalhos missionais, enviou recomendações conjunta aos jesuítas. O provincial Diego Altamirano, em carta datada de 15 de novembro de 1678, comunicou a todos os Padres missioneiros que convinha evitar os extremos na execução dos castigos[37] e que estes somente deveriam ser aplicados uma vez esgotadas todas as outras maneiras de persuasão e ainda que antes do castigo deveria ser realizado o exame da falta cometida pelo infrator[38].

---

[36] "Real Provisión de 11 de Octubre de 1660, para que l.os indios pertenecientes á las reducciones del Parana y del Uruguay que no hubiesen sido reducidos, se entreguen al Colegio de la Compañia de Jesus de la Ciudad de Santa Fé, in R.C.P, Tomo I,p.412.

[37] Carta del Pe Provincial Diego Altamirano de 15 de Noviembro de 1678. B.N.M, Sala Cervantes, ms 6976

[38] Entre as infrações cometidas, estas variavam muito, desde a negativa em realizar os trabalhos nas chácaras ou participar das missas, mas as infrações mais preocupantes aos olhos dos jesuítas eram as morais, como o adultério, sendo prescrito que "(...)se le den â el Indio 25 açotes en el rollo y se añaden 15 dias de carsel con grillos(...) a los que entran a la casa de las recogidas para trato ilicito con ellas o las sacan para el mismo fin se les castigaran en el rollo con 25 azotes e se les llevara a la verguenza a los pueblos mas vezinos". Ordenes del P.Provincial Luis de la Roca para las Doctrinas del Parana y Uruguay en la visita de 1724. B.N.M, Sala Cervantes, ms 6976.

Pelo tom empregado no documento assinado pelo Provincial Thomas de Baeza, substituto de Altamirano, muitos foram os excessos cometidos na hora de aplicar as penas, sem a distinção do infrator, aconselhando a moderação, pois essas atitudes ocasionavam "(...)los inconvenientes, que se siguen en especial de la fuga de los Indios dexando sus mugeres, entrandose en los Pueblos de los Españoles y aveces entre los infieles(...)"[39], sendo explícita a recomendação de preservar os *índios de respecto, y benemeritos* como são os caciques, capitães, alcaides maiores e os cabildantes da vexação de punição pública, conhecidos os efeitos desastrosos sobre os demais habitantes das reduções.

Os índios das reduções do Uruguai, especialmente os dos Sete Povos[40], desertavam periodicamente aproveitando a vizinhança dos portugueses. Em correspondência expedida a Buenos Aires, o governador da Colônia de Sacramento, informava sobre o roubo de cavalos praticado em domínios portugueses pelos guaranis evadidos das reduções, acrescentando que "(...)estes uma vez fugidos não tornão ás Aldeyas por medo do castigo(...)"[41] e, por temerem as repriendas dos padres, optavam por residir entre os índios infiéis, levando consigo cavalos para serem bem recebidos.

Ao buscarem a vida fora do espaço reducional, os guaranis missioneiros poderiam escolher entre duas modalidades de sobrevivência. A primeira junto aos índios infiéis como mencionam horrorizados os jesuítas, ocupando-se do roubo de gado e do comércio ilegal, possibilidade acentuada na virada do século, conforme consta em vários documentos. A segunda possibi-

---

[39] Carta del P[e] Provincial Thomas de Baeza de 15 de abril de 1682. Para los P[es] Missioneros del Parana y Uruguay. B.N.M, Sala Cervantes, ms 6976

[40] Entre os padres missioneiros, colegas de Antonio Sepp, houve reiterados casos de índios fugitivos e "(...)son muchos los casos de estos que refieren los Padres que han sido sus Compañeros", in MANUSCRITOS, Vol VI, p.184.

[41] Carta/Colônia de Sacramento, 17 de janeiro de 1700. Informe sobre os indios fugitivos das Aldeias e medo destes aos castigos; promete capturá-los e enviá-los ao destinatário, in MENDONÇA, *op.cit*,p.57.

lidade referia-se a prestar serviços aos espanhóis nas cidades coloniais.

As evasões registradas e o destino tomado pelos guaranis que abandonavam o convívio reducional foi uma das preocupações dos membros da Companhia de Jesus, levando os Provinciais a recomendarem moderação na aplicação dos castigos como forma de conter estas debandadas. Os jesuítas ao imporem punições severas em busca de castigos exemplares semearam o temor entre os guaranis diante das possíveis penalizações aos novos delitos; os missioneiros, diante de uma população extremamente dilatada, supuseram que uma maior disciplina resultaria em um melhor enquadramento dos índios no sistema de trabalho e na conseqüente obediência às instruções ministradas.

A documentação interna das reduções expressa claramente o receio dos jesuítas de que as evasões tomassem maior dimensão e os provinciais instruíam os missioneiros no sentido de maior moderação no trato com os índios, principalmente na hora de aplicar os castigos[42]. Essas saídas dos guaranis estavam motivadas pelo trabalho excessivo e pela imposição de penalizações diante das manifestações de contrariedade para realizar uma carga de trabalho pesada; fato acentuado devido aos constantes envios de Guaranis missioneiros para servir nas obras públicas de Buenos Aires.

No século XVIII, após o término das rebeliões comuneras, as reduções registraram uma grande baixa demográfica, agravada com a peste de 1735, decorrência imediata dos efeitos negativos da intensa participação missioneira nos trabalhos públicos e conflitos provinciais. O descenso populacional extremamente acentuado determinou um abrandamento nas punições, pois o *afetado rigor* com que alguns tratavam os índios, no en-

[42] Na carta do Provincial Thomas de Baeza de 15 de Abril de 1682 aos padres missioneros do Paraná e Uruguai, são bastante incisivas as recomendações e procedimentos a serem considerados na hora de na aplicar os castigos , B.N.M, Sala cervantes, ms 6976.

tender de Jaime Aguilar, colaborava para muitas reduções encontrarem-se quase desertas.

A situação demográfica das reduções e a realidade sócio-econômica da província determinaram uma mudança substancial na orientação aos jesuítas sendo, inclusive adotada uma concepção diferenciada do trabalho imposto aos guaranis. Desta forma o Provincial ordenou que:

> *"(...) a quantos de los Nuestros Son y fueren en estas misiones que no castiguen ni hagan castigar a hombre, ni muger por ningun defecto, o excesso que no llegue a pecado mortal. I no es tal Pecado, ni ninguno el no querer trabajar para el Comun en hazer yerba y otras semejantes faenas"*[43].

Conjuntamente aos efeitos mortais da epidemia registrada após as rebeliões comuneiras, assistimos a um aumento nas evasões nas reducões Nesta mesma década, "(...)gran parte de los marineros de las barcas que surcan el Paraguay y el Parana son indios "misioneros"(...)"[44].

Segundo a análise de Susnik, o fenômeno de grande abandono do espaço reducional se devia ao fato de que os

> *"(...)Guaranies missioneros encontraron su modo de evasión, buscando su "libertad" en conchabos o pequeñas chacras libres, siempre arrimándose a los pobladores españoles y rechazando cualquier marginación en las tierras de los Avá Monteses libres"*[45].

Os jesuítas, ao instrumentalizarem muito os guaranis missioneiros, criavam as condições para que os que optassem viver

---

[43] Carta de PP Jayme Aguilar.Candelaria y Nov 23 de 1735. B.N.M, Sala cervantes ms 6976.
[44] GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno y Economia Colonial*. Mejico: Grijalbo.1983,p.200.
[45] SUSNIK, Brawibra. op. cit. Asmeion, 1979, p. 234.

fora da redução encontrassem facilidades na colocação junto ao mercado de trabalho das cidades coloniais rio-platenses.

A circulação dos guaranis missioneiros -ainda vinculados às reduções ou evadidos delas- foi bastante expressiva na Banda Oriental, a partir do segundo quartel do século XVIII. Em várias ocasiões, os padres saíam em meio às matas para localizar alguns índios fugitivos e tentar reconvertê-los à vida em redução, repetindo a ação evangelizadora empreendida nos primeiros anos de catequese.

As reduções do rio Uruguai, por sua proximidade com os estabelecimentos portugueses, estavam mais expostas ao assédio do inimigo, obrigando a adoção de medidas enérgicas que impedissem a propagação do exemplo negativo entre os guaranis que seguiam sob a orientação jesuítica.

Foram tomadas medidas para melhor gerenciar a população missioneira remanescente e evitar novas baixas em função das influências negativas dos *índios infiéis*[46], bem como restringir o perigo que representava a incorporação de fugitivos à redução. Os jesuítas determinaram que os índios das missões localizadas no rio Uruguai, ao fugirem para o lado português, uma vez capturados, além "(...)de darles el dicho castigo Sean desterrados al Parana con su mujer, e hijos pequeños. Hize publicar este orden en el Pueblo de San Angel"[47].

A partir do descenso populacional missioneiro, os jesuítas foram obrigados a flexibilizar as punições impostas aos guaranis em falta. Os excessos cometidos na aplicação dos castigos foram considerados por Jaime Aguilar, Padre Provincial das reduções, como um dos motivos para o acentuado número de indíos que evadiam das reduções.

---

[46] "Un vaquero baqueano de S.Borja que adquirió ciertas experiencias de los Charruas, belicosos asaltantes de estancias, llegó a reunir una banda de otros 20 Guaraníes fugitivos, dedicándose todos al robo del caballar y del ganado de las estancias misioneras, vendiendo o trocando en las tierras portuguesas", in SUSNIK, *op.cit*, p.236.

[47] Memorial del P[e] Machoni de 7 de marzo de 1742. B.N.M, Sala Cervantes, ms.6976.

As fugas devem ser entendidas, em um primeiro momento, dentro de um processo marcado por um crescente populacional, na qual poucos jesuítas deviam controlar uma população numerosa, obrigando-os a acentuar a disciplina. E em um segundo momento, na virada do século, quando paulatinamente ocorre um incremento econômico da região platina dentro da estrutura colonial. Nesse momento o interesse ibérico foi revitalizado em função da exploração dos couros, que ocasiou um afluxo de novos agentes sociais para essas terras. Isso proporcionou outras opções de ocupação aos guaranis missioneiros, diante dessa atividade econômica. Assim, surgiram diferentes possibilidades de enquadramento na região platina aos guaranis que abandonavam a vida em redução.

Problemas relacionados entre os castigos e as fugas foram mencionados por alguns Provinciais, que recomendavam aos padres missioneiros clareza de critérios e moderação na aplicação dos castigos físicos.

Outros jesuítas, ao comentarem os fenômenos das fugas, preferiram a explicação limitada e simplista do gênio vago e inconstante dos guaranis, omitindo o conflito existente entre a austera disciplina jesuítica e a manifestação expressa de repúdio praticada por parcela da população missioneira através do abandono do convívio em redução.

3. A PARTICIPAÇÃO GUARANI MISSIONEIRA NA VIDA COLONIAL RIO-PLATENSE.

"(...)los Indios Guaranis de las Reducciones del Parana y Uruguay, del Cargo de la Compania de Jesus, han acreditado la fidelidad a su Magestad, y la prompta obediencia a sus Ministros, y Governadores, acudiendo puntuales à la menor insinuaccion, y llamamiento, asi para resistir, õ fabricar Fortalezas, y templos en que cuya tenido interes el publico de ambas Provincias de Buenos Ayres y Paraguay:(...)"[48].

A epígrafe acima constitui-se em uma ótima síntese da ampla participação dos guaranis missioneiros, reduzidos sob a prédica jesuítica, em toda a Província do Paraguai. Essa intensa atuação, junto à sociedade colonial rio-platense, é o objetivo do presente capítulo.

Tanto as reduções do Paraná como as do Uruguai, sempre que requisitadas, contribuíram com as respectivas governações[49] a que estavam subordinadas. Os serviços prestados pelos guaranis ao poder público colonial foram uma constante por mais de um século. Esses serviços apresentavam-se na forma de "auxílios militares" ou em obras públicas; em determinadas ocasiões executavam outras tarefas conforme a solicitação dos governadores e a pertinência do pedido. Constituíam-se essas

---

[48] Memorial al Rey nuestro señor en su Real y Supremo Consejo de las Indias, sobre las noticias de las Misiones de los indios llamados Chiquitos y del estado que oy tienen estas, y las de los Rios Parana y Uruguay que estan a cargo de los Padres de la Compañia de Jesus de la Provincia del Paraguay. "Obra del P. Francisco Burgés, y , segun parece, de 1702". 18 hojas. B.R.A.H, Jesuítas, Tomo LV, p.10.

[49] Em 1618 operou-se a divisão administrativa das Províncias do Rio da Prata, resultando nas Províncias do Paraguai, Rio da Prata e Tucuman, com suas capitais, respectivamente, em Assunção, Buenos Aires e Cordoba. Esta divisão buscava melhor equacionar os problemas decorrentes das grandes distâncias existentes entre estas cidades e as dificuldades de comunicação. Entretanto as reduções estavam somente sob a jurisdição de dois governadores, o de Buenos Aires e Assunção.

prestações de serviços em uma das formas de exploração do trabalho indígena por parte do Estado colonial.

A força de trabalho expressa pelos guaranis missioneiros, em determinadas ocasiões, foi canalizada pela Coroa para suprir as demandas existentes junto à Província do Paraguai nos momentos de precária oferta de contingentes significativos de trabalhadores para realizar as atividades essenciais a essa sociedade.

3.1. RELEVÂNCIA DAS REDUÇÕES NO PARAGUAI COLONIAL

A esfera de participação das reduções guarani-jesuíticas nas terras que integravam a extensa Província do Paraguai atingiu as mais diversas formas de atuação. Junto às duas governações executaram várias modalidades de serviços, auxiliando à sociedade colonial paraguaia. Proveram as *cidades coloniais* de homens, mantimentos e montarias; constituíram-se na opção preferencial diante das dificuldades mais imediatas que afligiam a *Província Gigante das Índias*.

Durante os séculos XVII e XVIII foram expedidas diversas cartas-ordem por parte dos Governadores, solicitando aos Padres Provinciais que enviassem *índios das reduções* para auxiliarem contra as possíveis invasões de nações estrangeiras e ataques de *índios infiéis*, ou ainda para participar das obras públicas, na escolta de governadores, no patrulhamento das terras rio-platenses, bem como no fornecimento de armamentos e *apetrechos de guerra*, contribuindo, por vezes, com mantimentos para às tropas em campanha.

As principais modalidades de serviços prestados ao poder público colonial podem ser assim sintetizadas:

a) Facções de guerra;
b) "Obras públicas";
c) Transporte e construção naval.

Essas três vias de inserção e participação das reduções guaranis missioneiras na vida social rio-platense tornaram-se inteligíveis, pois nesse momento "(...) hasta los inicios de la rebeliones comuneras, los pueblos de indios y las reduccciones son - demografica y economicamente- dominante en el marco de esta formação regional"[50].

Um aspecto de grande relevância no estudo da temática platino-missioneira diz respeito ao fato de considerar as reduções como parte integrante da sociedade colonial, em especial a rio-platense, e não como uma organização à parte.

Para uma análise mais abrangente e global do passado colonial rio-platense, é necessário, primeiramente, romper com a visão limitada e isolacionista (insularismo) com que foram analisadas as reduções guarani-jesuíticas pela historiografia tradicional[51]. Sempre levando em conta que os próprios membros da ordem, durante muito tempo, foram os principais responsavéis pela produção de conhecimento sobre a referida Companhia de Jesus.

Somente a partir das pesquisas centradas nas dinâmicas próprias das possessões coloniais, e não apenas nas análises restritas ao mercado metropolitano, é que se tornou possível ampliar este horizonte. A economia colonial sul-americana, apesar de estar vinculada às pressões da metrópole, nem por isto deixava de produzir gêneros para o abastecimento interno e que não correspondiam necessariamente às demandas e oscilações do mercado externo.

Com o início dessas pesquisas, tornou-se possível buscar as particularidades de cada economia regional e seus vínculos com o mercado interno. Esses trabalhos privilegiam os aspectos referen-

---

[50] GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno y Economia Colonial*. 1ª edição. México: Grijalbo,1983,p.179.

[51] Segundo a interpretação de Kern, "A maior falha, neste tipo de análise, é de imaginar a realidade histórica missioneira Guarani como algo planejado e posto em prática, petrificado no tempo, exemplo único e excepcional, isolado de seu contexto histórico e natural". KERN, Arno Alvarez. As Utopias, o utopismo e as Missões Jesuítico-Guarani. in *Anais da X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Historica (SBPH)*. Curitiba. 1991, p.71.

tes à produção, circulação e distribuição dos artigos e gêneros que supriam as carências básicas da população colonial. Resultando, assim, em abordagens mais completas, pois abrangentes, que rompem com a limitação imposta por análises onde o mundo colonial estava apenas enfocado sob o ponto de vista metropolitano.

As principais obras e autores que contribuíram para desfazer essas interpretações unilaterais da economia colonial podem ser resumidas nestes três autores: Pedro Perez Herrero, Carlos Sempat Assaudorian e Juan Carlos Garavaglia. Cada um desses autores analisa o grau de inserção da economia colonial e como esta forma parte do sistema da economia-mundo.

A partir do advento dessas novas abordagens, foi possível demonstrar a ampla participação dos guaranis missioneiros em toda a Província do Paraguai: ou seja, através dessas investigações inovadoras sobre o tema pode-se evidenciar os inestimáveis serviços prestados ao poder público colonial pelos guaranis.

Entretanto, a participação dos guaranis na esfera social rioplatense deve ser pormenorizada. Pode-se indicar a convivência de três realidades guaranis distintas nesta sociedade. Em primeiro lugar o guarani missioneiro, aldeado sob a tutela jesuítica e disciplinado em várias modalidades de serviços, sendo esse o tipo humano privilegiado nesta análise. O outro tipo é o guarani que integrava os *Pueblos de Índios* e estava sob o controle de outras ordens que não a jesuítica, conhecidos como guaranis provinciais. O último corresponde aos que não estiveram sob o controle de nenhuma ordem, pois

> *"(...)certo número de tribos guarani tinham escapado dos jesuítas e dos colonos e conservaram a sua autonomia, por que se estabeleceramm num território que durante muito tempo permaneceu inacessível: daí a denominação de caaiguas ou cainguas (gente da floresta) que lhes foi atribuída"*[52].

[52] CLASTRES, Hélenè. *Terra sem mal.* São Paulo: Editora Brasiliense.1978,p.10.

Essas observações são relevantes, uma vez que muito da historiografia produzida sobre o período e o tema saíram da pena dos historiadores jesuítas, comprometidos com os interesses diretos da Companhia de Jesus. Resultando, assim, em uma imagem na qual todos os guaranis do Paraguai eram apresentados sob a tutela da ordem. A esses importava defender o trabalho da Companhia de Jesus na província e apontar o êxito missional desta experiência.

Os diversos trabalhos prestados pelos guaranis missioneiros nas governações que integravam a Província Paraguaia, poucas vezes aparecem mencionados na bibliografia sobre o tema. Raros são os autores que abordam a obediência devida pelas reduções as suas respectivas jurisdições. Entre esses autores podemos mencionar Hernandez, que analisa os "efectos en el resto del pais".

Uma obra de referência obrigatória sobre qualquer tema referente ao Paraguai é a de Branislava Susnik, que elabora um estudo etno-histórico dos Guaranis, no qual indica, entre outros efeitos a participação ativa dos guaranis na vida provincial criolla[53] e o papel de destaque que desempenharam nas mais variadas atividades provinciais. Por sua vez Monner, em sua obra[54], contrapõe vários autores e elabora um capítulo intitulado "Servicios de los índios Guaranies". Boas referências podem ser obtidas no trabalho de Charlevoix, Funes e Jarque[55]. Além dessas existem informações a respeito da participação guarani missioneira na vida colonial paraguaia, mas de maneira sucin-

---

[53] SUSNIK, Branislava. *Los aborigenes del Paraguai--etnohistoria de los guaranies--Epoca Colonial.* Asunción, Museo Etnografico "Andrés Barbero", 1979-1980.Em especial o Capitulo 3, parte 2: La participación activa de los Guaranies en la vida provincial criolla,pp.219 a 255.

[54] MONNER SANS, Ricardo. *Misiones guaraniticas (1607-1800) pinceladas históricas.* Buenos Aires: Imp de Pablo E.Coni Hijos. 1892,pp.99 a 127.

[55] Destes três autores, Jarque é o único contemporâneo ao período missioneiro, redigindo sua obra no seculo XVII a partir dos dados compilados pelo Padre Altamirano. JARQUE, Dr D.Francisco. *Insignes misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay:estado presente de sus Misiones en Tucuman, Paraguay y Rio de la Plata, que compreende su distrito.* Pamplona, 1687.

ta, na obras de Gay[56] e na de Fernandez[57]. Autores como Porto[58] e Kern[59] mencionam os trabalhos prestados pelos guaranis nas obras públicas, mas como parte integrante dos serviços militares, sem indicar a especificidade dessa modalidade laboral.

Como parte do material disponível que comprova a dilatada participação missioneira, existe a prolixa "Informacion y Certificacion acerca de Varios puntos pertenecientes a los Yndios Guaranis"[60]. Informações preciosas podem ser obtidas no Arquivo Histórico Nacional (Madrid)[61], onde está depositado um volumoso conjunto de documentos referentes à atuação jesuítica no Paraguai, e na Biblioteca da Real Academia de la Historia[62] (Madrid).

3.2. MODALIDADES DE SERVIÇOS PRESTADOS

Entre as várias esferas de atuação dos guaranis missioneiros, a que inaugurou as requisições desses indígenas cristianizados foram os serviços de guerra. Nos primeiros anos de cristianização dos nativos, logo que apresentaram resultados posi-

---

[56] GAY, João Pedro. *Historia da Republica Jesuítica do Paraguai.* Rio de janeiro: Imprensa Nacional. 2ª edição, 1942. Capitulo XI: O Governo Politico e Civil das Reduções jesuíticas; Capítulo XII: O governo militar e milícias dos Jesuítas, pp.229-316.

[57] FERNANDEZ,Ramos Raimundo. *Apuntes historicos sobre Misiones.* Madrid, 1929, pp.89 e sgs.

[58] PORTO,Aurélio.*História das Missões Orientais do Uruguai.* 2ª edição. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. Vol I, (Jesuítas no Sul do Brasil),p.16.

[59] KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma Utopia política.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, pp.195-203.

[60] "Interrogatório sobre a possibilidade dos índios guarani pagarem tributo, em vista do seu carater, produção e antecedentes --02.12.1735 "– Doc. XLI, Jayme Aguilar in Tratado de Madri – Antecedentes – Colônia do Sacramento(1669-1749), in MANUSCRITOS, Vol V, pp.256-329.

[61] "Para formar alguna idea de lo que son los Yndios de las Doctrinas(...)" relação dos serviços realizados pelos indios de las Doctrinas, em consideração a Real cedula de 28 de Novembro de 1743. Esta listagem de serviços prestados foi elaborada a partir de vários memoriais e papeis autenticos apresentados ao Conselho de Indias. A.H.N.M, Jesuitas, legajo 120, doc n 7.

[62] Nesta instituição estão depositados vários documentos (ou cópias) referentes ao passado colonial rio-platense, seja na forma de Memoriais, Representações e outros informes, contando com um "Catalogo de documentos de America: Jesuítas".

tivos, as reduções foram chamadas a colaborar nas facções de guerra, mesmo como numeral, para ampliar as tropas em campanha.

a) **Facções de Guerra**

Após ter debelado o perigo bandeirante[63], como parte do resultado positivo obtido na batalha de M'borore em 1641, êxito logrado muito em função da concessão de armas de fogo aos guaranis sob a orientação jesuítica, essa "tropa auxiliar" recém formada passou a ser convocada para auxiliar na preservação do território platino. Foi o caso da requisição efetuada pelo Governador de Buenos Aires, Don Mendo de la Cueva, solicitando o auxílio dos guaranis no castigo aos índios sublevados contra a cidade de Santa Fé.

As possibilidades geradas com os acertos das medidas tomadas pelos jesuítas em 1641, no confronto luso-guarani, permitiu a formação de milícias missioneiras, sendo que estas "(...)tropas guaranis passaram a ser regularmente utilizadas como tropas auxiliares pelos governadores locais(...)"[64], contra os distintos inimigos e invasores.

A institucionalização de uma força militar junto às missões, esteve determinada pelas relações fronteiriças existentes entre os dois Impérios Coloniais, estando as reduções guarani-jesuíticas instaladas exatamente nos fragéis limites em expansão. A condição fronteiriça das reduções, com a criação de um exército guarani próprio e instituições militares adaptadas à nova situação constituiu-se em um diferencial entre as reduções orientadas pelos jesuítas e as demais[65].

---

[63] "A derrota da bandeira de Manoel Pires em M'bororé, pouco referida pela historiografia oficial, obstaculizou, sem dúvida, a marcha dos bandeirantes para Buenos Aires e, ao conter-lhes o ímpeto, travou nos limites dos saltos do Guairá Iguaçu e Uruguai a expansão luso-brasileira pelo território da Bacia do Prata",in BANDEIRA, Moniz. *O Expansionismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Philobiblion,1985,p.41.

[64] KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto,1982,p.151.

[65] Ibidem. No capítulo 4, o autor elabora uma análise multidisciplinar das possibilidades e efeitos da formação de uma milícia fronteiriça junto às Reduções Guarani jesuíticas.

Durante a década de quarenta do século XVII, foram constantes as recomendações e solicitações de guaranis para socorrerem a Província do Paraguai, pois estes índios

> *"(...)bien industriados en la milicia, y bien doctrinados en la fe, como lo estan, pueden ayudar a la defensa de las ciudades de los españoles en cualquier acontecimento de enemigos, como lo han hecho ya en dos ocasiones socorriendo a la ciudad de las corrientes, y a la de Santa Fé, contra unos indios barbaros infieles, que las infestavan; por lo cual se deben tratar como amigos que son tan provechosos a la conservación de estas Provincias"*[66].

As referências existentes à força armada que as reduções apresentavam deve ser entendida como o resultado da insistência dos jesuítas junto as autoridades reais, em Madri, para obter armas aos seus tutelados. Nos primeiros anos de existência desta "tropa auxiliar", os resultados positivos foram muito mais decorrência do número de índios em campo de batalha do que por sua organização.

Os jesuítas, nos anos seguintes, demostraram grande importância e preocupação em instruir os guaranis reduzidos na arte de guerrear. Os esforços direcionados pelos jesuítas para dotar as reduções com uma milícia eficiente atestava a condição militante da Companhia de Jesus[67].

Pelo papel decisivo que desempenharam no pronto socorro junto aos dilatados limites da Província Paraguaia, os guaranis missioneiros tornaram-se alvo de reiteradas considerações por parte dos Padres Procuradores, tanto na comunicaçao interna, como na documentação expedida pelas autoridades militares. O reconhecimento aos inestimáveis serviços de contenção aos

---

[66] Carta de D.Gregorio Henestrosa, Gobernador del Paraguay, al Presidente de la Real Audiencia de la Plata. Asumpcion y Septiembre a 6 de 1641. in A.M.P.A, Tomo V, p.146.

[67] O padre Antonio Sepp, jesuíta missioneiro no início do século XVIII, declarou que *"Et Societas est genuina filia ecclesiae militantis"* in SEPP, Antonio. *Jardín de flores paracuario.* Cap XXXIII: De la disciplina de nuestra milicia..., Tomo III,p.191.

ímpetos expansionistas lusitanos em direção aos domínios hispânicos, estão registrados em uma Real Cédula, atestando que as reduções "(...)havian defendido valentisimamente de doce años a esta parte de los Portugueses del Brasil a costa suia y de sus personas comprando armas y municiones otras cosas necesarias para su defenza(...)"[68], levando o Superior das Missões a soliciar no transcurso desta década o alívio dos tributos que incidiam sobre as reduções. O pedido de redução dos tributos apresentava como argumento central os vários serviços de guerra prestados ao poder público colonial, como fica explícito na documentação jesuítica.

Os trabalhos de guerra prestados ao Estado Colonial abrangiam uma vasta gama de atividades correlacionadas ao guarnecimento desta ampla Província limítrofe. Nestas facções de guerra, apresentavam-se os guaranis missioneiros como a principal força militar mais próxima e disponível ao combate - contra o inimigo nativo ou estrangeiro-, aliando a vantagem extra do domínio e conhecimento necessário da geografia da região, como dos montes e matos onde poderiam estar escondidos os inimigos.

A grande importância dos serviços prestados pelos guaranis missioneiros deve-se ao fato de que, em meados do século XVII, a Província do Paraguai e suas governações apresentaram-se precariamente guarnecidas e a nação vizinha, Portugal, demonstrava grande cobiça por acessar os domínios hispano-americanos, de maneira que estes serviços *constan de*

> *"(...) diversos testimonios y certificaciones que han dado los Gobernadores de estas Provincias del Paraguay y Rio de la Plata, en que se expresan las veces que han socorrido las ciudades de estas províncias contra los indios rebelados, lo*

[68] Real Provision del Peru... Cedula Real.Madrid 14 de febrero de 1647, in A.M.P.A, Tomo V,p.70.

que hicieron en defensa de esta frontera contra el rebelde portugués(...)"[69].

A situação extremamente beligerante colocava os guaranis missioneiros como uma alternativa constantemente acionada pelo poder colonial. Ao iniciar a segunda metade do século XVII, os guaranis missioneiros seguiram como a opção preferencial das autoridades coloniais para o resguardo destes limites fronteiriços.

As terras, sob a jurisdição de Buenos Aires, estavam expostas igualmente ao assédio das parcialidades indígenas que circundavam as imediações das poucas e isoladas praças coloniais que perfaziam esta governação. Os ataques indígenas, registrados em meados deste século, incidiram preferentemente sob a cidade de Corrientes e Santa Fé. Sendo que na última os índios Calchaquis estavam a trinta e quatro anos em conflito com os espanhóis, tentando

"(...) acabar con esta Ciudad, como acabaron la de la Concepcion y estando los Españoles sin fuerzas para resistirles el S. Gov. del Puerto Don. Pedro Baygorri dio orden a los Tapes baxassen luego de las reducciones trecientos y cincuenta armados al socorro(...)"[70].

As solicitações dos Governadores sempre incidiram sobre os índios das reduções pois estes eram os "(...)primeros y mas alentados en los combates y más sufridos en los trabajos, quienes llevaban en su compañia dos Padres, que fueron todo el consuelo de aquel ejercito"[71].

---

[69] PASTELLS,Tomo II,p.205; R.C.P, 1911,p.67.

[70] XLI-Interrogatório sobre a possibilidade dos índios Guarani pagarem tributo, em vista do seu caráter, produção e antecedentes.Nuestra Señora de la Candelaria, 2-XII-1735, in MANUSCRITOS, Vol V, p.308.

[71] 1656-4-30.Carta cuya copia exhibe ante el Escribano Baltasar de los Reyes y Leon el P.Francisco Diaz Taño, en la Asunción, à 27 de enero de 1657, in PASTELLS, TOMO II,p.414.

Mas a movimentação de tropas missioneiras em socorro à população colonial, foi igualmente acentuada durante a década de cinqüenta no auxílio à sede da Província e Governação do Paraguai, Assunção. Os serviços prestados, inicialmente, como socorro contra os índios rebeldes nos anos trinta extenderam-se com extrema intensidade nas décadas seguintes, sendo a principal força defensiva da *Província Gigante das Indias*.

Certa ocasião foram designados para oferecer resistência aos *Mamelucos do Brasil,* que anunciavam a intenção de passar as terras do Peru. Os planos de avançada e invasão por parte dos lusitanos, foram *descubiertos por las Espias de dichos Yndios* e posteriormente debelados pelos mesmos guaranis missioneiros.

Os serviços de guerra prestados pelos guaranis missioneiros na governação do Paraguai, diante dos *Mamelucos do Brasil,* registrou sua última grande contenda em 1652, quando os índios das reduções livraram "(...)con esta accion la Provincia del Ytati de los enemigos y la conservación en los domínios de la Corona de España â costa de su sangre y vidas"[72].

Seguiam auxiliando nas correrias em terras de rebeldes como castigo aos *índios infiéis*. Com efeito a situação nos arredores de Assunção era tensa, devido aos excessos cometidos pelos encomendeiros com os indígenas recrutados para a prestação de serviço pessoal aos colonizadores.

A eclosão da rebelião dos índios de Arecaya, em 1660, foi um dos momentos de maior acirramento nas tensas relações entre nativos e colonizadores. Culminou com o Governador do Paraguai, Don Alonso Sarmiento y Figueroa, hominiziado na Igreja de Arecaya por ser este o prédio mais sólido de Assunção.

Nessa ocasião, os guaranis das missões, por livre decisão dos jesuítas, somaram mais uma vitória

[72] "Interrogatório sobre as possibilidades...", in Manuscritos, Vol V,p.318.

"(...) como fue la que alcanzaron el año de 1660 solos 210 Indios conducidos por el P.Lucas Luefsa, que sacaron al Ilm. Gov. Don Alonso Sarmiento Figueroa de la opresion en que le tenia los Indios Christianos del Paraguay encerrado en una Iglesia de un pueblo con muerte de muchos españoles de su escolta(...)"[73].

Os índios rebelados receberam combate dos guaranis missioneiros que obtiveram a liberdade do Governador. Posteriormente, esses indígenas perseguiram e enforcaram muitos dos índios insurretos. O pronto atendimento dos efetivos guaranis às solicitações de auxílio militar, por parte dos Governadores, colocava esses diante de uma situação de constante animosidade em relação às demais parcialidades indígenas que habitavam o Paraguai.

Esta convivência, que nunca foi amistosa, chegou a seu ponto extremo quando os

"(...)índios Guaycurús, irritados de la fidelidad con que los guaranies han acudido siempre á la defensa pública y servicio de S.M, vinieron con gran poder el año de 1661, contra las reducciones, pero los indios de ellas, sin ayuda de españoles, se defendieron de suerte que matando muchos de sus enemigos libraron sus pueblos de grande hostilidades"[74].

Os guaranis missioneiros enfrentavam ainda a oposição por parte da populacão colonial, sendo bastante explícitos os desafetos aos jesuítas, refletidos na "(...)animosidade provincial-criolla y guarani pueblerina-a los misioneros y vice versa era generalizada(...)"[75].

---

[73] Capítulos de Cartas de Juan Lagunas año de 1753. A.H.N.M, Jesuítas, legajo 120, doc 42.
[74] MONNER SANS, opus cit,p.111.
[75] SUSNIK, *op..cit.*,pp.232 e segs. Nesta parte de sua obra a autora menciona a diferença de tratamento dispensado aos "guaranis pueblerinos", considerados como uma fonte de mão de obra aos encomenderos, e os guaranis missioneiros, que diante da política comunera paraguaia,

Nas terras sob a jurisdição do governo paraguaio, as animosidades existentes entre com os indígenas que não aceitaram a cristianização, seja ela de instrução Jesuíta ou Franciscana, deixavam a população assuncenha exposta a um perigo constante. Os principais inimigos diziam respeito aos Paiaguas, que infestavam o rio Paraguai e dificultavam a navegação deste caudal, e também dos Guaicurus que insistiam em rondar a sede da Província, aguardando o momento oportuno para o saque e pilhagem de artigos para o seu consumo. Essa convivência desafetuosa entre a população colonial e as parcialidades indígenas não cristianizadas pontuou as décadas seguintes dessa governação, ocasionando uma constante presença dos guaranis missioneiros nas imediações dessas praças coloniais, atuando em atividades de navegação e patrulhamento dos rios[76].

No decorrer deste século, os guaranis missioneiros atuariam várias vezes mais, investidos da condição de tropa auxiliar das autoridades hispânicas; distúrbios ocasionais faziam parte da rotina colonial, sendo que a maior mobilização de tropas ocorreu por ocasião do primeiro cerco e tomada de Sacramento, em 1680[77].

A governação do Paraguai sofreu o assédio português através da avançada Bandeirante, e Buenos Aires através das várias contendas registradas próximo aos muros da Colônia do Sacramento, alvo de disputados enfrentamentos.

Ambas as governações encontravam-se diante da necessidade de solicitar socorro às reduções, uma vez que não contavam com homens suficientes para defender todas as frentes de

---

estavam isentos da prestação pessoal de trabalho ao poder privado, impedindo o acesso dos conquistadores a estes contigentes de trabalhadores. Os colonizadores consideravam estes "... unos viles indios conquistados..."

[76] "(...)ayudaron otros con balsas y remeros para apartar entre tanto al enemigo, para poder trabajar sin sobresalto", in Manuscritos, Vol V, p.320.

[77] Para uma informação precisa sobre toda a movimentação de tropas para esta empresa militar ver "Relação da Primeira Tomada da Colônia do Sacramento pelos Espanhóis --25.11.1679 a 09.08.1680", in Manuscritos, Vol V, pp.27-37.

ataque geradas pelo invasor lusitano ou indígena. Esses últimos, desafeitos à presença hispânica, externalizavam seguidamente seu repúdio, principalmente os Guaicurus em Assução e os *índios infieis* em Buenos Aires. As reduções desempenhavam papel de destaque no guarnecimento destas terras, pois "(...)son los muros, que desde sus poblaciones defienden aquellos paragens"[78]. O socorro ocasional era um expediente acionado conforme a situação interna de cada governação, como foi o caso no "(...)tiempo que governo la Provincia del Paraguay Don Francisco de Monforte hizieron las reducciones dos socorros de gente armada, uno de trecientos Indios, y otro de ciento, contra el Enemigo Guaycuru"[79].

No final do século XVII, os *indios infieis* configuravam um problema sério às cidades coloniais rio-platense, levando os Superiores das Missões do Parana e Uruguai, a mencionar o fato de "(...)estar todas acometidas de Indios Ynfieles enemigos y casi acavadas por sus hostilidades(..)"[80], devido ao confinamento da população no espaço intra-muros e os prejuízos causados por conta das lavouras pisoteadas.

O confronto entre guaranis missioneiros e indígenas não reduzidos ocorria independentemente de ataques às cidades de espanhóis e muitas vezes os *índios infiéis* ofereciam perigo as próprias reduções. Em 1701, Yapeyu, a mais austral de todas reduções, foi invadida à mão armada, e sua Igreja saqueada e profanada, sendo roubadas "(...)las ymagenes y los vasos sagrados, y se llevaron gran cantidad de caballos y vacas(...)"[81] obrigando *nuestros Neophitos à tomar armas en su defesa.*

---

[78] Peticion de D.Tomas Garcia de Chaves a S.M en nombre de don Clemente Rodriguez, Protector de los indios de Parana y Uruguay, solicitando se recoja la Real Cedula de 26 de febrero de 1680. B.R.A.H, Mata Linares. Tomo LVI, ff 40-43 sig:9-9-3/1711.

[79] Memorial al Rey nuestro señor en su Real Supremo Consejo de las Indias, B.R.A.H, Tomo LV, p.33.

[80] Manuscritos, Vol V, p.120.

[81] Manuscritos, Vol VI, p.244.

A belicosidade acentuada da região levou o Governador de Buenos Aires a enviar uma expedição punitiva a cargo do Sargento Maior Alejandro Aguirre, para impedir os insultos e roubos executados pelos *índios infiéis* coligados com os portugueses de Colônia. Esta empresa militar foi acompanhada de 2000 índios que costearam por duzentas léguas o rio Negro, encontrando em 6 de fevereiro de 1702 "(...)los infieles rancheados sobre el rio, peleando por espacio de 5 dias, consumiendo la mayor parte recogiendo mas de 500 almas entre mujeres y niños(...)"[82], sendo conduzidos para Buenos Aires os cativos de guerra.

Essa onda crescente de ataques de índios infiéis aos núcleos de ocupação, existentes nas terras rio-platenses, estavam relacionados a presença lusitana na margem setentrional do Rio da Prata. Visando facilitar seus propósitos expancionistas em direção ao território platino "(...)los portugueses incitaron a unos Indios Infieles sus amigos, para que ostilizassen las tierras de nuestros Indios Tapes, robandoles hasta 400 cavallos, y matandoles alguna gente, y otras centinelas nuestras(...)"[83], despertando a fúria e a raiva entre os índios das reduções devido as *hostilidades que les hizieron en sus tierras los infieles.*

A posição da Companhia de Jesus diante das agressões patrocinadas pelos índios inimigos era muito clara, solicitando ao Governador para que se "(...)hiciese guerra á los indios de la otra banda del Paraná, por las muchas hostilidades que causan á los indios tapes(..)[84], por serem esses os principais prejudicados nestes conflitos, propondo medidas drásticas contra aqueles agressores.

---

[82] 1706-II-26. Real cedula al Provincial de la Compania y Prefecto de las doctrinas del Parana y Uruguay, in PASTELLS, Tomo V, p.142.

[83] "Relatório de ocorrências na Região do Prata, com denúncia de provocação dos portugueses. Lima 1705. in Campaña del Brasil, apud MENDONÇA, Marcos Carneiro de (1894-1988) *Seculo XVIII, século pombalino do Brasil.* Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1989,p.97.

[84] 1710-7-21. Carta del Gob de Buenos Aires D.Manuel de velasco y Tejada, á S.M, in PASTELLS,Tomo V, p.254.

Uma das principais causas do desentendimento crônico entre indígenas cristianizados e *índios infiéis*, referia-se ao saque do gado e roubo de cavalos efetuado pelos últimos nas estâncias missioneiras, em especial as de Vacaria do Mar. Os Charruas e Minuanos, genericamente tratados por infiéis, incitados pelo invasor lusitano, subtraíam cabeças de gado das estâncias missioneiras para posteriormente comerciá-las com os seus aliados.

Ao longo do primeiro quartel do século XVIII, as questões relacionadas às estâncias missioneiras apresentaram pauta constante na documentação oficial. Entre as medidas adotadas para restringir o despovoamento das estâncias, figurava o patrulhamento periódico.

A partir da década de vinte, a região platina, como um todo, apresentou fortes alterações na sua composição de forças. Essas mudanças decorriam da maior dinamização das relações sociais na região, decorrência de sua melhor inserção ao mercado externo, posição consolidada com a retomada da Colônia de Sacramento pelos portugueses. Em 1715, ao celebrar o Tratado de Utrecht, Portugal obtém por influência da Inglaterra, novamente o domínio do seu antigo baluarte platino. A presença física efetiva dos lusitanos, nas margens do Estuário Platino, acirrou os ânimos em toda a área sob jurisdição de Buenos Aires.

A governação do Paraguai, situada ao norte da extensa Província homônima, enfrentava os distúrbios provocados pelo Governador Antequera envolvendo diretamente, durante anos, um contingente expressivo de guaranis missioneiros.

A partir do segundo quartel do século XVIII, foram registradas várias atuações missioneiras junto às cidades de ambas governações. Conforme Domingo Muriel, jesuíta missioneiro contemporâneo a fase final das reduções, nestes anos ocorreram vários *tumultos,*

"(...) en los que tuvo que ejercitarse la paciencia de los misioneros, ademas de la ordinaria solicitud del govierno del pueblo de las familias y de cada uno de los neófitos.Porque al puerto de la Colonia bajaron doscientos indios de guerra por mandato del Gobernador de Buenos Aires, para contener a los portugueses dentro de sus limites, que se juzgaba que traspasaban. Ciento sesenta y seis tuvieron que ir a socorrer la ciudad de Corrientes, por empeño del teniente Don Francisco Noguera.Cuatro mil caminaban para Montevideo, afin de expulsar a los portugueses, y de ellos dos mil se quedaron a construir el fuerte que hoy llaman Fuerte Viejo. Tres mil, para defender al Rey, llevó don Baltasar Garcia Ros, al ir a ejercer el gobierno del Paraguay, que se habia arrogado Antequera.Ciento acudieron a socorrer a Santa Fe contra Mocovíes y Abipones"[85].

Um dos maiores entusiastas dos inestimavéis serviços prestados pelos guaranis foi o Governador de Buenos Aires, Bruno de Zabala, comentando, por vezes ao Rei de Espanha, *que en*

"(...) todas las ocasiones y urgencias que se han ofrecido de pedir auxilio de los indios Tapes de la doctrina de los Padres de la Compania de Jesus para las operaciones militares habia experimentado la más exacta puntualidad y fervoroso celo en los Padres provinciales y demás prelados en la breve providencia y conducción de dichos indios adonde se han necesitado(...)"[86],

como foi registrado ao longo de toda esta década, momento em que ocorreu uma intensa participação guarani missioneira em toda vida colonial. Atuaram como vigias das campanhas, força

[85] MURIEL,Domingo P.(S.J) *Historia do Paraguay*, 1918. Libro Vigésimo; Misiones del P.Jose Pons,p.115.
[86] 1724-11-20 Real Cedula al Gobernador de Buenos Aires, don Bruno Mauricio de Zabala, in PASTELLS, Tomo VI, p.373.

militar contra os portugueses de Colônia ou no apaziguamento dos desafetos de Antequera, ou ainda como mão de obra na construção civil pública de toda Província e no abastecimento ocasional das tropas em campanha.

O reconhecimento pelos feitos militares dos guaranis, comandados pelos jesuítas, estão presentes tanto na documentação lavrada pelo poder civil como religioso. Os próprios padres missioneiros encarregavam-se, nos seus relatórios, em destacar os serviços prestados, além do número de índios designados e o tempo da jornada.

A grande assistência prestada à governação do rio da Prata e a convivência harmoniosa com a sociedade portenha levou a transferência da jurisdição dos índios missioneiros sob controle paraguaio para a alçada de Buenos Aires. A transferência da jurisdição das reduções guaranis do Paraguai para Buenos Aires estava diretamente relacionada aos distúrbios provocados por Antequera.

O contato muito freqüente, e por um período de tempo dilatado, expunha à população missioneira a possibilidade de contágios e consequentes baixas demográficas, seja pela baixa natalidade, seja pelo aumento da mortalidade devido aos efeitos desastrosos da convivência dos guaranis com as tropas espanholas quando prestavam serviços militares nas governações da Província.

b) **"Obras Públicas"**

Uma outra via de contato dos guaranis missioneiros à uma convivência prolongada com a população urbana das *cidades de espanhóis* ocorreu através da prestação de serviços nas obras públicas.

Sob esta designação genérica, estão listados e solicitados vários auxílios dos *índios das reduções* para desempenharem trabalhos relacionados com a construção de prédios, fortifica-

ções militares e outras instalações, visando assegurar a defesa das cidades coloniais rio-platenses.

Esses serviços na construção civil pública realizados pelos guaranis das missões enquadravam-se dentro dos *mandamientos*. Essa foi uma das formas que o Estado Colonial dispunha para realizar uma arregimentação expressiva de força de trabalho. Os jesuítas, a princípio, obtiveram o afastamento dos seus tutelados da prestação de serviço aos colonizadores[87] e mesmo ao Estado Colonial, com exceção aos "auxílios militares". Por vezes, cederam os índios para as obras públicas, sempre que houve a intervenção do Monarca Espanhol para consumar esta ordem.

Entre as três governações que compunham a Província do Paraguai, duas foram mais assíduas na requisição de guaranis para trabalharem nas obras públicas: a governação homônima à Província, foi uma delas, tendo solicitado algumas vezes o auxílio dos *índios das reduções*; a outra foi a de Buenos Aires. Esta governação recorreu constantemente à solicitação dessa força de trabalho para amenizar as dificuldade que acomediam a sua sede de governo.

Destas três governações -Paraguai, Buenos Aires e Tucuman- a que registrou o menor número de comparecimento dos guaranis missioneiro, foi a citada por último; limitaram-se a edificar o Templo principal em Cordoba, e contribuíram na construção ou reparo de mais alguns prédios públicos coloniais.

As várias modalidades de serviços, que as obras públicas requeriam, ficavam subentendidas na denominação de "auxílios em obras públicas". A construção civil, no período analisado, mesmo contando com uma baixa especilização do trabalho, apresentava diferentes *ofícios mecânicos* envolvidos

---

[87] Os jesuítas, ao afastarem os guaranis da prestação de trabalho aos encomendeiros,o faziam preferentemente da extração de erva mate, considerado o mais nefasto de todos os trabalhos. Conforme indica a fonte mais completa de origem jesuítica, as reduções jamais compareceram a "mita yerbatera". B.R.A.H, Mata Linares Tomo LVI, ff:249-258.

na realização dessas construções. Ao apenas mencionar os índios das reduções como força de trabalho auxiliar, a historiografia ameniza a intensa e ativa participação dos guaranis missioneiros nas obras públicas. Eram o principal e decisivo contingente de mão de obra, pois "(...)tenia mucho más valor su cooperación, por ser los únicos trabajadores que se podia juntar en gran numero, de modo que sin ellos no se hubieran podido ejecutar las obras(...)"[88], sendo esses os únicos viabilizadores de muitas tarefas essenciais à existência e manutenção física dessas cidades.

Junto à Governação do Paraguai, os serviços em obras públicas estiveram centrados, de modo geral, na segunda metade do século XVII, e diziam respeito à construção ou reparo de fortificações.

Como parte das novas medidas adotadas, durante o Governo de Juan Diaz Andino, desde o ano de 1664 até o

> *"(...) de mil seiscientos setenta y uno fueron por su orden tres veces tropas de Yndios ao Paraguay en nombre y servicio de su magd en la primera â desmontar los Montes de que estaba cercada la Ciudad y mediante su trabajo se asseguro de las invasiones q tenia dispuestas los Guaycurus por quitarles las comodidades de sus emboscadas"*[89].

Como efeito direto das modificações realizadas na topografia circundante a Assunção, cessaram os inconvenientes provocados pelo assédio Guaicuru. Durante este período, mais precisamente em 1664, agora devido a sua obsolescência, foram por ordem do referido governador, "(...)tres tropas de indios a desmontar las alturas que cercaban la ciudad para defenderla de invasiones, yendo otra cantidad de indios á fortificar Tobati(...)"[90], uma fortaleza situada ao norte de Assunção, edificada

---

[88] Ibidem,p.68.
[89] "Interrogatório sobre as possibilidades...", in Manuscritos, Vol V, p.319.
[90] MONNER SANS. *op.cit.*,p.121.

para conter as avançadas dos índios Guaicurus e das demais parcialidades indígenas hostis à população assuncenha.

Como parte das providências tomadas para efetivar o guarnecimento eficaz da sede de província, o Governador D.Felipe Rexe Corbalan expediu *mandamiento* solicitando índios Guaranis que "(...)acudieron varias vezes al reparo y fortificacion de los Presídios y fuertes de la costa del Rio Paraguay, Castillo de San Ildefonso y Tobati(...)"[91] enviando, posteriormente, ao Procurador Geral da Província Jesuítica, certificações sobre os relevantes serviços que prestaram os guaranis missioneiros entre 1672 e 1680. Os méritos dos auxílios públicos prestados pelos missioneiros chegavam com grande frequência ao conhecimento do rei da Espanha, através das cartas dos Governadores, comunicando que auxiliam nas "(...) obras públicas y à todas las ocasiones de guerra que les mandan los governadores de esta provincia y de la de Buenos Aires, como lo tiene él experimentado en más de diez años que gobierna la del Paraguay(...)"[92]. Várias documentos mencionam a atuação dos guaranis missioneiros em colaboração ao Estado colonial.

Contribuíram em outras ocasiões com o donativo de madeiras para a construção naval e para a edificação e reparo da Catedral de Assunção, oportunidades em que voltavam à cena pública como pedreiros, marceneiros, carreteiros, ou executando os ofícios desdenhados pela população de descendência hispânica.

Entretanto, o peso majoritário da participação guarani missioneira em obras públicas ocorreu na Governação de Buenos Aires; algumas vezes atuaram nas praças coloniais mais antigas: Corrientes e Santa Fé e, posteriormente, no século XVIII, em Montevidéu.

---

[91] MONNER SANS. *op.cit.*,p.113; HERNANDEZ.,*op.cit*,69.

[92] 1682-6-I.Carta del Gobernador del Paraguay, D.Felipe Rexe Gorbalán ã S.M exponiendo los inconvenientes que resultaran del cumplimiento de la Real Cedula de 26 de Febrero de 1680, sobre que se saquen 1000 familias de indios del Parana y Uruguay para ir poblar a Buenos Aires, in PASTELLS, TOMO IV, p.465.

Executavam as mais diversas etapas dos serviços de construção civil, edificando fortes e prédios, atuando também na construção naval. Como conseqüência direta das constantes solicitações de índios das reduções, foi comum ao longo de mais de meio século encontrar os guaranis

> *"(...)trabajando en los edificios públicos de la Asunción,. de Corrientes y de Santa Fé:levantando los muros de la fortaleza principal de Buenos Aires y los fortins del Riachuelo y de Montevideo, en cuya fundacion fueron tan utiles; y concurriendo á la edificacion de templos en las principales ciudades del litoral y en alguna del interior, como Cordoba"*[93].

A presença de missioneiros nas proximidades mesmo dentro das praças coloniais rio-platenses, constam nos relatos de vários cronistas, principalmente dos jesuítas[94], que percorreram o território rio-platense ao longo do período colonial. Seguramente contrastava, no cenário urbano, as centenas de índios missioneiros, que permaneciam vários meses executando a construção de fortificações e prédios públicos.

A grande valia que representava possuir à disposição dos governadores, um número expressivo de homens prontos ao trabalho, ficou evidente por parte das autoridades reais, em uma Cedula Régia, mencionando para que com tempo

> *"(...)procureis cultivar a los Religiosos de la Compañia de Jesus para que tengan disimuladamente promptos a mi real servicio los Pueblos de sus doctrinas, que En otras ocasiones se han Experimentado sumamente utiles y pueden ser necesarias en las ocurrencias que puedan sobrevenir(...)"*[95].

---

[93] CARDIEL, José. *Declaración de la Verdad.* Buenos Aires, 1900. Introducción XIII, p.106, nota 1.
[94] São os casos dos jesuítas missioneiros Sepp, Cardiel e Cattaneo.
[95] Cedula Regia. Madri, 13 de Novembro de 1717, in MENDONÇA., *op.cit*,p.115.

c)Transporte e construção naval.

Uma das modalidades de serviços prestados pelos guaranis missioneiros, nos quatro pontos cardeais das terras rio-platenses, foram os trabalhos vinculados à navegação fluvial, que serviam tanto ao transporte humano, como à condução dos *frutos de la tierra* e diferentes artigos às praças coloniais.

Ademais, havia a necessidade de se construir novas embarcações e realizar o reparo das danificadas. Vários modelos de barcas eram utilizados para singrar os caudais que ligavam os extremos dessa Província.

Os grandes cursos d'água que integravam a geografia da região, serviam de referências para a divisão administrativa, como "(...) el Rio Tibiquari, que divide las dos jurisdiciones de Buenos Ayres, y Paraguay(...)"[96] outros serviam de limites das estâncias missioneiras, sendo reconhecidos como os verdadeiros demarcadores da área de direito de cada redução.

Por ser intensa a atividade fluvial, todos os serviços relacionados à condução das embarcações, ou de sua construção/manutenção, apresentavam ampla demanda e ocupavam boa parte da população colonial em alguma de suas etapas. Serviços avulsos ou pequenos reparos realizados junto às ribanceiras dos principais rios faziam parte do cotidiano colonial rio-platense.

Dessas atividades dependia o abastecimento e circulação das mercadorias entre as cidades coloniais rio-platenses, uma vez que o transporte terrestre de longo percurso, além de mais penoso, também se apresentava como perigoso e oneroso. O transporte em carretas ocorria preferencialmente para o deslocamento intra-provincial.

Sobre o transporte fluvial recaiu a incumbência de escoar os homens e produtos. E, aos guaranis missioneiros, foram reser-

---

[96] Noticias de el estado de la Provincia del Paraguay, venidas por Buenos Aires con cartas de 20 de Febrero de 1733.Carta del Padre Geronimo Herran .Provincial de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesus, al Excelentissiomo Señor Virrey del Peru. B.R.A.H, Jesuítas. Tomo LXXVI,p.4.

vadas certas tarefas nessas funções de deslocamento. Todavia, os indígenas envolvidos majoritariamente neste tráfego fluvial foram os guaranis dos pueblos, ou guaranis provinciais[97].

Os rios localizados na Governação do Paraguai estiveram constantemente sendo agitados pelos cascos e remos das embarcações que singravam suas águas. A navegação fluvial, nessa governação, foi mais intensa que em Buenos Aires, em parte devido às várias tarefas relacionadas com a extração e beneficiamento da erva-mate, principal produto desta província. Por sua vez, a governação de Buenos Aires não se encontrava envolvida diretamente com as atividades ervateiras; ademais o seu porto apresentava limitações a sua navegação[98]. Essa situação começou a ser revertida com o advento do novo século, quando Buenos Aires[99], gradativamente desbancou a condição de Santa Fé da função de "Puerto Preciso".

Entre os vários tipos de embarcações que circulavam pelos caudais provinciais, a documentação registra diferentes tipos, mas muitas vezes similares. As notícias sobre embarcações, por exemplo, mencionam a existência de bergantins, chalupas, balsas, garandumbas e piraguas.

A navegação realizada pelos jesuítas referia-se, preferencialmente, ao escoamento do excedente da produção missioneira que destinavam ao abastecimento das cidades coloniais, como na condução de novos missioneiros às reduções. Igualmente atuavam no patrulhamento dos rios platinos.

Durante o primeiro quarto do século XVIII, a cidade de Corrientes manteve seu papel de "(...)puerto forzoso para las canoas y balsas desde el Paraguay y reducciones hasta Buenos

---

[97] Ao analisar As forma de circulação da economia colonial, Garavaglia comprova a predominância de guaranis provinciais nestas atividades "(...)durante los siglos XVI y XVII la mayor parte de los marineros de las dos carreras serán indios de los pueblo", in GARAVAGLIA, *op.cit*,p.439.

[98] EMBARCACIONES. Se prohibe acerquen a la playa sin permiso, in A.E.C.B.A, Serie I, Tomo IX, 1911,p.167.

[99] (...)el creciente papel econômico y militar de Buenos Aires pronto comenzaría a erosionar indifectiblemente el rol de Santa Fe", in GARAVAGLIA, *op.cit*, p.90.

Aires y Santa Fe(...)"[100]. Estas praças coloniais recebiam a presença esporádica dos guaranis missioneiros, pois "(...)llevan los indios ya cristianos sus frutos con que pagan el tributo y compran lo necesario para sus iglesias y conservación de sus pueblos(...)"[101]. A Cédula Grande de 1743, como ficou conhecido o documento enviado pelo Conselho de Índias ao Rei Espanhol, apresenta uma listagem dos produtos missioneiros que ingressaram na Procuradoria do Rio da Prata, através do *Ofício de Misiones de Buenos Aires*[102].

No tocante às lides fluviais, as reduções ainda contribuíram na construção de algumas embarcações, junto aos estaleiros, situadas nas barrancas dos principais rios, como ocorreu em Buenos Aires, No ano de 1669, "(...)se mandaran abajar Maestros y Artificies de ellas de las Doctrinas los quales prontamente obedecieron à la orden y executaron quanto les fue mandado"[103]. Esta medida visava suprir "(...)la falta grande de embarcaciones que ay en este rio(...)"[104], como indica as atas do Cabildo Portenho.

Em Buenos Aires, houve uma boa demanda dos serviços de carpinteros de ribanceira e calafetadores de embarcações, ofícios que os guaranis das missões dominavam com boa desenvoltura[105], sendo os trabalhos em madeira, os *ofícios mecânicos* que os guaranis missioneiros apresentavam maior destreza, pois os carpinteiros das

> *"(...) misiones jesuíticas conocieron, como decimos, desde muy antiguo las propiedades de los árboles de los bosques*

---

[100] Ibidem.
[101] Ibidem.
[102] 1743-5-22. El Consejo de Indias a Su Majestad, in PASTELLS, Tomo VII, pp.229 e segs.
[103] A.H.N.M, Jesuítas. Leg 120, doc n 7. "Para formar alguna idea de lo que son los Yndios de las Doctrinas(...)".
[104] MADERA y CANA. Pertenecientes al Hospital. Traer de Montevideo, in A.E.C.B.A. Serie I, Tomo XIV,1914, p.170.
[105] "(...)y paramos todos alli el dia seguinte porque calafeteassen el barquillo q necessitaba de esse reparo". II-Relação dum a viagem no Rio Paraguai desde Assunção até al Lago dos Xaraies, em 1703-1704, pelo Padre Francisco de Arce, redigida em 1713, in MANUSCRITOS, Vol VI,p.26.

milenares de la región guaranitica; sabian muy bien cuales las más adecuadas para cada construcción"[106].

Com o início do novo século, Buenos Aires ampliou sua demanda por embarcações, meio de transporte indispensável para vigiar o estuário platino. O controle rigoroso foi uma das medidas adotadas para reprimir o contrabando. Em 1721, foi decidido construir "(...) en ese puerto una buena galeota con remos para recorrer esas costas, y fazilitar mejor la importancia de embarazar los comercios ylicitos de los Portugueses de la Colonia(...)"[107] pois "(...)han mostrado los Portugueses grandes aspiraciones para continuar su Brasil con la Colonia o isla de San Gabriel que tienen frente a Buenos Aires (...)"[108], após reaverem seu baluarte, em 1715, por ocasião do Tratado de Utrecht.

A partir do século XVIII, iniciou a exportação dos couros, a "riqueza única" da governação, e Buenos Aires colocou-se como o epicentro desta atividade, resultando no conseqüente aumento do tráfego pelo rio da Prata. Os navios sobrecarregados, devido ao excesso de couros acondicionados nos porões, apresentavam fissuras no casco[109], necessitando reparos freqüentes.

Por vezes alguns guaranis missioneiros estavam envolvidos na construção ou conserto dessas embarcações ancoradas nas barrancas do rio. Confundiam-se no porto com os demais indígenas e mestiços que compareciam à cidade em busca de alguma ocupação eventual. Prestavam serviços ocasionais conforme

---

[106] ADOLFO, Hector Cordero. *El Primitivo Buenos Aires.* Buenos Aires: Plus Ultra, 2ª edição, 1986, p.169.

[107] "El Rey" (Real Cedula). , Aranjuez, 26 de maio de 1721, in MENDONÇA, *op.cit.*,p.129.

[108] *Buenos Aires y Cordoba en 1729, segun cartas de los padres C.Cattaneo y C. Gervasoni S.J.* Primera carta del Padre Cayetano Cattaneo de la Compania de jesus, a su Hermano Jose, de modena.,p.119.

[109] "Los navios de registro que van a Buenos Aires padecen gravisimo detrimento con las grandes detenciones que hacen en el Rio de la Plata, donde se carcomen y pudren en breve tiempo por ser el agua dulce muy delgada y por prensar con torno el corambre para que entre más(..)" 1717-2-14. Papel del Padre Bartolome Jimeneez..., in MANUSCRITOS, Vol VI, p.137.

as suas habilidades. A governação de Buenos Aires, em conseqüência da impossibidade das encomendas e a inviabilidade de expedir freqüentemente mandamentos governamentais -como ocorria em Assunção-, desde os seus primórdios, dependeu da contratação de mão-de-obra esporádica para determinadas tarefas.

3.3. A QUESTÃO TRIBUTÁRIA

As reduções guarani jesuíticas, pelo peso majoritário que apresentavam na região, conviveram com questões polêmicas quanto ao tipo de tributo que deveriam honrar. Com a gradativa ampliação da esfera de atuação guarani, como força de trabalho, abriam-se margens para reconsiderações quanto ao caráter deste tributo.

a) **As adaptações a realidade colonial**

Entre os fatores analisados para a definição do tipo de tributo a ser pago, a Companhia de Jesus sempre buscou obter vantagens por sua condição de força defensiva de fronteira. Assim, durante vários anos, a questão do tributo foi reexaminada na lenta burocracia espanhola, somente deliberando um parecer definitivo sobre a questão no final do século XVII, e mesmo assim contemplando muitas das reivindicações dos jesuítas.

No início do século XVIII, devido a divulgação de propagandas difamatórias dos reais interesses da Companhia de Jesus no Paraguai, o monarca hispânico decide controlar mais rispidamente o ingresso dos recursos devidos. Momento em que foi constatado, não sem espanto, algumas artimanhas dos jesuítas no tocante ao cumprimento das suas obrigações com a Real Fazenda.

A questão tributária, referente aos índios reduzidos pela Companhia de Jesus, tomava como ponto de referência a legislação já existente[110] e concedia aos guaranis os tradicionais dez anos de isenção, benefício dilatado por mais uma década.

A tributação devida pelos guaranis das missões, por sua condição de vassalos do Rei, foi reduzida em razão

> *"(...) dos notáveis serviços prestados à coroa, que já tinha sido realizados, e do ofício que lhes dava esta de "corpo de guarnição de fronteira" e obedecendo ao Rei que, em cedula de 14 de fevereiro de 1647 ordenava ao Vice-Rei que lhes desse alivio do tributo(...)"*[111].

Entretanto, o alívio de vinte anos não foi respeitado e, em 1659, o Governador do Paraguai tenta persuadir os jesuítas a antecipar o pagamento do tributo. O termo de entendimento começou a ser encaminhado com a Real Cedula de 16 de outubro de 1661, quando

> *"(...)ordeno entre otras cossas ã Don Juan Blazquez de Valberde siendo Governador de la Provincia del Paraguay yncorporase en la Corona Rea todos los Yndios de las Reduziones que en ella tiene le Compañia de Jhs a su cargo de suerte que sin excepcion de ninguno fuesen tributarios a la R.Hazienda y dispusiese que se Cobrase de cada uno, dellos un peso de ocho Real en especie de Plata por tiempo de seis años con declarazion de que le havian de pagar los que hubiese desde hedad de Catorze años hasta cinquenta(...)"*[112].

---

[110] A tributação que deveria incidir sobre os guaranis aldeados sob a orientação dos jesuítas tomava como base as disposições contidas nas "Leyes de Indias".

[111] HERNANDEZ., *op.cit*,p.143.

[112] A.G.I, Charcas 138. Al Presidente de Buenos Ayres que prezediendo la Junta que se le ordena disponga la numeración y tributo de los Yndios de las Doctrinas que la Compañia de Jhs tiene en el Paraguay y que de su procedido se pague a los Dotrineros dellas el Sinodo y limosna que esta mandado.1668.

Inicialmente o compromisso com o tributo estipulado pela Coroa foi respeitado e a documentação registra que "(...)haviam comenzado a pagar de tres años a esta parte, como se les manda por una Real zedula un pesso de aocho Reales de Plata en cada un ano por tributo, y reconocimiento debido vassallaje a Su Magestad(...)"[113], mas a principal dúvida a ser equacionada corria por conta da maneira pela qual deveria ingressar os tributos devidos nas Caixas Reais. A Coroa exigia os depósitos em prata, e a Companhia de Jesus alegava que, devido à baixa monetização da economia colonial paraguaia, não dispunha de metálico para honrar esse compromisso, e solicitava a permissão para pagá-lo em gêneros.

Os guaranis missioneiros, arregimentados sob a tutela jesuítica, estavam dispensados do oneroso fardo que representava prestar serviços ao poder privado, no caso aos encomendeiros paraguaios. Ao aderir ao convívio missional, os guaranis estavam isentos da prestação pessoal de trabalho, sendo este o motivo pelo qual os colonizadores "(...)estan privados de las encomiendas y servicio que pudieran tener para sus chacras y hacienhda en los indios del Parana, Rayz y origen de la aversión que les tienen y tendran perpetuamente"[114].

A política encomendera e a questão do acesso à mão de obra indígena representou uma das mais complicadas questões a ser equacionada no Paraguai colonial. Devido às condições internas da província, o aproveitamento dos indígenas como força de trabalho apresentava-se como uma condição indispensável à viabilidade de qualquer atividade econômica na região.

---

[113] A.G.I, Charcas 138. Representação do Padre Francisco Ricardo, Itapua, y Setiembre 25 de 1670 años.

[114] 1656-12-20. Carta del Gobernador del Paraguay, D.Juan Blazquez de Valverde, S.M, in PASTELLS, Tomo II, p.434.

b) **O acerto de contas**

Os guaranis reduzidos pelos jesuítas a priori não possuíam obrigação de prestar auxílio nos serviços públicos, uma vez que já contribuiam com a Coroa através do tributo fixado em um peso por cabeça. Este valor era menor que o pago pelos índios do Peru, em vista dos valiosos serviços prestados pelos índios das missões na defesa das fronteiras meridionais do Império Hispano-Americano.

Quando estes guaranis foram requisitados para os auxílios na construção da fortaleza de Buenos Aires, em 1664, o Governador da Governação, Joseph Dominguez de Salazar, mostrava-se preocupado com a captação dos recursos necessários para pagar esses trabalhadores.

Para resolver o problema de caixa, o referido governador propôs um novo imposto sobre os principais gêneros comercializados na província. Entretanto, esse imposto apenas fora acionado em 1680, com o objetivo de ampliar a arrecadação para cobrir as despesas das obras de reedificação da fortaleza de Buenos Aires.

Os serviços de guerra prestados, indistintamente por toda província, na grande maioria das vezes não eram remunerados, defendendo os guaranis às suas custas os domínios de Espanha.

A remuneração dos índios guaranis em campanha militar ou nas obras públicas, apenas ficou estipulada em 1679, em uma Real Cedula, assinada em Jadraque, determinando

> *"(...) que todas las veses que fuese presiso e ynescusable à su Real servisio el sacarlos de sus redusiones para obras publicas o funsiones de Guerra, sea pagandoles como a los demas lo que peresiere competente, desde que salieron hasta que buelban à ellas, y regulandose à real y medio cada dia(...)"*[115].

[115] Carta del Gobernador de Buenos Aires.Junio 4 de 1698, Señor Agustin de Robles, in C.C.B.A, 1918, p.500.

No entanto, os trabalhos de guerra prestados durante o primeiro cerco e tomada da Colônia de Sacramento, em 1680, foram recompensados por conta do espólio de guerra, e aos

> *"(...)Indios se dio el saco atendiendo a que no se divertiesen los Españoles, y sucediesse algun desorden, que no avia peligro en los Indios por ser tantos, que avia para todo, y para que estos rezaciessen los gastos de 6 meses q avian estado en campaña sin costerles al rey ni un real"*[116].

A Coroa Espanhola, por não dispor de recursos suficientes para pagar todas as despesas contraídas, recorria ao expediente de compensá-las pelo tributo devido. Através desse mecanismo de compensação, o erário público via-se aliviado dos constantes aportes que deveria fazer aos *Ofícios das Misiones*.

Durante o período que estiveram em campanha para reprimir a primeira tentativa lusitana de fixar-se na margen setentrional do estuário platino, as reduções, além de participarem com 3.000 homens armados,cederam os mantimentos e montarias necessárias à execução dessa jornada. Nesta ocasião contribuiram com "(...) harinas vizcocho* para ayuda del gasto de los soldados en tiempo que havia mucha carestia de mantenimientos"[117].(*Biscoito=Pão de viagem, uma bolacha).

A prática de donativos por parte da Companhia de Jesus durante as campanhas militares, principalmente as realizadas contra o invasor lusitano, ocorriam com boa freqüência. Por exemplo, no ano "(...)de 1687 hizieron donativo gracioso de seiscientos cavallos para la guerra y despues socorrieron fin paga con quarenta y quatro fanegas de granos para ayuda del bastimento de milicias"[118]. No seguinte, os índios das missões

---

[116] II-Relação da 1a tomada da Colonbia de Sacramento pelos Espanhóis. 25-XI-1679 a 9 VIII 1680",in Manuscritos, Vol V, p.36.

[117] A.H.N.M. Jesuítas (Procuraderia) Leg 249(3) doc nº 9 (incompleto).Annuas de la Provincia de la Compaña de Jesus del Paraguay desde Agto del año de 1675 hasta el Mayo de 1681 escritas por el pe. Diego Frco Altamirano . Procurador que fue de dha Provincia, p.3.

[118] Memorial al Rey nuestro señor en su Real y Supremo Consejo de las Indias... B.R.A.H, Jesuítas Tomo LV, p.33.

doaram 250 cavalos para os serviços de Sua Majestade, momento em que iniciaram o patrulhamento da costa do mar por ordem do governador portenho.

Os trabalhos prestados pelos guaranis missioneiros ao estado colonial estão constantemente mencionados na documentação oficial. Um dos aspectos mais destacados, no que diz respeito a estes serviços e guerras dispendiosas, refere-se ao fato de "(...)que han servido siempre sin sueldo alguno, y aun poniendo sus Pueblos, gran parte de los viberes, no solo para sus Indios, sino para el resto del exercito(...)"[119], essas doações são repetidas em outras ocasiões.

No ano de 1698, cederam à Real Fazenda mais de 90.000 pesos, soma que lhes correspondia, por conta dos vários meses que estiveram em campanha, além de "(...) haver dejado en los reales almasenes toda la cantidad de piedras labradas que trajeron para las hondas(...)"[120], com a finalidade de manter Buenos Aires abastecida de munição para o caso de futuras invasões.

Voltaram à cena bélica logo no início do século, promovendo o castigo aos Charruas, que haviam profanado a redução e o templo de Yapeyu. Mas o principal serviço militar prestado nestes anos, ficou por conta da segunda tomada da Colônia de Sacramento, em 1705. O custo final desta campanha ficou estimado em 300.000 pesos, mas "(...)el tesoro real no tuvo que contribuir con un solo centavo(...)" sin gastos para las Cajas Reales(...)"[121]. Essa procedimento foi repetido em outras oportunidades como ficou registrado em vários documentos, pois a primeira ordem dos governadores concorre com duas ou três

---

[119] JARQUE,Dr Francisco. *Insignes misioneros de la Compania de Jesus.* Libro Tercero; Capitulo IX: Su govierno en lo militar. Pamplona,1687,p.317.

[120] Carta del Gobernador de Buenos Aires. Junio 4 de 1698.Señor Agustin de Robles, in C.C.B.A, 1918, p.500.

[121] SEPP, Antonio. *Jardin de flores paracuario.* Capitulo XXXIII: De la disciplina de nuestra milicia y del servicio fiel que los indios convertidos prestan bajo la bandera de la Compañia de Jesus a los Señores Gobernadores y a su Majestad el Rey, sin recibir soldada, pp.187-191.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

centenas de índios "(...)y muchas vezes sin paga alguna, ni costa de un viaje tan dilatado de más de doscientas leguas"[122].

Em todas as ocasiões que os jesuítas socorreram os governos do Paraguai ou Buenos Aires, prestando através dos seus tutelados serviços militares ao estado colonial, visavam, por um lado, neutralizar a movimentação dos portugueses e dos *indios infiéis*, pois a ação conjunta, ou isolada destes inimigos, constituía-se em uma ameaça ao êxito dos trabalhos missionais e à *pax provincial*

Por outro lado, os serviços militares prestados e o posterior donativo do salário dos índios em campanha foi um expediente utilizado pelos jesuítas para comprovar a fidelidade dos guaranis ao Rei de Espanha. Prática adotada, igualmente, para conter o ímpeto das autoridades reais nos momentos de auditoria da Real Fazenda, diante de possíveis fraudes fiscais praticadas pela Companhia de Jesus.

Os jesuítas, através dos seus Procuradores Provinciais, remetiam aos governadores e demais autoridades graduadas extensas listagens de serviços prestados por seus conversos, vindo de informe sobre as atividades dos guaranis junto ao poder público, que por sua vez funcionavam como uma espécie de crédito em favor da Companhia de Jesus, proporcionando em tese, a isenção ou abatimento do tributo devido.

Os mecanismos de remuneração e compensação pelos serviços prestados variaram conforme o trabalho executado. Quando realizaram as obras do forte de Buenos Aires, entre os anos de 1724 e 1726, *se les pagaba algun sueldo para su manutencion*. Contudo, muitas vezes a remuneração findava por ser paga através do abatimento do tributo a ser cobrado[123], pois a

---

[122] 1733.Memorial del P.Rodero (Titulo) "Hechos de la verdad contra los artificios de la calumnia(...)",in HERNANDEZ, Pablo S.J *Organización social*... p.460.

[123] Os trabalhos realizados na fortificação de Montevidéu foram "(...)sin un centavo de salario, sino solo con el descuento del tributo que deben pagar." *in Buenos Aires y Cordoba en 1729*: segun cartas de los padres C.Cattaneo y C.Gervasoni S.J/ estudio preliminar traducción y notas del arquitecto Mario J.Buschiazzo. Buenos Aires:C.E.P.A. 1941.(Colección Buenos Aires), p.121.

Coroa não dispunha dos recursos necessários para recompensar os constantes serviços prestados pelos guaranis.

Como houve grande demanda pelos serviços públicos em toda área sob a jurisdição de Buenos Aires, a sede da governação recebia freqüentemente a incorporação de centenas de Guaranis a sua paisagem. Por conta da assídua presença desses indígenas nesta governação, solicitou-se uma vistoria dos tributos depositados, constatado que faltava nas

> *"(...) citadas Caxas de Buenos Ayres tres millones, y doscientos mil pesos sin que los Oficiales de mi Real Hacienda huviessen hecho diligencia de su cobranza, por las respetuosas inteligencias que los expressados Religiosos mantenian con su eficacia hasta en el Tribunal de mi Virrey(...)"*[124].

A gravidade desta situação levou o Rei a determinar que se averiguasse este disparate fiscal. Para esta empresa foi designado Don Juan Vazquez de Aguero, que deveria dirigir-se a Buenos Aires para realizar os informes solicitados por Sua Magestade.

A decisão real de investigar a fundo as contas da Companhia de Jesus, principalmente a referente à Caixa de Buenos Aires, não foi elucidada rapidamente. A morosidade decorria em parte da grande eloqüência dos jesuítas na defesa dos seus interesses e na ardilosa argumentação dos homens de batina preta, sempre respaldando-se no fato dos guaranis por eles tutelados "(...)desde los principios de su reduccion, haviendo sido la unica Tropa con que se han contenido, assi las invasiones de Colonias Estrangeras como de los Indios barbaros no reducidos(...)"[125]. Igualmente pelo fato de estarem sempre prontos

---

[124] A.H.N.M, Procuraderia; 3.317, Exenciones(1602-1743) Leg 956,doc n 27. *Copia de Real Cedula, previniendo lo que se ha de observar en las Missiones, y Pueblos de Indios de los distritos del Paraguay, y Buenos Aires, que estan a cargo de los Padres de la Compañia de Jesus.*

[125] Ibidem. Em determinado ponto deste documento, o Padre Procurador apresenta uma Relação dos serviços prestados pelos guaranis das missões ao Estado Colonial, pp.41,42.

para prestar qualquer classe de auxílio aos governadores, "(...)sin vagages, municiones, ni armas, porque todo lo lleban à expensas suyas(...)"[126]. Por esses motivos, alguns Procuradores consideravam que as reduções deveriam estar livres de comparecer com o Real Tributo às Caixas de Buenos Aires, como havia declarado o Padre Romero[127].

Como resultado imediato das investigações levadas a cabo pelo Padre Aguero, em solicitação do Monarca espanhol, ficou acertada a realização de uma consulta a respeito da capacidade de produção das reduções, como do patrimônio acumulado por cada uma, pois há muito tempo estava estipulado que os índios estavam livres do serviço pessoal, e que deviam pagar tributo *segun los frutos que se producen en aquellas tierras.*

O Provincial Jaime Aguilar, preocupado em formar algum instrumento jurídico quanto à situação econômica interna das reduções, solicitou aos padres missioneiros que redigissem uma informação sumária a respeito das possibilidades dos índios pagarem tributo.

A tributação foi o mecanismo pelo qual os jesuítas obtiveram o distanciamento dos guaranis da prestação obrigatória de serviço pessoal, sobretudo ao poder privado. Aos Procuradores das Missões não agradava em nada o contato frequente dos guaranis com a população espanhola das cidades. Seja pela influência negativa que poderiam exercer sobre os guaranis já conversos, como pela desorganização interna que causavam ao sistema produtivo das reduções, que viam suas rotinas alteradas em função do saque de uma parcela de seus moradores.

Mas o que ocorria na prática era que a Companhia de Jesus estava diante da necessidade de flexibilizar sua posição inicial

---

[126] Ibidem.

[127] "(...)y exhibidos por Copias en la Junta mencionada por el Padre Romero, quien decia, que por essos motivos debian declararse los Indios de aquellas missiones, no solo por distinguidos de otros Indios en la contribuicion, sino absolutamente exemptos de ella(..) in A.H.N.M, Procuraderia; 3.317.Exenciones(1602-1743) Leg 956, doc n27. Copia de Real Cedula, previniendo lo que se ha de observar...,p.42.

quanto aos auxílios ao poder público colonial. Isso porque seus tutelados representavam o principal contingente de trabalhadores, passível de ser arregimentado pelo Estado colonial. De maneira que os empréstimos de guaranis missioneiros para os serviços públicos foram sendo registrados com certa freqüência: comparecendo por temporadas e executando os trabalhos a eles designados.

Como a arregimentação do braço indígena, por parte do estado colonial, foi um dos pilares da exploração dessa força de trabalho, por mais que a Companhia argumentasse contra os malefícios que os constantes translados de centenas de guaranis causariam para o bom andamento dos trabalhos nas reduções, houve momentos em que foi necessário ceder à pressão das solicitações. Essa situação foi agravada diante da precariedade populacional das cidades coloniais rio-platenses e sua falta crônica de trabalhadores.

A diferença existente no tipo de cessão de trabalhadores, por parte das reduções guaranis ao poder público colonial, decorria do fato de a relação travada pela Companhia de Jesus ser distinta da estabelecida com as demais ordens religiosas. Contrastava o tratamemto dispensado às diferentes ordens religiosas que atuavam na catequisação dos gentios, em função da Companhia ampliar progressivamente uma autonomização das suas reduções, permitindo através dos mecanismos

> *"(...)que esta establece que los pueblos participem, sea con sus hombres, sea con sus productos en la realidad economica y politica de la región. Pero sera unicamente la Compania de Jesus la que especifique el cuando y el como de esta participación"*[128].

Os jesuítas sempre permitiram o envio de tropas para executar os serviços de guerra, estando sempre prontos ao socorro armado. Por outro lado, o empréstimo de homens para a cons-

[128] GARAVAGLIA, *op.cit*, p.287.

trução civil estava submetido a um controle mais austero, com uma rígida programação. Esses trabalhos causavam grande descontentamento entre os guaranis convocados: por distanciá-los de sua terra natal como por submetê-los a jornadas de trabalhos pesados.

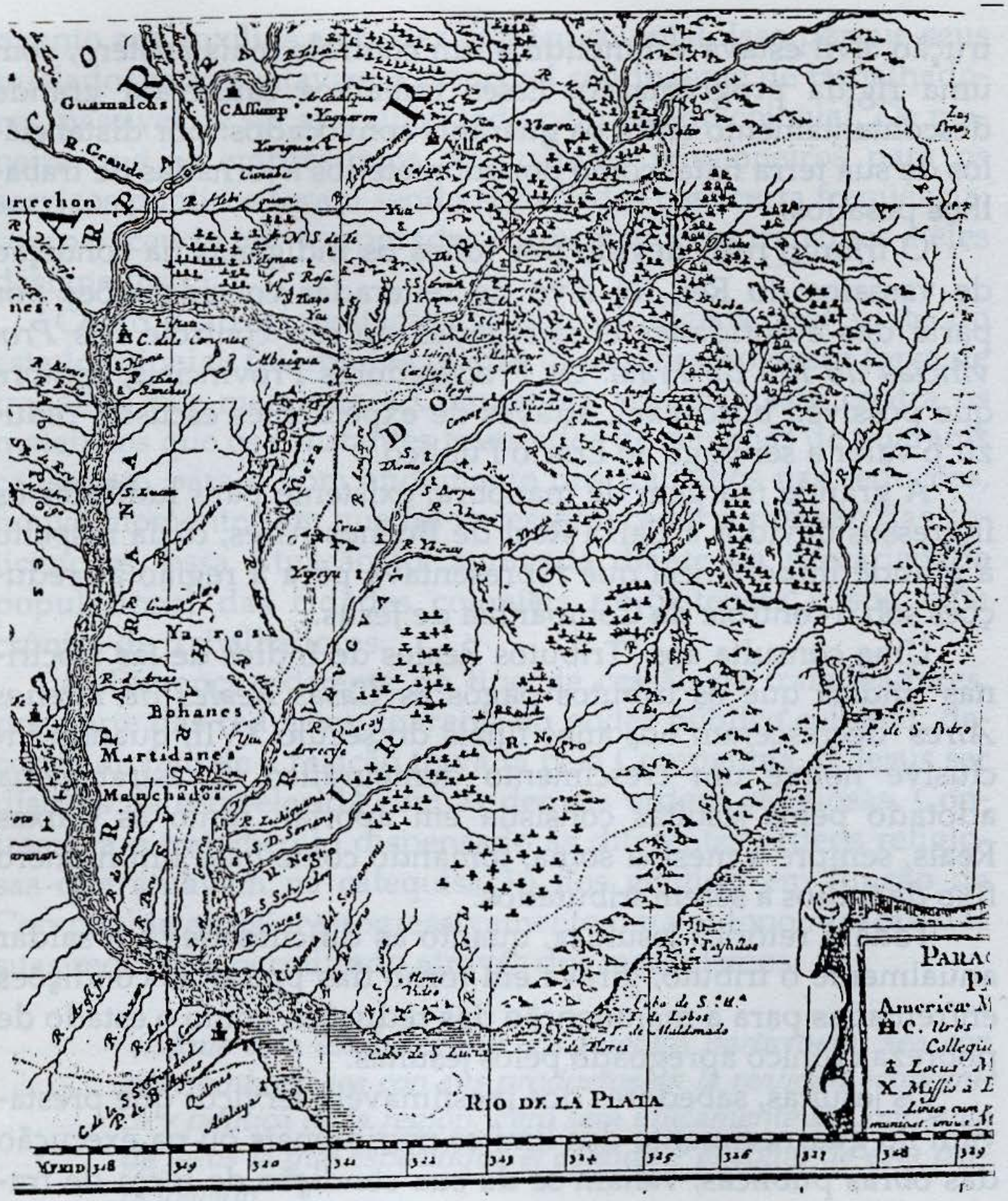
O tributo real, devido por todos os indígenas na condição de vassalos do Rei, foi alvo de reiteradas considerações por parte das autoridades encarregadas do seu controle nas *Províncias do Rio da Prata*. Os Procuradores Provinciais, sempre que possível, buscavam, através de expedientes escusos, reduzir o valor a ser pago ao Erário Público.

A grande margem de manobra, existente para ludibriar os ingressos devidos à Caixa Real de Buenos Aires, dizia respeito à grande importância que representava para a região às reduções sob o controle da Companhia de Jesus.

Uma consulta aos "Tributos Reales de Indios de las Doctrinas" indica que os tributos pagos as *Casas Reales de Buenos Aires* decresceram nos anos finais do século XVII, quando inclusive houve um crescimento demográfico. O estratagema adotado pelos jesuítas consistia em aportar, junto às Caixas Reais, sempre a mesma soma, tomando como base um número fixo de índios a serem tributados.

Toda a retórica jesuítica, quanto às dificuldades em saldar anualmente o tributo, girava em torno das precárias condições enfrentadas para a manutenção das reduções, como o estado de pobreza crônico apregoado pelos jesuítas.

Os jesuítas, sabedores dos inestimavéis serviços que prestavam no guarnecimento dos limites meridionais ou na execução das obras públicas, valiam-se da sua condição de força de trabalho imprescindível a essa sociedade para burlar os seus débitos junto ao tesouro real. A situação era tolerada em função das precárias condições que vivenciava a população rio-platense ao longo do período colonial. A auto-reprodução dessa sociedade dependeu dos aportes materiais e humanos fornecidos pelas reduções para a sua manutenção.



Fonte: FURLONG, 1936, 45

4. A IMPORTÂNCIA DO GUARANI MISSIONEIRO NA BUENOS AIRES COLONIAL -1640/1750-

"No son menores los serviços con que han acudido al Gobierno de Buenos Aires, especialmente a su Cabeza, donde esta el Puerto, que es la Puerta de la America Meridional(...)"[1].

Transcorridas as primeiras décadas, os trabalhos missionais, após superar os reveses iniciais[2], lograram efeitos extremamente satisfatórios na "conversão dos gentios".

A evangelização dos guaranis, por parte dos jesuítas missioneiros, apresentou resultados inesperados, determinando uma inserção distinta desses guaranis cristianizados nos quadros do sistema colonial americano, mais especificamente na Província do Paraguai, com especial destaque na Governação de Buenos Aires.

A estabilização das reduções, em meados do século XVII, após debelar o perigo bandeirante na Batalha de M'bororé[3], possibilitou que os trabalhos de conversão entrassem em uma

---

[1] Representación de D.Francisco Burges, de la Compañia de Jesus, a S.M sobre los continuos servicios que hacen los indios del Paraguay y Buenos Aires, pidiendo que no se les impongan diezmos y tributo. B.R.A.H, Mata Linares, Tomo LVI fls 249-258.

[2] Os vários reveses enfrentados pelos jesuítas nos anos iniciais dos trabalhos missionais podem ser constatados nas obras de: MONTOYA, Antonio Ruiz. *Conquista Espiritual*. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1985- 1ª edição brasileira. Texto original Edição da `Imprenta Corazón de Jesus', Bilbao, 1982.Tradução Vernácula: P. Arnaldo Bruxel; TESCHAUER, Carlos S.J. *Historia do Rio Grande do Sul dos Dous Primeros séculos* Porto Alegre: Livraria Selbach. Tomo I (1626-1637), 1918.

[3] "A derrota da bandeira de Manoel Pires em M'bororé, pouco referida pela historiografia oficial, obstaculizou, sem dúvida, a marcha dos bandeirantes para Buenos Aires e, ao conter-lhes o ímpeto, travou nos limites dos saltos do Guairá Iguaçu e Uruguai a expansão luso-brasileira pelo território da Bacia do Prata",in BANDEIRA, Moniz. *O Expansionismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Philobiblion,1985,p.41. "Relação de derrota sofrida pelos bandeirantes em M'bororé, escrita pelo Padre Cláudio Ruyer". Redução de San Nicolau, 6 de abril de 1641, Doc XLII, in Manuscritos, Vol III, p.345.

fase de crescimento constante, expresso tanto no número de neófitos como de novas reduções instaladas[4].

Os resultados positivos obtidos na contenda com as forças luso-mamelucas, por parte da milícia guarani, contribuiram para determinar uma das modalidades de serviços para os quais seguidamente foram requisitados os índios das missões: especialmente para "(...)defender este Reyno de V.M y principalmente el Puerto de Buenos Ayres(...)"[5].

A prestação de serviços militares por parte dos guaranis missioneiros foi uma constante ao longo dos séculos XVII e XVIII, extendendo-se a todas governações da Província do Paraguai.

Por sua vez a área sob jurisdição de Buenos Aires e a sede da governação encontravam-se diante de uma situação beligerante: devido ao perigo bifronte expresso pela possibilidade de investidas dos *indios infiéis*, como de ataques das nações rivais da Espanha, interessadas em ocupar a *principal porta de entrada para o Reino do Peru*.

A segunda preocupação acabou servindo de pretexto para embasar a primeira solicitação de guaranis missioneiros por parte do poder público colonial. Os *índios das reduções* foram requisitados para auxiliar no guarnecimento de Buenos Aires diante de um possível ataque dos portugueses[6].

---

[4] Uma ótima abordagem deste crescimento pode ser consultada em "La Población y el número de reducciones:nivel de vida", de Ernesto J.A.Maeder, pp.91 a 111, in CARBONELL, Rafael De Masy. *"Estrategias de desarrollo rural en los Pueblos Guaranies (1609-1767)"*. Barcelona: Instituto de Estudios Fiscales,1992.

[5] XXVII- Memorial dos Superiores das Missões do Parana e Uruguai... Buenos Aires, 6 de Mayo de 1698, in Manuscritos, Vol V, p.117.

[6] "(...) pretextando que habia conveniencia en tener cerca de la ciudad algunos indios de las reducciones inmediatas, a fin de aprovechar para la defensa de la ciudad en el caso de que fuera atacada por los portugueses (...). PEÑA, Enrique. *Don Jacinto de Lariz: turbulências de su gobierno en el Rio de la Plata. (1646-1653).* Madrid/Libreria general de Victoriano Suarez. 1911,p.67.

4.1 A ESTREIA DA PRESENÇA

Por ocasião deste comparecimento, no ano de 1652, ocorreu a estréia da presença guarani no perímetro urbano de Buenos Aires. Quando surgiam rumores de possíveis ataques de nações estrangeiras à cidade-porto, os governadores solicitavam através de Cartas-ordem, a presença dos Guaranis das Missões.

O êxito alcançado com o emprego dos índios das missões como tropa auxiliar, levou o Rei da Espanha a expedir uma *Real Cédula*, recomendando-os por estarem

> *"(...)havilitados en ese manejo y de los Mosquetes, Arcabuces, y pieças de Artilleria y demas Armas y municiones que se a entendido ay en ellas(...)*[7].

A Coroa Espanhola estava ciente das dificuldades militares que enfrentava Buenos Aires, pois já havia enviado recomendações anteriores[8]. Contudo, as medidas mais eficazes não poderiam ser efetuadas em um prazo tão exíguo.

Os constantes rumores de ataques a Buenos Aires levaram o o monarca espanhol a consultar o governador da jurisdição sobre qual a alternativa mais em conta para proceder à construção de uma fortaleza militar em Buenos Aires[9].

A resposta veio em seguida, e indicava os guaranis missioneiros como a opção mais econômica. Para empreender as obras da fortificação, foi designado como governador de Buenos Aires *a Jose de Salazar*, por sua longa experiência militar no Paraguai e para que essa lhe valesse no momento de viabili-

---

[7] Real Cedula de 5 de julio de 1661, sobre la defensa del Puerto de Buenos Aires, in R.C.P, 1911,p.426.

[8] Real cedula de 20 de Septiembre de 1659, ordenando se remita un nuevo plano de las fortificaciones del puerto de Buenos Aires y recomendando su defensa. Madrid a 20 de Septiembre de 1659, in R.C.P, 1911, p.393.

[9] "(...) y la forma em que se podra haçer con menos gasto y de que medios se podria sacar para escusar del en todo lo que fuere posible a mi Real Hazienda(...)" Real Cedula de 20 de Junio de 1661, para que se informe sobre las obras de defensa que convendria hacer en el puerto de Buenos Aires. Madrid a Veinte de Junio de mil seiscentos y sesenta y un años, in R.C.P, 1911,p.423.

zar as obras. Como solução imediata e prática foram recrutados junto as reduções jesuíticas vários índios missioneiros para estes trabalhos[10].

Os auxílios prestados pelos guaranis das missões ao longo do segundo terço do século XVII resultaram na constatação de que "(...) en esta Ciudad y Provincias del Rio de la Plata, donde VR. y sus hijos de la Compania son los principales obreros(...)"[11], por executarem os diferentes ofícios solicitados pelos Governadores.

Quando, em 1664, começaram a socorrer Buenos Aires na execução das obras públicas, os guaranis também proviam-na com o material de construção necessário, dada a carência de matéria prima na cidade e arredores.

Os trabalhos executados pelos guaranis sazonados na cidade, a partir do ano de 1668, estenderam-se a construção da fortaleza principal dentro da cidade e um

> *"(...) fortin en el Riachuelo, media legua distante. Y empezo à fabricar otro fuerte regular en el Rio Luja doze leguas la tierra adentro camino de Cordova. Tambien se valio de Indios para levantar la nueva Iglesia Cathedral"*[12].

Em função da precariedade das instalações que guarneciam a cidade-porto, os guaranis aldeados sob a tutela jesuítica foram vistos como a opção mais em conta para prover a sua defesa. O pagamento dos serviços prestados pelos guaranis deveria corresponder a um real e meio a cada dia de serviço prestado[13].

---

[10] "Carta do Governador de Buenos Aires Joseph Martinez de Salazar para os padres da Companhia de Jesus, e em especial, das reduções do Paraná e Uruguai, pedindo-lhes que enviem 300 índios e a construção de 6 embarcações. Buenos Aires 29-IX-1663, in MANUSCRITOS, Vol IV, pp.25-26.

[11] Ibidem, p.25.

[12] JARQUE, Dr D.Francisco. *Insignes missioneros de la Compania de Jesus.* Libro Tercero, Capitulo: IX. Su govierno en lo militar. Pamplona, 1687. p.316.

[13] "(...)y regulandose a real y medio cada dia en tiempo de mi anteçesor con la ocasion de benir los que pidio para travajar en estas fortificaciones(...)", in C.C.B.A, Tomo III, p.500.

A necessidade de recorrer aos índios aldeados, sob a tutela jesuítica, relacionava-se aos dois problemas crônicos da cidades: a falta de recursos humanos e econômicos[14].

As requisições de guaranis missioneiros tornavam-se cada vez mais importantes para Buenos Aires, pois as solicitações supriam a demanda de *ofícios mecânicos* a descoberto na cidade. Assim em 1669 foram requisitados pois

> *"(...) se carecia en aquela de Barcas para prevenir contra dhos enemigos se mandaran abajar Maestros y Artifices de ellas de las Doctrinas los quales prontamente obedecieron à la Orden y executaron quanto les fue mandado"*[15].

Logo que os guaranis começaram a frequentá-la na condição de trabalhadores qualificados, a Companhia de Jesus adotou medidas preventivas. Estas visavam limitar o contato dos guarani com a população colonial, e evitar os malefícios provenientes desta proximidade. Assim os jesuítas optaram por utilizar o "Puerto de las Conchas"[16], localizado em um lugar que fica a "(...)quatro milhas de Buenos Aires, para evitar que os índios precisassem ir com suas canoas até Buenos Aires. É que os padres não admitem que os índios convertidos entrem em contato com os espanhóis(...)"[17].

---

[14] "El Dr D. Pedro Vazquez de Velasco, Presidente de Charcas en 31 de diciembre de 1688, da cuenta de haber socorrido al de Buenos Aires con la paga de los soldados y ministros como lo ordeno el Virrey y que para defensa de aquel puerto no sierve la fortificación; SINO LA GENTE; y que es ocioso el gasto de los ministros de aquella audiencia y monta más de 40.000 pesos lo que se envia cada año a Buenos Aires." 1670-8-12. Relación de lo que ha pasado obre la fortificación de Buenos Aires y asistencias que el Gobernador ha pedido para la defensa de aquel Puerto.,in Pastells, Tomo III, p.23.

[15] A.H.N.M, jesuítas, legajo 120, doc n 7. "Para formar alguna idea de lo que son los Yndios de las Doctrinas(...)".

[16] "Hoy salió el P.Pedro de Orduña de las Conchas de vuelta de las doctrinas del Uruguay con 200 indios de ella y 28 canoas las cuatro en dos balsas y las 24 sueltas". Carta del Presidente de Buenos Aires, D.Jose Martinez de Salazar, al P.Provincial Andres Rada, in PASTELLS, Tomo II, p.694.

[17] SEPP, Antonio. *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos.* 1980. Capítulo VI: Novo diário contendo a descrição da viagem de navio, que o Padre Antonio Sepp encetou de Buenos Aires, a 1° de Maio de 1691, para alcançar as reduções dos indios,p.110.

As solicitações de índios das missões para atuarem em Buenos Aires, incidiram preferentemente sobre as reduções do Uruguai[18], tanto por sua proximidade à sede da governação, como por estarem dentro dos limites desta. Os trabalhos prestados pelos guaranis na cidade-porto, foram alvo de reconhecimento expresso, partindo da Corte de Madri.

As primeiras ocasiões em que os guaranis irromperam o perímetro portenho foi com finalidade militar, isso de forma mais acentuada entre 1640 e 1660. Durante essas duas décadas, foram os auxílios militares a modalidade de serviço mais expressiva prestada pelos guaranis para a segurança e defesa da cidade. Posteriormente a esfera de participação foi ampliada, sendo extendida às obras públicas, ocorrendo a concomitância entre as duas modalidades de serviços públicos prestados em Buenos Aires.

4.2 O PERIGO MATERIALIZADO: SACRAMENTO

Ao iniciar a penúltima década do século XVII, as terras rioplatenses vivenciaram acontecimentos que alteraram a fisionomia do cenário colonial platino. O fator determinante foi a iniciativa portuguesa de instalar-se na margem setentrional do Estuário Platino[19].

A Coroa Lusitana, até os momentos finais da União Ibérica (1580-1640), apresentou forte presença na rede comercial rioplatense e, por extensão, na de todo Vice-Reinado Peruano. Após o final da União Dinástica, Portugal há muitos anos bus-

---

[18] "(...)los indios mejores, más seguros, domesticados y bien instruídos en todo y por todo y que no haran falta son los de las reducciones del Uruguay(...)"in PASTELLS, Tomo III, p.95.

[19] Segundo a hipótese de Fernando Assunção, a "(...)Colonia del Sacramento, fue el factor desencadenante, para y en Buenos Aires, de un profundo y espectacular proceso de cambio(...)"argumento que esta analise corrobora. in ASSUNÇÃO, Fernando O. *La presencia de la Colônia del Sacramento y el primer gran Cambio de la Ciudad de Buenos Aires*,p.340.

cava lograr uma posição que permitisse reestabelecer seu vínculo com a América Espanhola[20].

Visando obter uma posição que facultasse o acesso aos mercados coloniais hispano-americanos, a Coroa Lusitana decidiu consolidar sua presença nas terras rio-platenses de maneira efetiva, expressa através da fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento, em 1680[21].

Em decorrência da grande proximidade lusitana da principal via de acesso meridional às terras sul-americanas, a Coroa Hispânica se vê diante da necessidade de voltar novamente suas atenções para Buenos Aires[22].

Temendo os intereses subjacentes à instalação de Sacramento o Governo de Madri tomou medidas enérgicas diante da presença indesejada. Foi determinado o cerco e tomada da Colônia de Sacramento[23], mobilizando um grande contingente militar para fazer frente à ousadia lusitana.

Por ocasião desta investida contra Sacramento, a participação dos guaranis missioneiros como tropa auxiliar foi decisi-

---

[20] Vide BANDEIRA, Moniz. *O Expansionismo Brasileiro,* em especial o Capítulo II: Buenos Aires no início do século XVII -os cristão-novos e o comércio português- A Prata de potosi-- A conquista de Buenos Aires como objetivo dos Portugueses, pp.37 a 51.

[21] Entre as muitas obras existentes sobre o tema , indicamos: AZAROLA GIL, Luis Enrique. Historia de Colonia del Sacramento (1680-1828). Casa A.Barreiro y Ramos S.A. Montevideo, 1940; MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. *A Colonia do Sacramento(1680-1777).* Porto Alegre, Ed.Globo, 1937, 2 volumes; SÁ, Simão Pereira de. *História Topográfica e Bélica de Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata.* Rio de Janeiro, Tip Leuzinga, 1900.1a edição (2a edição, integral: Porto Alegre, RBS e Banco Real, 1993).

[22] Como parte das medidas tomadas para providenciar a construção da nova fortaleza de Buenos Aires, foi adotada a proposta formulada por Salazar em 1663, que aconselhava a criação de um imposto temporário (sisa) sobre toda a erva mate comercializada em Santa Fé e Buenos Aires, a fim de custear as obras. Esta e outras medidas constam na Real Cedula de 26 de fevereiro de 1680.

[23] 1680-2-28. Ordem escrita a los Padres Missioneiros de las doctrinas de la Compañia de Jesus del Parana y Uruguay, por el P.Superior Cristobal Altamirano. Documento que contem as ordens expedida aos padres missioneiros para auxiliarem nos trabalhos contra a instalação lusitana em Sacramento. Descrimina o número de indios que cada redução deveria enviar, com a indicação das armas necessárias e as demais providências a tomar, PASTELLS,Tomo V, pp.286 a 288.

va[24]. Contribuíram nesta contenda com homens, munição, montarias e mantimentos.

Ao atuarem lado a lado com as tropas espanholas, principalmente nas campanhas de grande envergadura, os índios das reduções eram os responsáveis pelo fornecimento dos recursos materiais para prover as tropas, subtraindo estes gêneros dos armazéns e estâncias missioneiras[25].

A partir da instalação portuguesa na margem oposta a Buenos Aires, as autoridades coloniais passam a ver nas reduções guaranis a principal força defensiva contra o vizinho inimigo, agora localizado nos calcanhares da praça colonial mais vulnerável de todo o Vice-Reinado.

Havia um consenso por parte dos jesuítas e dos representantes da Coroa Espanhola quanto à necessidade de controlar as ações lusitanas, pois os desdobramentos desta poderiam implicar em desavenças para ambas as partes. Nem por isto os jesuítas estavam dispostos a aceitar integralmente as decisões do poder secular, principalmente quando estas representavam ônus aos trabalhos missionais.

Restava apenas equacionar a questão referente aos recursos. Para tanto em 1680 "(...) se impuso esta contribuición (sisa) en la yerba que se introducia en aquella ciudad y en Santa fe de la vera Cruz, para costear la fortificación de su plaza(...)"[26] sendo determinada uma duração de seis anos para este imposto.

Sobre os custos das obras, Jose de Garro, governador de Buenos Aires, manifestou que o "(...) mayor gasto para la obra de la fortaleza es la paga de los jornales de los índios, pero si el

---

[24] "Relação da Primeira Tomada da Colônia do Sacramento pelos Espanhóis---25.11.1679 a 09.08.1680"-- Doc III, autor anônimo, MANUSCRITOS, Vol V, pp.27-37.

[25] "(...)y el año de 1687 hicieron donativo gracioso de 600 caballos para la guerra, y despues socorrieron sin paga con cuarenta y cuatro fanegas de granos para ayuda del bastimento de las milicias". in MONNER SANS, Ricardo. Misiones Guaraníticas,p.114; CHARLEVOIX. Historia do Paraguay, Tomo IV, p.378.

[26] A.H.N.M, America, Leg 126, doc n 1; A.G.I-Charcas 422.

Gobierno se industria es muy tenue(...)"[27] atestando a gande valia que representava contar com o auxílio de centenas de guaranis.

A fortaleza acima referida localizava-se fora da cidade, no local conhecido como San Sebastian, apesar de ser extramuros[28], estava à vista da cidade, e para sua execução acudiram "(...)300 indios que se remudan cada quatro meses(...)"[29], conforme o acerto existente. O envio estava prescrito por temporadas previamente definidas.

A Fortaleza de San Sebastian não chegou a ser concluída, mesmo assim os guaranis trabalharam mais de oito meses nela até o momento de ser determinada sua volta.

Devido a suspensão da *sisa* (imposto), o governador portenho decidiu despedir os índios que nela trabalhavan *por no haber efectos con que continuarlas*[30]. Nessa ocasião, o mandatário portenho emitiu um alerta indicando que para a segurança daquele porto

> *"(...) que el castillo y fortaleza que hoy hay se vuelva á reedificar haciendolo algo más capaz, de materiales mas permanente y proporcion más regular porque la que tiene es totalmente indefensa"*[31].

A prestação de serviço nas obras públicas da cidade-porto por parte dos guaranis das reduções, na condição de *índios*

---

[27] 1683-5-26. Copia del informe hecho por D.Jose de Garro al Duque de la Plata, Virrey del Perú, sobre lo que producen los impuestos que se cobran en el puerto de Buenos Aires, aplicados para su fortificación, in PASTELLS, Tomo IV, p.18.

[28] "(...)se fabrique una fortaleza real en el sitio de San Sebastian, extramuros de Buenos Aires(...). 1683-I-20.Certificación del Gobernador del Rio de la Plata D.José de Herrera y Sotomayor.Buenos Aires, 20 de enero de 1683, in PASTELLS, Tomo IV, pp.510, 511.

[29] JARQUE, Dr D. Francisco. *Insignes Misioneros de la Compania de Jesus...* Libro Tercero, Cap IX, p.316.

[30] 1684-7-31. Carta del Gobernador de Buenos Aires, D.Jose de herrera y Sotomayor á S.M. "Dice en otra carta de esta fecha da cuenta de haber cesado la fabrica de la nueva fortaleza que se mando hacer en aquel puerto por haber suspendido los medios(...)",in Pastells, Tomo IV, p.63.

[31] Ibidem.

gastadores durante o século XVII, ficou restrita aos anos de 1664/84, como indica a documentação.

Mesmo dispensados das obras públicas, os guaranis seguiam auxiliando no guarnecimento e defesa dos dilatados limites de Buenos Aires. Em 1688 por ordem do governador

> *"(...) fueron 150 indios a reconocer las costas del mar y rio de la plata, observando si habia enemigos ó piratas. Este servicio ejecutaron todos los años por orden de los Gobernadores"*[32].

Os serviços de vigias e patrulhamento das costas e campos platinos os guaranis já executavam a anos, mas agora se tornaram regulares diante da possibilidade de uma eventual avançada inimiga em direção ao estuário platino.

A necessidade de manter sistematicamente vigiadas as terras rio-platenses referia-se ao fato de a Coroa Portuguesa ter obtido, através dos dispositivos contidos no Tratado Provisional de 1681, o direito de manter-se instalada na margem setentrional do rio da Prata; restrita no entanto ao *rayo de uma libra de canhão* a partir do local onde estava instalada a Colônia de Sacramento. O acordo foi desrespeitado por Portugal desde seus primórdios[33].

Encerrado o ciclo de serviços nas obras públicas, os guaranis missioneiros apenas voltariam a figurar no cenário portenho para servir como trabalhadores na construção civil mas agora para a própria Companhia de Jesus.

Com a suspensão das obras de fortificação e término do envio de guaranis para essas tarefas, a Companhia encontrava-se em condições de acelerar a edificação de sua nova igreja. Em

---

[32] 1698-6-3. Carta de la Ciudad de la Trinidad puerto de Santa Maria de Buenos Aires, à S.M, in. PASTELLS, Tomo IV, nota I, p.411.

[33] A.H.N.M. Jesuítas. legajo 120, doc n 4. Breve extracto de las ordenes pasadas a los Gov. de B. Aires desde la Paz de Utrech en el año de 1715: representaciones de estos; daños hechos por los Portugueses en aquel território y usurpaciones con infraccion de los tratados hasta el año de 1745.

1691, de passagem pela cidade, Antonio Sepp, jesuíta missioneiro, comentou a respeito desta construção, e mencionou que "(...) metade da torre já foi levantada. Os arquitetos são jesuítas e os operários dos nossos indios, que foram mandados das reduções para Buenos Aires"[34].

No final do século XVII, os guaranis apenas voltariam a socorrer Buenos Aires nos serviços de guerra e no patrulhamento da Província Paraguaia. Notícias desse gênero foram registradas em 1697 e culminaram na ordem aos guaranis para que fossem reconhecer "(...)las veredas, y caminos por los quales avian podido internarse tanto los Portugueses: lo que los Indios executaron prontamente en numero de 200 acompañados de los Padres(...)"[35]. Medida tomada diante do receio pelo movimento dos portugueses na província, conhecidos os inconvenientes das ações passadas.

Em 1698 os guaranis voltaram a cena pública portenha, investidos mais uma vez de sua condição quase permanente de tropa auxiliar. Corriam rumores de novas tentativas de invasões e "(...)segun las noticias que adquiri se prebenian y armaban en Francia(...)"[36]. A notícia levou o governador a solicitar auxílio, e a primeira "(...)insinuación de este caballero bajaron 2.000 indios de las reducciones del cargo de la Compañia de Jesus (...)"[37].

Pelo rápido atendimento ao pedido do Governador, esse enviou uma carta ao Rei da Espanha elogiando a rapidez dos índios missioneiros que em menos de quinze dias estavam na cidade os 1500 que havia requisitados para a cavalaria e chegaram

---

[34] SEPP, Antonio. *Viagem às Missões e Trabalhos Apostolicos*. Cap VI, p.103.
[35] A.H.N.M, Jesuítas, leg 120, doc Nº 7
[36] Carta del Gobernador de Buenos Aires, in C.C.B.A, p.498.
[37] 1698-6-3. Carta de la ciudad de la Trinidad, puerto de Santa Maria de Buenos Aires, á S.M., in PASTELLS, Tomo IV,p.431.

"(...) armados con lanzas, sillas frenos y espuelas, y los 500 pedreros para la infantaria con hondas y piedras labradas para disparar 200 tiros cada uno"[38].

Apesar dos rumores de ataques a Buenos Aires as invasões nunca ocorreram. Entretanto a situação mais preocupante, decorria da proximidade lusitana[39], obrigando o governo de Madri a tomar uma atitude enérgica e duradoura.

4.3 SÉCULO XVIII: NOVAS MEDIDAS

No alvorecer do século XVIII, Buenos Aires seguia como uma cidade precariamente guarnecida. Os rumores que chegaram à Corte de Madri, no final do século passado, sobre possíveis ataques a cidade-porto, exigia medidas eficazes.

Neste sentido, em 1701, o governador de Buenos Aires, Don Jose de Garro, enviou à Espanha um *Plano de la fortaleza que se habia de hacer en el puerto de Buenos Aires*[40], realizado por D. Jose Bermudez.

Existia a preocupação de executar a nova fortaleza isenta das deficiências de suas predecessoras, principalmente no aspecto referente à durabilidade; fato que elevaria sobremaneira os custos da nova obra. Para contornar esse dispêndio "(...)en el año de 1701 para el fin de haverse la nueva fortificación de la

---

[38] 1698-7-4. Carta del Gobernador de Buenos Aires, D.Agustin de Robles, á S.M., in PASTELLS, Tomo IV, p.413.

[39] 1699-12-19. SUPLICA. "La ciudad de la Trinidad, puerto de Santa Maria de Buenos Aires cabeza de la provincia del Rio de la Plata, en nombre de toda ella postrada a los Reale pies de V.M le suplica se sirva concederle licencia para que á todo trance de guerra pase á desalojar á los portugueses de San Gabriel, llevando a fuego y sangre aquella colonia por los daños ignomiosos que recibe de ella y los que en adelante se han de seguir á la Real Corona si de presente no se acoge esta resolución, o no se da expediente para que la abandone; por todas las razones que sobre esto representa á S.M en este informe". Buenos Aires 19 de Diciembre de 1699,in PASTELLS, Tomo IV, p.438,439.

[40] A.G.I, Mapas y Planos, Buenos Aires, n 37.

Plasa de Buenos Aires se bolvia a renobar la sisa(...)"[41], imposto ressuscitado com a finalidade de captar recursos.

Várias medidas foram acionadas para assegurar o êxito dessa empresa. Para edificar a fortificação principal as autoridades consideraram conveniente determinar que

> *"(...)trabaje en ella para ponerla en perfección le ruega y encarga le envie, à lo menos 300 indios al trabajo de ella hasta que se perfeccione(...)"*[42].

Nesse mesmo documento ficava determinado o prazo de permanência dos índios na cidade, estipulado em quatro meses

> *"(...) y que cumplidos, lleguen otros 300 y vuelvan los primeros al Paraguay, y asi sucesivamente hasta la conclusion de la obra sin que con ningun motivo puedan detenerse después (...)"*[43].

Estas medidas demonstram um maior conhecimento da realidade missioneira e as melhores possibilidades de acesso a essa força de trabalho qualificada.

No mesmo dia em que se expediu a *Real Cédula* ao Provincial das Missões, foi remetida outra ao Governador de Buenos Aires, esclarecendo o conteúdo e informando que "(...)baje a aquel puerto, á lo menos 300 indios de ellas para trabajar en la fortificación, y previniendole lo que ha de ejecutar en orden al buen tratamiento asistencia, paga y relevo cada cuatro meses, sin detenerlos un dia mas"[44].

A clareza das instruções contidas nesses documentos são um reflexo de que os primeiros serviços prestados pelos gua-

---

[41] A.H.N.M, America. Provincia del Paraguay y Bs.As Leg 126, Nº 24, doc 1; A.G.I-Charcas 422.
[42] 1701-12-21 Real Cedula al Provincial de la Compañia de Jeasus y Prefecto de las misiones, doctrinas y reducciones del Parana y Uruguai, in PASTELLS, Tomo IV, p. (Doc 2890).
[43] 1701-12-21. Real Cedula al Provincial de la Compañia de Jesus y Prefecto de las Misiones,in PASTELLS, Tomo IV, p.487.
[44] Ibidem.

ranis das missões como *índios gastadores* serviram à Coroa Hispánica como uma fase de experiência e adaptação.

A mesma *Real Cédula* de 1701, que designou os guaranis das missões como a principal força de trabalho na reedificação da fortaleza portenha, esclarecia:

> *"(...)que en cualquier ocasion en que el Gobernador de Buenos Aires le avisare necesita de alguna más gente por recelo de invasión y por la cercania de la Colonia del Sacramento, le envie lo que pidiere; disponiendo vayan con los indios algunos religiosos(...)"*[45],

pois o fato de colaborarem nas obras de reedificação não os eximia de socorrer a cidade-porto de eventuais perigos.

O principal receio emanava da proximidade de Sacramento, temor acentuado pelas notícias de provocações que partiam da margem setentrional do rio da Prata.

No acato às medidas recebidas de Madri, visando a segurança dessa praça, o governador convocou em 1703 que "(...)viniessen à fortificar aquel Puerto quatrocientos Indios, que con puntualidad que siempre se supone acudieron à la obligación de Vasallos de su Magestad(...)"[46].

Essa requisição foi prontamente atendida e igualmente respeitada a orientação recebida para que constantemente houvesse índios trabalhando por temporadas. Para a realização dessa obra foram designados no ano de 1703

> *"(...) 300 indios, y el de 1704, 400 a trabajar en la fortificación de aquella plaza. En este continuo trabajo de la reedificación*

---

[45] Ibidem.

[46] Memorial al Rey..."Obra del P.Francisco Burgés, y segun parece de 1702" Relación sumária de los Especiales servicios que los Indios Guaranis han hecho a Su Magestad en los Goviernos de Buenos Aires y Paraguay. B.R.A.H, Tomo LV,p.33.

del antiguo fuerte de Buenos Aires han proseguido 160 indios, alternando este número cada año(...)"[47],

até o momento da conclusão dessa fortificação.

As solicitações de índios das reduções por parte dos governadores ocorria com freqüência, pois desta forma o estado colonial acionava os canais que possibilitavam arregimentar os soldados e "(...)peone y gastadores al reparo y fabrica de reales fortificaciones(...)"[48].

No século XVIII os guaranis missioneiros atuaram várias vezes contra os portugueses. Pois estes tumultuavam as terras vizinhas à Sacramento, promovendo o roubo das cabeças de gado da vacaria do mar, além de incitarem os *índios infiéis* contra os guaranis das reduções.

Em 1705, por ocasião do segundo cerco e tomada de Sacramento, os guaranis missioneiros apresentaram ativa participação nesta *facção de guerra*. Os preparativos foram tomadas pelo Provincial Lauro Nuñez que passou pessoalmente nas reduções para

"(...) asistir con todo lo necesario de ellas, como lo ha hecho con singular celo al servicio de S.M, habiendo llegado los 4.000 indios armados por tierra y por agua, con sus Capellanes y cirujanos, bastimentos, cavallos y acémilas(...)[49].

Pela grande mobilização de tropas ficou evidente o interesse da Espanha e dos jesuítas em erradicar a presença lusitana, conhecidos os efeitos desastrosos desta vizinhança ao longo do último quartel do século. O que outrora luzia como uma forta-

[47] Memorial de Jeronimo Herran de la Compañia de Jesus, Proc General por la Provincia del Paraguay, a Su Magestad. B. R.A.H, Jesuítas, Tomo CXLI.
[48] 1705-9-19. El R.P Francisco Burgés Procurador General de la Compañia de jesus en la Provincia del Paraguay á S.M, in PASTELLS, Tomo V, p.107.
[49] 1705-10-29. Carta del Maestre de Campo, D.Esteban de Urizar, electo Gobernador de la Provincia de Tucumán, à S.M., in PASTELLS, Tomo V, p.125.

leza encravado nas proximidades de Buenos Aires foi totalmente destruído. Neste mesmo ano o governador mandou descer a cidade 4000 índios, com

> *"(...) 6000 cavallos para desalojar los Portugueses de la Colonia que avian otra vez ocupado. Obedecieron prontamente los de las Doctrinas, que unidos à los Españoles se apoderaron de aquella Plaza, con muerte de 40 de los Indios, y de 70 heridos"*[50].

As cenas registradas nessa contenda são de grande fúria por parte dos guaranis e foi "(...)tanto su excesso, que el P.Superior, Jose Mazó, vino a mi tienda diciendo no podia contener à los indios(...)"[51]. Mesmo diante dos percalços registrados a respeito da disciplina militar da tropa guarani, o Vice-Rei do Peru informou a *Sua Magestade* "(...) que aunque los indios tengan las nulidades que el Gobernador de Buenos Aires explica en su carta no han dejado de ser de provecho para lo que se ha conseguido"[52].

As nulidades referidas provavelmente estavam relacionadas com as dificuldades em controlar uma turba de Guaranis enfurecidos contra o opositor, principalmente diante da pregação anti-lusitana que ouviam dos padres.

Apesar dos excessos cometidos pelos guaranis, o Provincial das Missões recebeu uma *Real Cédula* expedida em Madri reconhecendo os serviços destes índios para

> *"(...) socorro del puerto y presidio de Buenos Aires y para contener las hostilidades de los Portugueses y de las guerras continuadas de los infieles(...)"*[53].

---

[50] A.H.N.M, Jesuítas, leg 120, doc nº 7. "Para formar uma idea ...".
[51] 1705-10-10. Carta del Gobernador de Buenos Aires D.Juan Alonso de Valdes, á S.M., in PASTELLS, Tomo V, p.118.
[52] 1705-7-15. El Conde de la Moncloa, Virrey del Peru á S.M, in PASTELLS, Tomo V, p.83.
[53] 1706-II-26. Real Cedula al Provincial de la Compañia y Prefecto de las doctrinas del Parana y Uruguay, in PASTELLS, Tomo V, p.143.

Portanto a *pax provincial* passava obrigatoriamente pelo poder de fogo dos arcabuzes missioneiros, sendo estes guaranis a principal força de trabalho para as obras públicas da cidade.

Os trabalhos de reedificação da Fortaleza de Buenos Aires transcorreram normalmente, e vários são os testemunhos que comprovam a constante presença dos guaranis na execução desses trabalhos públicos[54].

A importância dos serviços prestados pelos Guaranis das missões foi mencionada pelo próprio monarca espanhol, Felipe V, ao declarar que em várias ocasiões haviam descido a Buenos Aires para trabalhar nas obras

> *"(...) de las fortificaciones de ella, y que siempre que se ofrece ejecutar cualquier faccion de mi Real Servicio en aquellos parajes, o que la referida plaza se halla necesitad de auxílio para su mayor brevedad acuden a socorrerlo son los indios de dichas Misiones(...)"*[55].

Houve gradativamente um incremento no número de pedidos de guaranis para prestarem diferentes serviços em concomitancia a reedificação da fortaleza portenha. Este foi o caso registrado em 1718, quando por ordem de Zabala, mais 500 índios compareceram a

> *"(...) una correria contra los portugueses en la campaña de la Vaqueria hacia la Colonia, quemaron á aquellos millares de*

---

[54] "Habia bajado por este tiempo a Buenos Aires el Padre Bernardo de la Vega à conducir y asistir en aquel Puerto à cien peones que por orden del Gobernador fueron a trabajar en sus fortificaciones.".Situação das Reduções do Uruguai em 1707. São Borja. 20-XII-1708. Doc XXXIII, in Manuscritos, Vol IV, p.244; "Tambien al tiempo en que se embarcó el Suplicante à 11 de Febrero de 725 vio, que se hallaban trabajando 160 indios en la obra de aquella Fortaleza de Buenos-Ayres". Exposicion al Rey del P.Geronimo Herran sobre las alteraciones y persecucion de los Jesuítas de Paraguay. B.R.A.H, CXLI, 8.

[55] CHARLEVOIX, Pedro Francisco. J, (S.J). *Historia del Paraguay*. Anexo: Documentos y Aclaraciones --Clausulas relativas a los Guaranis insertas en decreto del Rey Felipe V (enviada al Gobernador de Buenos Aires, a 12 de Novembro 1716).Tomo IV,p.391.

cueros, muriendo algunos indios durante la expedición en que tardaron unos tres meses"[56].

Neste mesmo ano, outros quatrocentos guaranis foram destinados para dar seqüência as obras iniciadas em 1703. Como medida adicional, mais 120 soldados foram destacados com o objetivo de melhorar a segurança da cidade-porto.

Havia a necessidade de acelerar a conclusão dessa obra, pois o inimigo vizinho voltara a instalar-se na margem oposta de Buenos Aires: por força dos dispositivos contidos no Tratado de Utrecht, de 1715, Portugal obteve o direito de reinstalar-se na margem setentrional do estuário platino. Este fato acelerou as obras de fortificação, particularmente "(...) desde el año de 1719 en adelante en el continuo trabajo de la reedificación del antigo Fuerte de este presidio, ciento y setenta índios, que alterando este numero cada año, repetian sus marchas en la estación (...)"[57], como ficou estipulado previamente.

A constante presença dos guaranis missioneiros no perímetro urbano de Buenos Aires despertou o interesse das autoridades cabildantes em dispor dessa mão-de-obra. Fato registrado em dezembro de 1719, quando "(...)la ciudad se halla con escases de Jentte para la recogida y se halla en ella porsion de Yndios tapes(...)"[58]. Nesta ocasião foi solicitado ao Padre Procurador das Missões deté-los até o momento da colheita "(...)para que se repartan entre los vecinos de ella (...)"[59], todavia a solicitação não logrou resultados positivos.

Este pedido visava amenizar temporariamente uma das tantas dificuldades que acometiam essa cidadela, como era a falta de braços no período das colheitas. Diante da negativa o

---

[56] MONNER SANS , Ricardo. Misiones Guaraniticas. Cap VI: Servicios de los indios guaranies, p.123.
[57] CHARLEVOIX, *op. cit.*,p.291.
[58] Cabildo del 2 de diciembre de 1719.Trigo: Se solicita la cooperación de indios Tapes para levantar la cosecha, in A.E.C.B.A, Serie II, Tomo IV, 1927, p.120.
[59] *Ibidem.*

pedido voltou a ser formulado no ano seguinte "(...)para que en nombre de este cabildo Suplique al R.P.Procurador de Misiones se sirva Concurrir con algunos Yndios Tapes para que ayuden a la ciega(...)"[60].

O pedido foi mais uma vez indeferido, e o governador desta vez esclareceu "(...)que los nesesita para la obra del fuerte para cuyo fin los avia mandado venir y de como avia dado licencia a los soldados para que fuesen a la dicha recogida(...)"[61].

Apesar da tentativa do Cabildo Portenho em obter acesso ao braço guarani missioneiro, as atividades que costumeiramente recaíam sobre esses seguiam sendo as obras públicas e os infindáveis trabalhos de guerra.

Devido o retorno dos portugueses às terras platinas, novos inconvenientes foram registrados. O governador de Buenos Aires, relatou que apesar de seus esforços para conter as tropas lusitanas em seus limites, que infestavam

> *"(...) todas aquellas campañas cometiendo vários excesos, y hurtos por lo que se hallaria precisado, para poner algun remedio valerse de los indios Guaranis"*[62].

Para colocar um limite aos excessos praticados no saque ao gado solto que ocupava a Vacaria do Mar, em 1722 foi determinado o envio de 500 índios em armas para desalojar os Portugueses da Colônia, particularmente de uma estância fundada com o gado disperso pela região[63].

---

[60] Cabildo del 24 de dociembre de 1720. Indios Tapes: Se solicita su ayuda para la siega.El gobernador responde que los necesita para la obra del fuerte,in A.E.C.B.A, Serie II, Tomo IV, 1927, p.252.

[61] Cabido deel 7 de 1721. Indios Tapes: se solicita su ayuda para la siega, El gobernador responde que los necesita para la obra del fuerte, in A.E.C.B.A. Serie II, Tomo IV, 1927, p.259.

[62] A.H.N.M, Jesuítas, Legajo 120, doc n 4. "Breve extrato de las ordenes pasadas a los Governadores de Buenos Ayres desde la Paz de Utrecht en el año de 1715: representaciones de estos; danos hechos por los Portugueses en aquel território y usurpaciones con infracion de los Tratados hasta el año de 1745.

[63] CHARLEVOIX, *op cit,* p.292; MANUSCRITOS, Vol V, p.184.

Nesta ocasião o governo de Lisboa decidiu enviar uma força exploratória, com vistas a fixar-se em outro ponto da margem esquerda do rio da Prata, na paragem de Montevidéu. Essa possibilidade desencadeou a reação hispânica que foi rápida e enérgica. Com a chegada "(...)de las fuerzas españolas en 1724 los portugueses se retiraran y se fundo la ciudad de San Felipe de Montevideo"[64].

Nesta contenda os guaranis missioneiros, compareceram no número de 4 mil, e após os trabalhos de guerra, 2 mil regressaram para suas reduções, e os remanescentes iniciaram as obras de fortificação da nova praça recém instalada[65].

4.4 GUARANIS MISSIONEIROS: A OPÇÃO PREFERENCIAL

Com o início da construção da Fortaleza de Montevideu, diante do interesse português em ocupar esse porto natural, tornava-se mister concluir as obras em Buenos Aires, e liberar os guaranis para a edificação da Nova Cidadela.

Uma vez encerrada as obras do forte portenho, a Coroa Espanhola poderia direcionar suas atenções para a defesa da Banda Oriental, porção do território rio-platense extremamente cobiçada pelos portugueses.

A reedificação da Fortaleza de Buenos Aires, iniciada em 1703 estava em fase final e "(...)durante los años 1724, 25 y 26 estubieron otros ciento sesenta indios trabajando en el fuerte y

---

[64] Mörner Magnus. Panorama de la sociedad del Rio de la Plata durante la primera mitad del siglo XVIII. *Estudios Americanos*, N 92-93, Sevilha, 1959, p.215.

[65] Cabildo del 4 de septiembre de 1724. Banda Oriental. Proposiciones que formula en el Cabildo el Gobernador Zabala para la defensa de las campañas de la Banda Oriental y de la nueva población de San Felipe de Montevideo. in A.E.C.B.A, Serie II, Tomo V,1928, pp.377,378.

castillo(...)"[66], alternando este número até o momento de conclusão da obra.

Os guaranis recrutados junto às reduções jesuíticas foram a opção preferencial ao longo de mais de meio século para os serviços nas obras públicas de Buenos Aires, e posteriormente em Montevidéu.

A importância em dispor deste contingente de trabalhadores especializados foi mencionada várias vezes pelo governador Zabala. Em carta ao rei, este declarou que se não fossem os índios

> *(...)era imposible proseguir el trabajo empezado para defensa y resguardo de Montevideo ni tampoco el de este castillo, cuando los soldados ni los demás españoles quieren reducirse a este género de fatiga*"[67].

Os trabalhos manuais e as lides agrícolas, eram vistos de maneira degradante e refratária por parte da população de ascendência espanhola, agravando a falta generalizada de trabalhadores[68] existente por todas províncias hispano-americanas. Nas imediações da governação portenha, a situação era mais delicada, pois em "(...) Buenos Aires no hay muchos indos para forzalos en el trabajo"[69].

Em decorrência desta conjunção de fatores adversos e da escassa população indígena passível de ser utilizada nos trabalhos regulares, o jesuíta Miguel Herre, em carta ao Provincial das Missões, registrou que em compensação "(...) nuestros misioneros envian del Paraguay, de tiempos en tiempo, algunos

---

[66] B.R.A.H, Jesuítas. (Exposición al Rey del P. Geronimo Herran sobre las alteraciones y persecuciones de los Jesuítas de Paraguay). Fol 6 hs., primer tercio del siglo XVIII. CXLI,8; MOONER, *op. cit*, p.124

[67] CHARLEVOIX, *op cit*, "Carta del Gobernador del Rio de la Plata al Rey Catolico", p.62

[68] "(...)pero falta aqui, como en America en general trabajadores y labradores". MUHN, Juan (S.J). El Rio de la Plata por viajeros alemanes del siglo XVIII. in *Revista del Instituto Histórico e Geografico*. Montevideo. 1930. Tomo VII, p.254

[69] Ibidem.

albañiles y de otros oficio los que en servicio del Rey construyen la fortaleza y son cada año mudados por otros"[70], indicando que os guaranis enviados às obras públicas apresentavam-se capacitados para o exercício de diferentes modalidades de ofícios mecânicos.

A grande demanda pela força de trabalho missioneira estava relacionada ao fato de que esses indígenas apresentavam uma especialização que os habilitava para os trabalhos na construção civil ou naval; verdadeiro contraste numa região em que a oferta desses ofícios era muito baixa, particularmente em Buenos Aires, onde "(...)en general, una queja casi permanente se lee en actas del Cabildo y otros documentos, por falta de hombres de oficio(...)"[71].

Por sua vez a construção civil, durante o período colonial, envolvia uma série de atividades comumentemente designadas como *"obras"*, desconsiderando as diferentes modalidades de serviço executados durante esses trabalhos.

No momento em que atuavam nas construções públicas, os guaranis desenvolviam diferentes ofícios, pois a construção e reparo dos fortes significava

> *"(...) corte y labrado de maderas, extraccion de piedras, conducción de todos los materiales, fabricación de adobes y tareas propias del albanil, carpintero y carretero(...)"*[72].

A grande habilidade manual dos guaranis para a execução de diversos *ofícios mêcanicos* aparece referida em vários documentos. Em carta remetida a Madri, o Governador de Buenos Aires, Bruno de Zabala, reconhecia que estes índios estavam

---

[70] Ibidem.

[71] ADOLFO, Hector. *El primitivo Buenos Aires.* Buenos Aires: Plus Ultra.1986,p.165.

[72] VELAZQUEZ, Rafael Eladio. *La rebelión de los indíos Arecaya en 1660. Reacción indígena contra los excesos de la encomienda en el Paraguay.*Asuncion. Centro Paraguyo de Estudios Sociologicos.1965,p.19.

"(...) habilitados con mucha destreza en las obras manuales(...)"[73], acrescentando em carta enviada ao Rei "(...) el merito particular de los Indios Tapes por los esfuerzos(...)"[74] no auxílio a cidade.

A intensa participação missioneira em distintas tarefas laborais ou militares, na manutenção e segurança dessa praça colonial, está registrada na documentação setecentista e oitocentista. Estes documentos comprovam a "(...)atención à que en las urgencias, que se havian ofrecido a mi Real Servicio (especialmente los Indios de la Jurisdicion de Buenos Aires) servian en las Fronteras de dicho Puerto(...)"[75], atestando o peso que representavam os guaranis para o conjunto da sociedade portenha[76].

As inumeras referências aos trabalhos prestados pelos guaranis às cidades rio-platenses são facilmente localizados nos registros, manuscritos e correspondências enviados a Madri. Nestes os jesuítas prestavam contas *dos vários servicios y gastos que hicieron los índios en servicios de su Rey*. No século XVIII são expedidos diversos memoriais por parte dos jesuítas,

---

[73] 1724-5-28. Carta del Gobernador de Buenos Aires, Don Bruno de Zabala, a Su Magestad, in PASTELLS, Tomo VI, p.309.

[74] Ibidem, p.310

[75] A.H.N.M, Jesuítas (Procuradoria); Legajo 956, doc n 27. Copia de Real Cedula, previniendo lo que se ha de observar en las misiones, y pueblos de indios de los distritos del Paraguay y Buenos Aires, que estan a cargo de los Padres de la Compañia de Jesus.

[76] **Evaluación de los servicios prestados**

Servicios prestados

	Sin computo de indios	Con cómputo de indios	Número de indios
Gobierno de:			
Buenos Aires	41	30	38.798
Asunción	31	28	6.993
TOTALES	72	58	45.791

Fonte:Carbonell,1992,p.361

esclarecendo sobre os inestimáveis serviços prestados ao Rei de Espanha[77].

Em um destes memoriais, o Padre Rodero, diante dos *artifícios de la Calumnia* contra os jesuítas, foi enfático ao mencionar que seus próprios olhos haviam sido testemunho

> *"(...)que no hay castillo, plaza ni fortificación alguna, ya en Buenos Ayres, ya en el Paraguay, ya en Montevideo, á cuyas construcciones, à la primera voz de sus Gobernadores, no concurran hasta hoy los trescientos ó cuatrocientos indios (...)"*[78],

Os guaranis ao realizarem os trabalhos genericamente nomeados de *"auxílio em obras públicas"* desempenhavam as múltiplas funções de pedreiros, carpinteros, carreteiros, carregadores e demais ofícios relacionados à construção e reparo destas fortificações, além do transporte fluvial das mercadorias. A escassa diferenciação existente na divisão do trabalho colonial determinava a pequena distinção entre os executores desses serviços[79].

A grande procura pela força de trabalho missioneira decorria da especialização dos índios e por serem as missões je-

---

[77] "Y aunque el Suplicante, pudiera relacionar otros muchos, y grandes servicios de los dichos Indios, omite su digresion considerando, que son vastantes los que se han referido; pues en prueba de que son vassallos, continuamente han estado empleados en el Real Servicio, fin que passe un año en que ayan dexado de desempeñar su lealtad con obras". B.R.A.H, .Exposicion al Rey del P.Geronimo Herran sobre las alteraciones y persecucion de los Jesuítas de Paraguay, CXLI, 8

[78] B.R.A.H, Jesuítas. "Hechos de la verdad, contra los artificios de la Calumnia,representados con la mas rendida veneración. Al supremo real consejo de las Indias, por el Padre Gaspar Rodero, Procurador General de la Compañia de Jesus de ellas, en defensa de las misiones del Paraguay. Tomo CLXX, 11, fol 23 h.

[79] "Respecto de los trabajadores rurales especializados, es evidente que su proporción es muy baja(...)determinada por la escasa diferenciación en la división del trabajo". in MORENO, Jose Luis, Población y sociedad en el Buenos Aires rural a mediados del siglo XVIII in *Desarrollo Economico* v 29, nº 114 (julio-setiembre 1989),p.272.

suíticas um centro de capacitação e qualificação de mão-de-obra[80] em uma região pouco afeita aos *ofícios mecânicos*.

4.5 "ALQUILANDOSE LIBREMENTE"[81]

A importância dos guaranis missioneiros para as cidades colonias não estava apenas circunscrita às requisições por parte do poder público colonial.

Uma leitura mais atenta da documentação oitocentista platina indica uma outra possibilidade de inserção dos guaranis no âmbito provincial, porém pouco analisada pela historiografia colonial que versa sobre esta temática.

A partir do século XVIII, a presença dos indíos missioneiros nas cidades de espanhóis, até então limitada às requisições oficiais, também passou a ser registrada fora da esfera pública.

Na virada do século XVII para o XVIII, muitos guaranis começaram a abandonar o convívio missional seja "(...)por el mucho trabajo en que los tienen; o por propia y natural malignidad de Indios(...)"[82]. Todavia a historiografia tradicional nada especulou sobre as relações existentes entre os castigos impostos aos guaranis pelos jesuítas[83] e sua relação com as "fugas".

No século XVIII surgiram novas possibilidades de trabalho na região. O trato com o gado ampliava a demanda por traba-

---

[80] "(...)la mano de obra guarani-misionera era sumamente valorada y requerida no sólo por lo señalado sino tanbien porque además la falta de mano de obra fue constante en la Banda Oriental durante todo el período Hispânico",p.207. GONZALEZ, Luis Rodolfo Rissotto. La importancia de las misiones Jesuíticas en la formación de la sociedad Uruguaya. *Estudos Iberoamericanos*. Porto Alegre, Volume XV. Nº 1:191-124. Junho, 1989; especialmente a Parte III: Centro de formación y Capacitación de mano de obra.

[81] Este termo aparece na documentação indicando as ocasiões em que os índios prestavam serviços aos moradores de Buenos Aires, recebendo remuneração: "(...)en esta dicha ciudad alquilan libremente (...)" 1743-10-31.Informe del Obispo de Buenos Aires, Don Fray Jose de Peralta, a Su Magestad,in PASTELLS, Tomo VII, p.526.

[82] ANGLES y GORTARI, Mathias de. "Los jesuítas en el Paraguay". Copia del informe. Asunción, 1896.

[83] Sobre este assunto consultar o capítulo II item 4 desta obra.

lhadores rurais. A pecuária[84] absorvia muitos braços e a sazonalidade da atividade proporcionavam mais uma opção de trabalho para os guaranis evadidos das reduções.

Jose Cardiel, jesuíta missioneiro, registrou que "(...)son muchos los indios, que se huyen à los pueblos de españoles. Aunque no sea más que de cento uno, como son cosa de cien mil, ya son un millar"[85]. E o rumo que tomavam, correspondia ao das cidades rio-platenses, com grande incidência para Buenos Aires[86]. Como mencionou o jesuíta, haviam "(...)muchos que desde niños, otros que desde mozos se huyen por su genio vago á Buenos Aires y demas ciudades de españoles, cassandose alli"[87].

Apesar de rumarem para estas cidades, não fixavam residência definitiva em nenhuma. Viviam de maneira errante, apenas detendo-se o tempo necessário a fim de obter alguns gêneros para seu sustento. São raros os que residem (...) en las ciudades de españoles, y de estos es raro el que quiera reducirse a salario"[88].

Os guaranis que evadiam das reduções o faziam preferentemente por não suportarem a carga de trabalho e atividades litúrgicas impostas pelos jesuítas, apesar dos últimos valerem-

---

[84] "Desde princípios del siglo XVIII la zona norte da la campaña de Buenos Aires era un área receptora de migrantes internos que se asentaban en "Los Arroyos", valorizando la tierra a través de actividades agrícola-ganaderas llevadas a cabo por el grupo domestico". CANEDO, Mariana. Propiedades, propietarios y ocupantes.La tierra y la familia en la campaña de Buenos Aires "El pago de los arroyos" 1600-1750. in *Boletin del Instituto de historia Argentina y Americana* "Dr.Emilio Ravignani",Tercera serie, n° 7, primeiro semestre de 1993. Faculdad de Filosofia y Letras. Universidad de Buenos Aires. Fondo de Cultura Economica, pp.07-29.

[85] CARDIEL, Jose. *Breve Relación*, p.543.

[86] "Lo que interesa subrayar aquí, más allá de esta aclaración, es que todo el proceso de crecimiento de Buenos Aires dará a las economias regionais un mercado de consumo excepcional. En 1720, la ciudad cuenta, según los datos de Besio Moreno, con casi 9.000 habitantes y un documento nos informa que poseía ya alrededor de 90 tiendas y pulperías",in GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado Interno y Economia Colonial*. Grijalbo.1983,p.409.

[87] A.H.N.M, Leg 120.(Documento assinado por Cardiel).

[88] BUENOS AIRES Y CORDOBA en 1729: segun cartas de los padres C.Catanneo y C.Gervasoni / estudio preliminar traducción y notas del arquitecto Mario J.Buschiazzo. Buenos Aires: C.E.P.A.1941, p.144.

se da explicação simplista, ao atribuir o motivo dessas saídas ao *gênio vago* dos índios.

Em todo caso, é igualmente necessário considerar que as reduções apresentavam-se como um conjunto heterogêneo

> *"(...) por el grado de inserción de las comunidades indígenas en la própia reducción: desde comunidades insertas desde 1610 hasta recien allegadas; desde los guaranies profesionalmente habilitados en la reducción hasta los tentados a `vagar por los campos'"*[89].

Os que buscavam a vida extra-reducional, longe do espaço cristão laboral, faziam-no para fugiar das regras rígidas que seguiam as reduções. Agora estão alguns dias nas "(...)estancias de Buenos Aires ó en la ciudad: a poco tiempo se van a Santa Fé, luego de alli al Paraguay(...)"[90], As cidades da governação de Buenos Aires contaram com expressiva presença guarani, pois as atividades sazonais adequavam-se ao seu *modus vivendi*[91].

As possibilidades de conseguir ocupação nessas tarefas ampliava-se diante da falta de indígenas existente nos arredores destas cidades e os "(...) pocos que hay en esta dicha ciudad alquilan libremente por su elección con quien quieren(...)"[92]. Trabalhavam em geral como "(...)jornaleros ó pastores de vacas alquilados. Dales cada mes 6 ó 7 pesos por su trabajo, y a algunos de mas brios les dan 8, y sobre esto la comida de balde"[93].

Quando tomavam a direção das cidades ou estâncias, desempenhavam ofícios variados, conforme suas habilidades ou a

---

[89] Maeder Ernesto J.A. "La población y el número de reducciones:nivel de vida",pp.91 a 111. in CARBONELL, Rafael. *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaranies (1609-1767), opus cit.*

[90] CARDIEL, Jose. *"Breve Relación"*. p.544.

[91] "No se alquilan continuamente en trabajando ò tres meses, se dan el ocio", in CARDIEL, *"Breve Relación"*, p.287

[92] 1743-10-31. Informe del Obispo de B. Aires, Don Fray Jose de Peralta, a Su Magd, in PASTELLS, Tomo VII, p.526.

[93] CARDIEL, Jose. *Declaración de la Verdad*,p.287.

demanda existente "(...)y estan alli algunos años alquilandose en vários oficios, que no tienen habilidad para mas; y unos se quedan, y otros muitos vuelven, despues de 4, 6 ô 10 anos(...)"[94], pois os guaranis que optavam pela vida em redução, o faziam por sua livre eleição, e poderiam abandonar o convívio reducional quando bem entendessem.

Alguns guaranis, como registrou Cardiel, após viverem vários anos fora da redução decidiam regressar, o que os jesuítas viam com bons olhos, entretanto "(...)sus paysanos se vurlan de el quando le ven hablar castellano, poniendole algunos apodos de huidor, andariego, vagabundo(...)"[95], pois ao circularem pelas estâncias ou nas cidades coloniais findavam por aprender a língua dos espanhóis[96].

O incremento da Governação de Buenos Aires ao comércio internacional ampliava as chances de trabalho aos guaranis, oportunidades geradas pelo aumento das atividades econômicas e consequentemente do transporte fluvial rio-platense[97].

Com isto os guaranis que iam as cidades acompanhando os padres podiam realizarem pequenos trabalhos[98]. Houve casos em que os índios eram ludibriados e isto ocorria "(...) con bastante freqüência, que después de haver trabajado el índio lo niegan la paga, ó se la disminuyen(...)"[99], indicando um dos efeitos provocados pelo "isolamento" reducional[100].

---

[94] A.H.N.M, Jesuítas. Legajo 120, doc Nº 79

[95] Ibidem.

[96] Este é um fato registrado de longa data, como o do "(...)Yndio ladino llamado geronimo bien intelligente y que se daba bien a entender en la lengua española y la natural de la lengua Guarani(...)", XXVII-Memorial dos Superiores das Missões do Parana e Uruguai. Santo Thome del Uruguay, 5 março 1702, in MANUSCRITOS, Vol V,p.127.

[97] " En esa misma década, (1730) gran parte de los marineros de las barcas que surcan el Paraguay y el Paraná son indios `misioneros'..." in GARAVAGLIA.,*op.cit,* p.200.

[98] RICO, P.Juan Joseph. *Reparos que se han hecho contra la buena conducta y govierno civil de los treinta pueblos de indios guaranis*...p.11.

[99] Ibidem.

[100] O padre Provincial Gerônimo Herrán, em 1731, menciona "(...)que a cada uno de los Indios, al bolverse à su Pueblo, y estando ya abordo de su embarcacion (porque antes no lo malvaratassen) les repartiesse el sobredicho Procurdor alguna ropa, y otros rescates à quenta del Comun(...) pois os guaranis mais incautos, por vezes negociavam as suas vestimentas com os habitantes de Buenos Aires regressando desnudos a sua redução de origem, in RICO, P.Juan Joseph. *opvs. cit.*

Entretanto os guaranis que haviam abandonado a vida missional, encontravam-se mais preparados ao convívio colonial e não mostravam-se tão suscetíveis às trapaças e artimanhas dos espanhóis. O número de guaranis que debandaram das reduções atingiu sua maior cifra na década de trinta, quando o "(...)exodo alcanzou su apogeu entre 1734 y 1739"[101]. As deserções incidiram sobre dez reduções, e as "(...)con mayor número de fugitivos eran Loreto 430; San Ignacio Guazu 333; San Nicolas 327; San Lorenzo 262; N. S de Fé 291; Santa Maria 166; San Luis 166; Santo Angel 153; Trinidad 141; Itapua 120"[102].

Esses números indicam que os pueblos mais próximos das cabeças de governação estavam mais expostos às deserções, tanto pela proximidade, como pelos efeitos do contato em função dos serviços que prestavam nas cidades platinas[103].

Ao comparar a documentação do Cabildo com os números acima mencionados, é possível inferir que parcela expressiva dos guaranis evadidos das reduções tomavam o rumo dessa cidade. Levando o Procurador das Missões, Jaime Pasino, a solicitar que "(...)se sirba das providensia para El transporte y transmigrasion A loz puebloz de misiones de su cargo(...)"[104]. Essa solicitação é um testemunho por parte do clero jesuítico da grande evasão ocorrida no segundo terço do século XVIII.

A preocupação dos jesuítas se torna evidente quando, em dezembro de 1746, o referido Procurador das Missões dirigiu-se novamente ao Cabildo, solicitando que ao chegar a cidade os "corregidores" das reduções, que estes delatem os muitos

---

[101] MAEDER, Ernesto & Bolsi, Alfredo S. La población de las misiones guaranies entre 1702-1767.p.127 in *Estudios Paraguayos*. Revista de la Universidad Catolica "Nuestra Señora de Asunción". Vol II, n 1. 1974:11-137.

[102] Ibidem, p.128, nota 33.

[103] 1738-8-20. Carta de Don Miguel de Salcedo, Gov. de Buenos Aires, a Su Majestad, in PASTELLS, Tomo VII, p.319.

[104] Cabildo del 13 de enero de 1746. Indios: acerca de los que deben destinarse a los pueblos de Misiones. Gestiones del Cabildo. A.E.C.B.A. Serie II, Tomo IX, 1930, p.167.

"(...) yndios e yndias que ai en esta ciudad y sus cercanias casados y cazadas en dhos pueblos se rrecoxan por los sitados corregidores para condusirlos al regreso de dhos corregidores a suz pueblo(...)"[105].

Ao recorrer às autoridades coloniais, o clero jesuítico demonstrava a dimensão que havia tomado a questão referente à deserção de guaranis das missões. A cidade-porto atuava como um centro de atração para os guaranis, pois oferecia a oportunidade de trabalho temporário, tanto nos trabalhos manuais como na atividade pecuária.

O fluxo de guaranis para as praças coloniais, especialmente Buenos Aires, foi muito acentuado, pois no conjunto das cidades rio-platenses esta apresentava maiores oportunidades de trabalho.

Ao destacar os atores sociais implicados nestas realizações, esperamos estar contribuíndo para indicar uma das formas concretas que adquiriram os sistemas de exploração do trabalho na região platina.

[105] Cabildo del 16 de diciembre de 1746. Memorial del P.Jaime Pasino: solicita que sean denunciados los indios de misiones que vivian casados en la ciudad para seren reintegrados aquellos pueblos y prueba asi se los que viven amancebados., in A.E.C.B.A. Serie II, Tomo IX, 1930,p.208.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do passado colonial rio-platense, revigorado nos últimos anos, tem desvelado uma sociedade com particularidades muito próprias quando contrastada com as demais áreas coloniais ibero-americanas.

A Companhia de Jesus, ao estabelecer-se no Paraguai colonial, viu frutificar sua proposta de catequisação -não sem muitos contra-tempos iniciais-, possibilitando a essa sociedade o acesso a um contingente de trabalhadores qualificados que, por sua atuação, apresentou substancial participação em todas as atividades da vida pública colonial, com destaque na Governação de Buenos Aires.

As resoluções, visando permitir o acesso do poder público aos contingentes de trabalhadores guaranis habilitados em serviços diversos, são o resultado de decisões tomadas na esfera do Império Espanhol. Essas foram ingerências praticadas diretamente pelos monarcas hispânicos que, dessa forma, incorporaram à paisagem colonial portenha centenas de guaranis à cena pública.

As vezes que o Cabildo da cidade de Buenos Aires, através de seus representantes, buscou acessar os contingentes de índios missioneiros para solucionar problemas exclusivamente internos da municipalidade, não obteve resultados positivos.

As soluções propostas para equacionar os problemas enfrentados em Buenos Aires estiveram em relação direta com o perigo que representava o invasor estrangeiro ou mesmo local. A segurança dessa sede de governo e a necessidade de sua manutenção física acentuaram a presença guarani missioneira nos limites dessa jurisdição.

Neste sentido, a avançada lusitana em direção ao estuário platino foi um fator de alteração em toda região. Essas ameaças

de assédio inimigo, que por vezes apresentaram-se como um perigo real ou mesmo imaginário, determinaram o requerimento dos aportes humanos provenientes das reduções. Inicialmente com caráter emergencial e esporádico, foram gradativamente tomando feições compulsórias, alterando constantemente a paisagem colonial portenha.

A incorporação periódica de centenas de guaranis à rotina da cidade-porto suscitou sérias desconfianças dos jesuítas. Suspeitavam quanto aos interesses reais subjacentes a esses translados, além de temerem os possíveis efeitos negativos sob seus tutelados.

Os trabalhos prestados pelos guaranis ao poder público colonial foram remunerados, por vezes, através da compensação do tributo devido. Em outras ocasiões, o espólio de guerra serviu de pagamento às tropas guaranis em campanha. Por essas particularidades, a tributação que deveria incidir sobre esses índios foi um dos assuntos mais polêmicos ao longo da existência das reduções.

Durante a realização desta pesquisa, foi possível resgatar uma fração do Continente Americano, mais precisamente as terras meridionais sul-americanas. Sobre as quais muitos agentes sociais manifestaram interesse em assumir ou simplesmente manter o controle sobre estas terras.

Através dos contatos comerciais, lícitos ou ilícitos, e das relações étnicas e sociais estabelecidas, essa região registrou um elevado grau de complementação. Essas relações diferem, sobremaneira, quando comparadas às práticas adotadas nos albores do século XIX, momento de emergência dos Estados Nacionais.

Possivelmente resida aí o pouco caso dispensado, por décadas, pela historiografia americanista ao período colonial, preocupada que estava em justificar e exaltar as nações emergentes na América do Sul.

Nas diversas etapas de elaboração desta dissertação, ao abordar as relações travadas entre os diferentes atores sociais, demonstrou-se como essas atuações foram determinantes para a manutenção da sociedade ibero-platina em (trans)formação.

Há de se considerar que esses indígenas, quando irrompiam o perímetro urbano de Buenos Aires, igualmente deviam perguntar-se o porquê de trabalharem para outros, já não bastando o que labutavam no âmbito missioneiro. Essa pergunta pretendo analisar mais detidamente, em outra investigação, pois pouco da voz dos protagonistas desta pesquisa chegou até nós.

BIBLIOGRAFIA GERAL

a)fontes e series documentais:

A.E.C.B.A. *Acuerdos del Extinguido Cabildo de Buenos Aires,* serie I y II, publicados bajo la dirección de los Archiveros de la Nación, Jose Biedma, y Augusto S. Mallie, Buenos Aires, Tomo I-IXVII y - IX, Buenos Aires, 1907-1930.

A.M.P.A. Annaes do Museu Paulista y Anais do Museu Paulista: "Documentos bandeiras da Archivo General de Indias em Sevilha, volume V, São Paulo, 1931; "Documentação espanhola do Arquivo de Sevilha", Volume XIII, São Paulo, 1949.

BARRERAS,Joseph. Memorial de el P.Provincial de la Compañia de J.H.S en la provincia del Paraguay. Cordova-Ms.original, 1753, (Biblioteca Hispanica).

BUENOS AIRES y CORDOBA en 1729: segun cartas de los padres C.Catanneo y C. Gervasoni. Estudio preliminar, traducción y notas del arquiteto Mario J. Buschiazzo. Buenos Aires: C.E.P.A, 1941.(Colección Buenos Aires).

CARDIEL, Jose, S.I. Breve relación de las Misiones del Paraguay In: Hernandez Pablo, S.J. Organización Social de las doctrinas Guaranies de la Compañia de Jesus. Barcelona: Gustavo Gili. Tomo II, 1913.

CARTAS de los P.P Generales de la Compañia de Jesus y de varios Provinciales sobre las misiones del Paraguay, 16 de Julio de 1623 a 19 sep. 1754. 311 páginas. Manuscrito 6976. (Biblioteca Nacional, Madri)

CESAR, Guilhermino. Primeros Cronistas do Rio Grande do Sul: estudo das fontes primárias da história rio-grandense acompanhada de vários textos. 2a edição. Porto Alegre: EDURGS,1981.

CONCOLOCORVO (Alonso Carrio de la Vandera). El lazarillo de ciegos camiñantes. Lima: Biblioteca Peruana, 1974, 2 tomos.

COREAL, François, Voyages de François Coreal aux Indes Occidentales. Contenent ce qu'il a v[1] de plus remarquable pendant son séjour depuis 1666 jusqu'an 1697, Amsterdam: Chez J.Freferic Bernar, 1722.

C.C.B.A. Correspondência de la cuidad de Buenos Ayres con los Reys de España, Tomo II y III, Reunidas en el Archivo General de Sevilla, coordinada y publicada por R. Levillier, Buenos Aires, 1918. Publicaciones historicas de la Biblioteca del Congresso Argentino.

CHARLEVOIX, Pedro Francisco Javier de, S.I. Historia del Paraguay. del original Histoire du Paraguay, Paris,1757.Traducida al castellano por el P.Pablo Hernandez. Madrid: Victoriano Suarez. Imprenta de Fortanet, 1912. (Colección de libros y documentos referentes a la História de América).

EL Rio de la Plata por viajeros alemanes del siglo XVIII, segun cartas traducidas por Juan Mühn, S.I, in Revista del Instituto Histórico y geografico, Montevideo, 1930, tomo VII, pp.229-325.

FUNES, Dr Don Gregorio. Ensayo de la Historia Civil del Paraguay, Buenos Ayres y Tucuman. Buenos Aires: Imprenta de M.J.Gandarillas y socios, 1816. 3 tomos.

FURLONG, Guillermo. "Jose Cardiel S.J y su carta relación" (1747). Buenos Aires: Libreria del Plata, 1953. (Escritores Coloniales Rioplatenses, V:II).

JARQUE, D.Dr Francisco. Insignes misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay:estado presente de sus Misiones en Tucuman, Paraguay y Rio de la Plata, que compreende su distrito. Pamplona, 1687. Libro I:Vida del P.Simon Mazeta; libro II:Vida del P.Francisco Diaz Taño; libro III: En que se apunta el estado que al presente gozan las Misiones.

LOZANO, Pedro S.I. Carta escrita al P.Bruno Morales de la misma Compañia y Provincia existente en esta Corte de Madrid. Cordova del Thucuman, (s.a 1746).(Biblioteca Hispânica).

LOZANO, Pedro S.I. Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay, Madrid, vols. 1-2, 1754-55. (fac-simile).

MANUSCRITOS Manuscritos da Coleção de Angelis, Tomo IV, Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai(1611-1758) Introdução, notas por Helio Viana, Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicacões, 1970; Tomo V, Tratado de Madri, -Antecedentes- Colônia de Sacramento, Introdução e notas por Jaime Cortesão,Rio de Janeiro,Biblioteca Nacional, 1954 ;Tomo VI, Antecedentes do Tratado de Madri - Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai, (1703-1751).

MENDONÇA, Marcos Carneiro de (1894-1988). Século XVIII, século pombalino do Brasil. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1898. (Biblioteca Repográfica Xerox; V 29).

MURATORI, Ludovico Antonio. Il cristianesimo felice nelle missioni de padri della Compagnia di Gesú nel Paraguay, Venezia, 1752.

MURIEL, Domingo (S.J) Historia del Paraguay (desde 1747 hasta 1767). 1a edição: Veneza, 1779. Traducida al castellano por el P.Pablo Hernandez (S.J). Madrid: Libreria General de Victoriano Suarez, 1918.

PARRAS, P.Fr. Pedro José de. Diário y derrotero de los viajes 1749-1753. Buenos Aires: Solar, 1943.

PASTELLS Historia de la compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay(Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil), según los documentos originales del Archivo General de Indias, extractado y anotados por Pablo Pastells, S.J., Tomos I-V, Madrid, 1912-1933; continuada por Francisco Mateos, S.J., Tomos VI-VII, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, Instituto Santo Toribio de Mogrovejo, Madrid, 1946-1948.

RELATION des Mission du Paraguay. Traduite del I'talien de M.Muratori. Louvain Vanlinthout et Vandenzande, 1982.

RICO, Juan Jose. Reparos que se han hecho contra la buena conducta y gobierno civil de los treinta pueblos de Indios guaranis que estan a cargo de la Compania de Jesus del Paraguay. Madrid, 1742.

ROBLES, Gregorio de. América a fines del siglo XVII: Noticias de los lugares de contrabando. Introduccion de Victor Tau Anzoategui. Valladolid: La Universidad, Seminario Americanista, 1980. (Serie Americanista Bernal; 14).

RUIZ MONTOYA, Antonio. Conquista espiritual. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985. 1a edição brasileira.Texto original Edição "Imprenta del Corazón de Jesus". Bilbao, 1892. Tradução vernácula: Pe Arnaldo Bruxel.

SEPP, Antonio. Edicion critica de las obras del Padre a cargo de Werner Hoffmann. (Traducción de: Monica Wrangf). Buenos Aires: Euduba. Editorial Universidade de Buenos Aires.(Talleres Garamond, S.C.A). 1971. 3 tomos. Contem: I - Relacion de viajes a las misiones jesuiticas; II - Continuación de las labores apostólicas; III - Jardin de Flores Paracuario;

SEPP, Antonio. Viagem as Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostolicos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada Brasil. 1980. Notas:Rubens de Moraes; Introdução: Wolfgang Hoffmann Harnish. Tradução: A.Raimundo Schneider.

TECHO, Nicolas del (S.J). Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesus. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sanz, con un prólogo de Blas Garay. Tomo I ao V. Madrid: Libreria y Casa Editorial A. de Uribe y Compañia. Asunción del Paraguay. 1897. (Biblioteca Paraguaya).

b) Bibliografia contemporánea

ABREU, J. Capistrano de. Capítulos de Historia Colonial (1500-1800). Rio de Janeiro: Livraria Briguet. 1954, 4a edição.

ADOLFO, Hector Cordero. El primitivo Buenos Aires. Buenos Aires: Plus Ultra,1986.2a edição.

AMÉRICA COLONIAL. Theo Santiago (org). São Paulo: Icone,1988. 2a edição. (Colecion América Latina).

ASSADOURIAN, Carlos Sempat. El sistema de la economia colonial. (Mercado interno, regiones y espacio economico), Lima: I.E.P, 1982.

ASSUNÇÃO, Fernando O. La presencia de la Colonia del Sacramento y el primer gran cambio de la ciudad de Buenos Aires. Separata VI Congresso Internacional de História de America. Tomo III. Buenos Aires: Academia Nacional de la História,1982.

AZAROLA GIL, Luis Enrique. História de Colonia del Sacramento (1680-1828). Montevideo: Casa A.Barreiro y Ramos S.A, 1940.

BALLESTEROS, Juan Carlos P. La educación jesuítica en las reducciones de guaranies. Prol. Carlos A Uzin. Parana.Facultad de Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de Entre Rios, Imprenta de la Universidad Nacional del Litoral Santa Fe, 1979.

BANDEIRA, Moniz. O expansionismo brasileiro:o papel do Brasil na bacia do Prata. Rio de Janeiro: Philobilion,1985. 1a edição.

BARRIOS PINTOS, Anibal. História de los pueblos orientales. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental,1971.

BECKER, Itala Irene Basile. El indio y la colonización.São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1984. Pesquisas. Antropologia, No 37.

BESIO MORENO, Nicolas. Buenos Aires. Puerto del Rio de la Plata...Estudio crítico de su población. Buenos Aires: Tall. Gráficos. Tuduri, 1939.

BIASI, Susana. Conflitos hispano portugueses en el Plata, 1750-1777. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.(Historia testimonial argentina, No 28. Documentos vivos de nuestro pasado),1984. 1a edição.

BRUXEL, Arnaldo. O sistema de propriedades das reduç§es Guaranitícas.PESQUISAS, São Leopoldo, Instituto Anchietano, No 3, p:29-198,1959.

_____. Os trinta povos guaranis. Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sulina, 1978.

BUCICH ESCOBAR, Ismael. Buenos Aires,ciudad. Reseña historica y descritiva de la capital argentina desde 1536-1936. Buenos Aires: Editorial Tor (s.a),1921.

CALEFFI, Paula. La Provincia Jesuítica del Paraguay: Guaranies e Chiquitos. Un analisis comparativo. Tesis doctoral. Universidad Complutense de Madrid, 1990.

CANABRAVA, Alice Piffer. O comércio português no Rio da Prata 1580/1640. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da USP. 1984.

CANALS, Salvador Frau. Las poblaciones indígenas de la Argentina. Buenos Aires: Hyspamerica. Ediciones Argentina, 1986. (Biblioteca Argentina de Historia y política).

CANEDO, Mariana. Propiedade, propietários y ocupantes. La tierra y la familia en la campaña de Buenos Aires. "El pago de Los arroyos"-1600/1750-. Boletin del Instituto de historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani", Tercera serie, numero 7, primeiro semestre de 1993. Facultad de Filosofia y Letras. Universidad de Buenos Aires. Fondo de Cultura Economica.

CARBONELL DE MASY, Rafael. Tecnica y tecnologia agrarias apropriadas en las misiones guaranies. Estudos Ibero-americanos. Porto Alegre, v:xv, No 1:20-47. Junho 1989.

_____. Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaranies (1609-1767). Barcelona: Instituto de Estudios Fiscales,1992.

CARCANO, Ramón José. Historia de los medios de comunicación y transporte en la República Argentina.Tomo I, Buenos Aires: Felix Lajovane Librero Editor,1893.

CARDIEL, Jose S.I. Declaración de la verdad. Misiones del Paraguay. Buenos Aires,1900.

CARLE, Claudio Baptista. Metalurgia nas Missões- Uma Introdução (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Pós-Graduação em História, PUCRS,1993.

CARRIL, Bonifacio del. La Plaza San Martin. Buenos Aires: Emecê Editores,1991.

CARRIL, Bonifacio & SARAIVA, Anibal G. Aguirre. Iconografia de Buenos Aires-La ciudad de Garay hasta 1852. Buenos Aires. Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires.(Imp.Inst.Salesiano Artes Graficas). 1982.

CLASTRES, Helene.Terra sem mal. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. O trabalho na América Latina Colonial. São Paulo: Editora Atica, 1985. (Série princípios).

CHAUNU, Pierre. Sevilha e a América (nos Século XVI e XVII). São Paulo: Difel,1980.

CONI, Emilio.A. El Trabajo en la Ciudad de la Trinidad y Puerto de Buenos Aires (1580-1610) in Agricultura, ComÚrcio e industria Coloniales (siglos XVI-XVIII). Buenos Aires: Libreria Editorial "El Ateneo". 1941.

_____. Historia de las vaquerias de Rio de la Plata,1955-1750. Buenos Aires: Editorial devenir, 1965.

DIFRIERI, Horacio A. Buenos Aires:Geohistória de una metropoli. Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires. 1981.(Colecciópn del IV centenário de Buenos Aires).

DOCUMENTOS de Arte Argentino.(Cuaderno XX).Las Misiones Guaranies (Escultura, Pintura, Grabados y Artes menores). Buenos Aires: Publicaciones de la Academia nacional de Bellas Artes, 1946.

DOCUMENTOS de la Compañia de Jesus en el Archivo Histórico Nacional (Madrid). Introducción: Mateos,Francisco; Inventário por ARACELI Guglieri Navarro. 1967.

DOMINGUEZ, Francisco Compañy. La vida en las pequeñas ciudades hispanoamericanas de la conquista, 1494-1549. Madrid. Ediciones de Cultura Hispânica del Centro Iberoamericano de Cooperación. 1978.

ELLIS, Jr. Alfredo. O Bandeiramtismo Paulista e o recuo do Meridiano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. 3a edição.(Série 5. Brasiliana.Volume 36).

FERNANDEZ, Ramos Raimundo. Apuntes históricos sobre misiones (posadas, territorio de misiones).Madrid. 1929.

FLORES, Moacyr. Aspectos culturais das Missões Jesuíticas. Veritas, Porto Alegre, 22(90): 142-63, 1978.

FURLONG, Guillermo S.I. Arquitectos argentinos durante la dominación Hispânica.Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1946.(Cultura Colonial Argentina IV).

_____. Artesanos argentinos durante la dominación hispânica.-Con prologo de Vicente Nadal Mora. Buenos Aires: Editorial Huarpes. 1946.(Cultura Colonial Argentina VI).

_____. Cartografia jesuítica del Rio de la Plata. Buenos Aires: Ed Tall S.A., Casa Jacobo Peuser, LTDA, 1936. 1o vol, Facultad Filosofia y Letras, Publicación Instituto de Investigaciones Historicas, Num LXXI.

_____. Domingo Muriel, S.J y su Relación de las Misiones (1766). Buenos Aires: Libreria de la Plata. S.R.L (Tall. Graf San Pablo). 1955.

_____. El transplante cultural: Arte.(Historia social y cultural del Rio de la Plata 1536/1810). Buenos Aires: Tipografia Editora Argentina,1969.

_____. Misiones y sus pueblos de Guaranies. Buenos Aires: Imprenta Balmes. 1962.

_____. Las industrias en el Rio de la Plata desde la colonización hasta 1778. Prologo de Andres R.Allende. Buenos Aires: Ed. Homenagem Libertador San Martin, Bicentenário.(Imp. Ronaldo J.Pellegrini). 1979. Academia Nacional de la Historia. Coleccion de Historia Economica y Social II.

GADELHA, Regina Maria A.F. As miss§es jesuíticas do Itatim:Um estudo das estruturas socio-econômicas coloniais do Paraguai (sec XVI e XVII). Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

GARAVAGLIA, Juan Carlos. Um modo de produção subsidiário: A organização econômica das comunidades guaranizadas durante os Século XVII-XVIII na formação regional Alto Peruano-RioPlatense. In: Gebran, Philomena (org). Conceito de modo de produção. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. Mercado Interno y Economia Colonial. Mexico: Grijalbo, 1983. 1a edição.
_____. Economia, Sociedad y regiones. Buenos Aires: Ediciones de la Flor. S.R.L, 1987.
_____. Ecosistemas y tecnologia agraria:elementos para una historia social de los ecosistemas agrários Rioplatenses (1700-1830). Desarrollo Economico. Buenos Aires. V 28, N0:112. Enero-Marzo 1989.
_____. "Vida Cotidiana-Hombres y mujeres de la Colonia". Buenos Aires: Ed.SudAmericana. 1992.
GAY, Juan Pedro. História da República Jesuítica do Paraguay. Rio de Janeiro, 1863.
GELMAN, Jorge. Una región y una chacra en la campaña rioplatense:las condiciones de la produción triguera a fines de la epoca colonial. Desarrollo Economico.Buenos Aires V 28, N°:112. Enero-Marzo 1989.
GIBERTI, Horacio C.E. Historia economica de la ganaderia argentina. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1970. (Nueva edicion actualizada y corregida).
GONZALES, Luis Rodolfo Rissotto. La importancia de las Misiones Jesuíticas en la Formación de la sociedad Uruguaya. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, V:XV, N0 1: 191-214. Junho 1989.
GUTIERREZ, Ramon. Estrutura urbana de las misiones jesuíticas del Paraguay. Asentamientos urbanos y organización socio-produtiva en la historia de América Latina. Buenos Aires: Ediciones SIAP. 1977. Compilador:HARDOY, Jorge & SHAEDEL, Richard.
_____. La evangelización atraves de la arquitetura y el arte en las misiones jesuíticas de los Guaranies. La evangelizacion en el Paraguay: cuatro siglos de historia.Asunción: Ed Loyola, 1979.
HAUBERT, Maxime. Índios e Jesuítas no tempo das missões. São Paulo: Companhia das Letras/ Circulo do Livro. 1990. (A vida cotidiana).
HERNANDEZ, Pablo. Organización social de las doctrinas Guaranies de la Compañia de Jesus. Barcelona: Gustavo Gili, 1913. 2 V.
JOHNSON, Lyman L. "Estimaciones de la población de Buenos Aires en 1744, 1778 y 1810" In: Desarrollo Economico, V 19, 1979, pp.107-119.
JOHNSON Lyman & SOCOLOW, Susan Migden. Población y espacio en el Buenos Aires del siglo XVIII. In:Desarrollo economico. Buenos Aires.V 20, No 79 (octu-diciembre 1980), pp.329-349.
KERN, Arno Alvarez. Missões:uma utopia política. 1a edição. Porto Alegre: Mercado Aberto,1982.
_____. O processo historico platino no século XVII:da aldeia guarani ao povoado missioneiro. Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, 11(1):23-41, jul 1985.
_____. Problemas Teóricos-metodológicos relativos a Análise do processo Histórico missioneiro. Anais da VI Reunião da SBPH, 1986.
_____. As utopias, o utopismo e as miss§es Jesuítico-Guaranis. Anais da X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Curitiba,1991.
LAFUENTE, Machain, Ricardo de. Los portugueses en Buenos Aires (siglo XVII). Madrid. 1931.
_____. Buenos Aires en el Siglo XVII. Buenos Aires: Emece Editores S.A, 1944.

_____. Buenos Aires en el Siglo XVIII. Buenos Aires:municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires. Secretaria de Cultura,1980.

LAPA, José Roberto do Amaral. O Antigo Sistema Colonial. São Paulo: Editora Brasiliense,1982. (Coleção Primeiros Vôos, n 8).

LIZARRAGA, Reginaldo de. Descripción Colonial. Buenos Aires, 1928, 2 Vs.

LUGON, Clovis. A República "comunista" cristã dos Guaranis. Rio de Janeiro: Paz e terra,1977.3a edição.

MADERO, Eduardo. Historia del Puerto de Buenos Aires, descubrimiento del Rio de la Plata y de sus principales afluentes, y fundación de las mas antiguas ciudades en sus margenes.Tercera edición. Buenos Aires: Ediciones Buenos Aires (Casa de Francisco A.Colombo). 1939, 3a edição. (1a edição:1891).

MAEDER, Ernesto J & BOLSI, Alfredo S. La población de las misiones guaraníes entre 1702-1767. In: Estudios Paraguayos. Revista de la Universidad de la Asunción". Vol II, N0 1, 1974:111-137.

_____. La población Guarani de las misiones jesuíticas. Evolución y características (1671-1767) In: Cuadernos de Geo Historia Regional. N° 4. Instituto de Investigaciones. Geohistóricas. Conecet. Fundanord. Corrientes. 1983.

MAEDER, Ernesto J.A. La población de las misiones de guaranies(1641-1682). Reubicación de los pueblos e consecuencias demograficas. Estudos Ibero-americanos.Porto Alegre, V:XV, No 1:49-65.Junho 1989.

MATEOS, Francisco S.J. "Cartas de indios cristianos del Paraguay", Missionalia Hispanica 6, Madrid, 1949, pp.547-572.

_____. El tratado de limites entre España y Portugal de 1750 y las misiones del Paraguay. Madrid. Instituto "Gonzalo Fernandez de Oviedo"/ Consejo Superior de Investigaciones Cientificas,1952.

MAURO, Frederic. Expansão Européia (1600-1870). São Paulo: Pioneira/Edusp, 1980.

MAYO, Carlos. Estancia y peonaje en la región pampeana en la segunda mitad del siglo XVIII. Desarrollo Econômico, V 23 N:92.Enero-marzo 1984.

MELIA, Bartomeu S.J. Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial. Estudios Paraguayos, Asunción, 6(1):157-67,set. 1978.

_____. El Guaraní conquistado y reducido. Ensayo de etnohistoria. Asunción: Centro de Estudios Antropologicos de la Universidad Católica, 1986. (Biblioteca Paraguaya de Antropologia, vol 5).

_____. O Guarani; uma bibliografia etnológica. Santo Angelo: Fundação Missioneira de Ensino Superior, 1987.

_____. Missão por redução. Estudos Leopoldenses. São Leopoldo. Volume 25 (110:21-36). Maio-Junho 1989.

MOLAS, Mariano Antonio. Descripción historica de la antigua provincia del Paraguay. Prefácio y notas de Oscar Ferreiro. Buenos Aires: Nizza (Lumen), 1957.3a edição.

MONNER SANS, Ricardo. Misiones guaraníticas (1607-1800): pinceladas históricas. Buenos Aires: Imp. de Pablo E Coni Hijos, 1892.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. A Colonia do Sacramento (1680-1777). Porto Alegre: Editora Globo, 1937, 2 volumes.

MONTOYA, Alfredo, J. Como evolucionó la ganaderia en la Época del Virreinato. Buenos Aires: Plus Ultra, 1984.

MÖRNER, Magnus. Panorama de la sociedad del Rio de la Plata durante la primera mitad del siglo XVIII. Estudios Americanos, N0 92-93. Sevilha,1959.

_____. Actividades políticas y economicas de los jesuítas en el Rio de la Plata. Buenos Aires: Hyspamérica. Ediciones Argentina, 1985.

MORENO, Jose Luis. Población y sociedad en el Buenos Aires rural a mediados del siglo XVIII. In: Desarrollo Economico. Buenos Aires, V 29. N° 114 (julio-setiembre 1989), pp.265-282.

MORSE, Richard. O espelho do prospero:cultura e idéias nas Américas.São Paulo: Companhia das Letras. 1988.

MOUTOUKIAS, Zacarias. Contrabando y control colonial en el siglo XVII. Buenos Aires: Bibliotecas Universitárias,1981.

NEUMANN, Eduardo. A participação guarani missioneira na vida colonial Rio-platense. Cadernos de Estudo, CPG-Historia/UFRGS. No 7. Dezembro 1993. (Pesquisas recentes em história social: Índios e negros no Rio da Prata).

NEVES, Luis Felipe Baeta. O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. Iconografia Missioneira (um estudo das imagens das reduç§es jesuítico-guaranis) (Dissertaçãso de Mestrado). Porto Alegre: Pós-Graduação em História, PUCRS, 1993.

OSÓRIO, Helen. A apropriação de terras e a criação do espaço platino (Dissertação de Mestrado). CPG-UFRGS, 1991.

OTS, Capdequi. El estado español en las Indias. 1a edição:1941. México. Fondo de cultura economica,1965.

PEÑA, Enrique. Don Jacinto de Lariz: turbulencias de su gobierno en el Rio de la Plata.(1646-1653). Madrid: Libreria general de Victoriano Suarez,1911.

PERAMAS, Jose Manuel. La república de Platon y los Guaranies. Traducción y notas de Juan Cortes del Pino. Prologo de Guillermo Furlong S.J. Buenos Aires. Emece Editores S.A. Talleres graficos de la Cia Impresora Argentina S.A, 1946.

PEREZ, Herrero Pedro. Comércio y mercados en América Latina Colonial. Madrid: Editorial MAPFRE,1992.

PILLADO, Jose Antonio. Buenos Aires colonial. Estudios históricos. Nueva edición revisada y corregida por Luis Antunez Vilgre. Buenos Aires: Editora Bonaerense. 1943.

PLA, Josefina. Hermano negro. La esclavitud en Paraguay. Madrid, Paraninfo, 1972 (Colección Puma).

PLANAS, Enrique. Los jesuítas en el Rio de la Plata- Historia de las misiones en la epoca colonial. Buenos Aires: Atlantida, 1941.

POPESCU, Orestes. El sistema econômico en las misiones jesuíticas. Bahia Blanca: Editora "Pampa-mar", 1952.

PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai. 2a edição. Porto Alegre: Livraria Selbach. 1954. Volumes III e IV; 1 e 2 partes. (Jesuítas no Sul do Brasil).

RAVIGNANI, Emilio. Crecimiento de la población en Buenos Aires y su campaña (1726-1810) (Introd) In:Documentos para la Historia Argentina. Tomo X. Padrones de la ciudad y campaña de Buenos Aires. Universidad de Buenos Aires. Facultad de Filosofia y Letras. Publicaciones del instituto de investigaciones historicas. Buenos Aires. Peuser, 1920-e1955.

REVELLO, Jose Torre. Crónica de Buenos Aires Colonial. Editorial Bajel. Buenos Aires. 1943. (Biblioteca Historia Colonial).

RIBERA, Adolfo Luis. El retrato en Buenos Aires (1580-1870). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1936.(Colección de IV centenário de Buenos Aires).

RIVAROLA, Juan Batista Paoli. La Economia Colonial. Assunción, 1986. (Colección: Tratado de História Economica del Paraguay.Tomo I).

ROJAS, Alberto. Los jesuítas en el Paraguay (y otros artículos). Asunción. 1936.

ROMERO, Jose Luis. Latinoamerica: Las Ciudades y las Ideas. 2a edição. Mexico: Siglo Veintiuno Editores, S.A, 1976.

RUGGIERO, Romano. Mecanismos de conquista colonial. São Paulo: Editora Perspectiva,1973.

SA, Simão Pereira de. História topográfica e bílica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata. 1a edição Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1900. (2a edição, integral:Porto Alegre, RBS e Banco Real, 1993).

SANCHEZ, Labrador Jose S.I. El Paraguay católico. Buenos Aires: Imp.Coni Hermanos,1910. 3 v.

SANTOS, Maria Cristina. Os movimentos guarani de resistência à colonização da bacia platina 1537/1660 (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Pós-graduação em História, PUCRS, 1988.

SHAVELZON, Daniel. Arqueologia Histórica de Buenos Aires. (La cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX). Buenos Aires: Ediciones Corregidor,1991.

SOCOLOW, Susan Migden. La burguesia comerciante de Buenos Aires en el siglo XVIII in Desarrollo economico, Buenos Aires, V 18, N°:70. Julio-Setembre 1978, pp.205-216.

SOLANO, Francisco de. Politica de concentración de la población indÝgena (1500-1800): objetivos, proceso, problemas, resultados. In: Asentamientos urbanos y organización socio-política en la História de America Latina. Buenos Aires. Ediciones Siap,1977.

STUDER, Elena F.S de. La trata de negros en el Rio de la Plata durante el siglo XVIII. Buenos Aires: Libros de Hispanoamerica (Talleres Edigraf S.A), 1984.

SUSNIK, Branislava. Los aborigenes del Paraguai -etnohistoria de los guaranies - Época Colonial. Asunción: Museo Etnografico "Andres Barbero", 1979-1980.

_____. "La cultura indigena y su organización social dentro de las Misiones Jesuíticas". Publicado en Suplemento Antropologicos, Vol: XIX, N° 2, diciembro de 1984. Revista del Centro de Estudios Antropologicos de la Universidad Católica del Paraguay, Asunción, 1984.

TANDER, Enrique. Trabajo forzado y trabajo libre en el Potosi Colonial Tardio. Desarrollo Economico V:20, N° 80 (enero-marzo 1981).

TANDER, Enrique & WACHETEL Nathan. Precios y producción agraria. Potosi y Charcas en el siglo XVIII. Desarrollo economico, V:23, N° 90(julio-setiembre 1985), pp.197-232.

TAULLARD, Alejandro. Nuestro antiguo Buenos Aires. Buenos Aires: Talleres Jacobo Peuser LTDA,1927.

_____. Los planos más antiguos de Buenos Aires 1580-1880. Buenos Aires: Jacobo Peuser,1940.

TESCHAUER, Carlos S.J. História do Rio Grande do Sul dos Dous primeiros Século. Porto Alegre: Livraria Selbach,1918 Tomo I (1626-1637).

THOMPSON, Edward Palmer. Tradición, revuelta y consciência de clase. Barcelona: Ed.Critica, 1984. 2a edição.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. A cultura material do Guarani Missioneiro como símbolo de identidade étnica (Dissertação de mestrado). Florianópolis: PPGAS, UFSC, 1991.

TORRE REVELLO, Jose. Crónica de Buenos Aires Colonial. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.(Bib.Hist Colonial).

_____. Yapeyu (ensaio histórico). Buenos Aires: Instituto Nacional San Martiniano. (E.G.L.H), 1958.

VAINFAS, Ronaldo. Economia e Sociedade na América Espanhola. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.(Biblioteca de História: v.n 11).

VELAZQUEZ, Rafael Eladio. "Rebelión de los Ýndios de Arecaya en 1660. Reación indígena contra los excesos de la encomienda en el Paraguay", in Revista Paraguaya de Sociologia, año 1(2), 1965,pp.21-56.

_____. Navegación paraguaya de los siglos XVIII y XVIII. Talleres de El Gráfico, 1973. Es tirada aparte de "Estudios Paraguayos", VI, n 1.

VILAR, Pierre. Ouro e Moeda na História (1450-1920). Tradução: Philomena Gebran. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980. (Coleção econômica, v 13).

VILLARINO, Maria de. Memoria de Buenos Aires. Buenos Aires: Editorial SudAmerica, 1979. (Colección "El Espejo").

WOLF, Philippe & MAURO, Frederic. La epoca del artesanato (siglos V-XVIII). Tradução de Joaquim Romero. Barcelona: Grijalbo, 1965.Tomo 2.(Coleção História General del Trabajo, dir: Louis Henri Parias 4 vol.).

ZABALA, Romulo & GANDIA Enrique. História de la ciudad de Buenos Aires. Publicación de la Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, Tomo I, 1536-1718. Buenos Aires, 1936.

ZINNY, Antonio. História de los Gobernantes del Paraguay (1535-1887). Buenos Aires: Imprenta y Libreria de Mayo, 1887.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

EVANGRAF
EVANDINA RICHARTZ PELLIZZATO
Rua Waldomiro Schapka, 77
91530-390 - Porto Alegre - RS
Fone: 336.2466 - Fax: 336.0422

NOVIDADES E REEDIÇÕES

ABC do Tradicionalismo Gaúcho - 4ª ed. - Salvador Ferrando Lamberty
Antologia Poética para prendas e peões - 1ª ed. - Jurema Chaves
Aspectos da Culinária Gaúcha (no Rio Grande do Sul) - 1ª ed. - Mestre Leite
Aspectos da Cultura (no Rio Grande do Sul) - Diversos
Aspectos do Folclore (no Rio Grande do Sul) - 3ª ed. - Diversos
Aspectos da Geografia (no Rio Grande do Sul) - 3ª ed. - Diversos
Aspectos da História (no Rio Grande do Sul) - 5ª ed. - Júlio Quevedo
Bagé - No Caminho da História do Rio Grande do Sul - 1ª ed. - Elizabete Macedo Fagundes
Campos de Areia (Poesia Crioula) - 2ª ed. - J. O. Nogueira Leiria
Cartilha da História do Rio Grande do Sul) - 2ª ed. - Antonio Augusto Fagundes
Chão Batido (Poesia Crioula) - 1ª ed. - Luiz Menezes
Casos do Romualdo - J. Simões Lopes Neto
Contos Gauchescos - J. Simões Lopes Neto
Cozinhando com Mestre Leite (Cozinha Gaúcha) - 3ª ed.
Curso de Tradicionalismo Gaúcho - 2ª ed. - Antonio Augusto Fagundes
David Canabarro (de Tenente a General) - Ivo Caggiani
Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul - 6ª ed. - Zeno Cardoso Nunes / Rui Cardoso Nunes
Flores da Cunha (biografia) - 1ª ed. - Ivo Caggiani
Guerra Guaranítica, A. - 1ª ed. Rejane S. Several
Juca Tigre e o Caudilhismo Maragato: Poder, Tempo e Memória - 1ª ed. Elio Chaves Flores.
Lendas do Sul - J. Simões Lopes Neto
Martin Fierro (Português x Espanhol) - José Hernández - 6ª ed. (Edição de Luxo)
Mini-Dicionário Guasca - 3ª ed. - Zeno Cardoso Nunes/ Rui Cardoso Nunes
Mitos e Lendas do RS - 3ª ed. - Antonio Augusto Fagundes
Os "Mucker" (A Tragédia Histórica do Ferrabraz) - Ambrósio Schupp
Rafael Cabeda - Símbolo do Federalismo - Ivo Caggiani
Romance de Estrada Longa - versos crioulos - 1 ª ed. - Eron Vaz Mattos
Um crime de Lesa-História - Santo Amaro - 1ª ed. Francisco Pereira Rodrigues

Atendemos pelo Reembolso Postal.
MARTINS LIVREIRO - EDITOR.
Riachuelo 1279, fundos.
Fone/Fax: (051) 224.4798
90010-271 - Porto Alegre - RS - Brasil
Remetemos nosso catálogo gratuitamente.

cendência hispânica para a execução dos *ofícios mecânicos*, contribuiu para que os guaranis missioneiros constituíssem a alternativa largamente acionada pelo poder público colonial para amenizar essa demanda laboral.

O interesse dessa pesquisa não é exclusivamente pelo número de realizações, ou por quantificar os objetos que foram transformados em mercadorias, mas, sim, indicar quem eram os homens responsáveis por tornar viáveis estas atividades, como e quando executavam os trabalhos.

A ativa participação dos guaranis missioneiros no auxílio e defesa das cidades coloniais, quer como "tropa auxiliar" previnindo-a de possíveis ataques estrangeiros, ou de *índios infiéis*, foi de suma importância. Atuavam ainda como força de trabalho nas obras públicas, colaborando na edificação de prédios, fortificações e nos trabalhos de construção naval bem como no transporte de mercadorias para o abastecimento dos mercados internos coloniais.

Este estudo demonstra que o desenvolvimento econômico de Buenos Aires, a partir do século XVIII, proporcionou aos guaranis evadidos das reduções a possibilidade de alugarem sua força de trabalho. A freqüência dos trabalhos prestados à esfera privada oscilou conforme a necessidade material e o *modus vivendi* adotado pelos guaranis quando abandonavam a redução.

MARTINS LIVREIRO - EDITOR

A preocupação central dessa obra é apontar a importância que representaram os guaranis missioneiros na manutenção da sociedade colonial. Procura-se, assim, lançar luzes sobre uma fração do passado rio-platense e ao mesmo tempo sinalizar uma lacuna existente na historiografia que versa sobre este período. Nesse sentido este livro pretende ser uma história social do trabalho, uma vez que busca explicitar os executores das atividades laborais realizadas nas Províncias do Rio da Prata.

Por estes motivos, durante os séculos XVII e XVIII, foram constantes as requisições para que os guaranis missioneiros aldeados sob a tutela jesuítica prestassem serviços ao poder público.

MARTINS LIVREIRO - EDITOR

O Trabalho Guarani Missioneiro no Rio da Prata Colonial